Diário de Lisboa

ANO 62.º N.º 20 932
Agosto 1982
Quinta-feira

19 20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Pressionando o PS a "definir-se" no Parlamento

Ramalho Eanes vetou Lei das Autarquias

«Encostar o PS à parede», obrigá-lo a «definir-se» parece ser o objectio principal do veto político que o Presidente da República decidiu aplicar ontem, durante a reunião do Conselho da Revolução, à Lei das Autarquias Locais.

Segundo meios próximos do CR revelaram ao «DL», o Partido Socialista não pode continuar a lavar as suas mãos «como Pilatos» e a «ocultar as suas responsabilidades» naquilo que «de negativo» tem vindo a acontecer na vida política portuguesa.

«A Lei das Autarquias Locais enferma grandes perigos, nomeadamente no que se refere ao sistema das urnas itinerantes. O PS deixou que a lei passasse, embora se afirme como partido democrático e na oposição. Terá agora de assumir as suas responsabilidades publicamente e não ao abrigo de manobras de bastidores» – revelou ao «DL» fonte fidedigna próxima do CR.

E a mesma fonte acrescentou: «é bem possível que se venha a verificar outros vetos políticos». Até que o PS «se defina?»...

Pág. 5

Faplas construíram defesas subterrâneas no Sul de Angola

- *Sul-africanos dizem que bombardeamentos visam evitar instalação de mísseis*

Os dois eixos rodoviários – Mulundo/Matala e Vuvelei-/Matala continuam a ser regularmente minados pelos grupos fantoches da UNITA que continuam a tentar montar emboscadas contra veículos a colunas militares da República Popular de Angola. sempre apoiados pela tropa racista sul-africana.

Um pouco mais a norte, alguns veículos, raros embora, percorrem a região semi-desértica onde, aparentemente, nenhuma presença humana é detectável. E, no entanto, a região é ocupada por uma importante unidade das FAPLA, perfeitamente equipada e que resiste, até agora com sucessos, a um dos exércitos mais aguerridos e mais modernos do mundo: o exército da África do Sul – diz o correspondente da France Presse.

Vários milhares de militares vivem debaixo de terra numa zona de vários quilómetros blindados, radares, artilharia antiaérea, estão perfeitamente camuflados.

Continua na pág 11

Evacuação de Beirute-Oeste

Begin aceitou o plano Habib

- *Guerrilheiros da OLP apenas podem levar consigo armas ligeiras*
- *Força multinacional de interposição só tem mandato por um mês*

Uma esperança renasceu nos internados de um hospital de ocasião, em Beirute: será que o pesadelo vai acabar?

EXCLUSIVO

Como paga Israel a guerra do Líbano

Págs. centrais

FIJ e OIJ acompanham em Lisboa caso ANOP

Pág. 5

Volta a Portugal

Fernando Carvalho da Ovarense vence isolado a 11.ª etapa

- *Chagas conserva a camisola amarela*

Fernando Carvalho, do Ovarense, venceu a etapa desta manhã, entre Oliveira do Hospital e Oliveira do Bairro, na distância de 104 quilómetros. Carvalho chegou isolado, completando a tirada no tempo de 2 horas, 40 minutos e 20 segundos, com mais de 2 minutos de vantagem em relação ao pelotão. Os 2.º e 3.º classificados nesta 11.ª etapa foram Carlos Santos do Porto e António Pinto da Coelima. A seguir entraram na meta o ex-camisola amarela António Fernandes e Marco Chagas, que conserva o cobiçado «jersey».

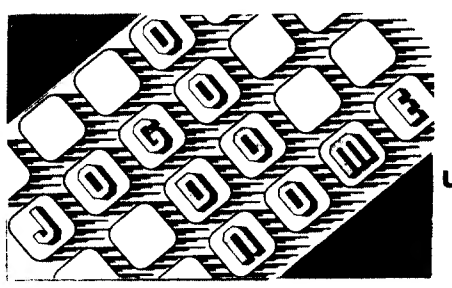
A fuga de Fernando Carvalho (filho do antigo ciclista do Académico do Porto Alberto de Carvalho, companheiro do malogrado Ribeiro da Silva) começou à entrada de Mortágua, e durou cerca de 58 quilómetros. O fugitivo arrecadou, ao longo da fuga, qualquer coisa como 124 mil escudos de prémios. Não se verificaram desistências.

(Noticiário da Volta na pág. 17)

Hoje há "Ler/Escrever"

Morreu o pintor Carlos Botelho

Pág. 7



11.º a 15.º prémios um extractor de sumos PROGRESS

HOJE MAIS TRÊS LETRAS DO JOGO 2

GANHE fabulosos prémios

Marcas que valem ouro!

GRUNDIG FAGOR PROGRESS Candy

NR NACIONAL RÁ... Representante Oficial

Págs. 13 e 14

Concurso «DL»/82

Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Indentificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.os 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● O leitor deve usar **apenas um boletim** por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O **BOLETIM DE INDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de indentidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● **O PRAZO DE ENVIO** termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17

— • —

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

RDP

Concertos de Verão

Orquestra Sinfónica da RDP

RUÍNAS DO CARMO

Sexta-feira, 20 de Agosto de 1982 - 21.30 horas

Maestro: Silva Pereira
Solista: Vasco Barbosa

I

ENTREACTO DA MÚSICA DE CENA «ROSAMUNDE» ..... SCHUBERT
CONCERTO N.º 4, PARA VIOLINO E ORQUESTRA EM RÉ MENOR, Op. 31 ..... VIEUXTEMPS

II

SINFONIA N.º 39, EM MI BEMOL, K. 543 . MOZART

ENTRADA LIVRE

Os tremores de terra: previsão? protecção?

Haroun Tazieff (*)

A política oficial consistiu durante longo tempo em fechar os olhos a esta certeza: tremores de terra tão violentos como, por exemplo, os de Agadir ou de El-Asnan ameaçam a França tanto na metrópole como no ultramar. Para um governo é, com efeito, mais cómodo ignorar ou fingir ignorar o que incomoda na esperança de que a catástrofe, visto só ocorrer mais ou menos de cem em cem anos, não se dê durante a sua estadia no poder.

Ora esse desejo oficioso de negar uma evidência lamentável acaba de desaparecer e logo surgem ideias, debates, reflexões e estudos, tanto por parte de engenheiros como de arquitectos, de urbanistas, de investigadores científicos, de universitários e juristas e mesmo de responsáveis pela administração.

É, na verdade, uma coisa excelente, e, por ter clamado no deserto durante vinte anos (desde 1960, data da minha própria tomada de consciência por ocasião do terrível sismo do Chile, até 1980, data do de El-Asnan, tão próximo que é quase francês e contribuiu em grande parte para abrir olhos obstinadamenoe fechados), sinto uma profunda satisfação com esta mudança. Desde que as forças internas do planeta continuem a ter paciência durante os anos necessários à decisão das medidas de prevenção a tomar e depois que elas sejam tomadas.

Tecnicamente conhecidas, estas medidas deviam ser objecto de textos legislativos que dependem das incertezas aparentes no que diz respeito à gravidade da ameaça nas diversas partes do território nacional. E as discussões provocadas pela definição e classificação das zonas de risco sísmico são geradoras de ineficácia.

Estas discussões giram antes de mais à volta das limitações geográficas das superfícies do território susceptíveis de serem sacudidas o bastante para que os edifícios caiam e, eventualmente, façam vítimas. Dizem depois respeito à probabilidade desse risco. Limites estritamente – e estupidamente – administrativos dão origem a uma infinidade de interpretações, por vezes contraditórias, e impedem a clareza indispensável na aplicação racional das normas de construção parassísmica, da tarifação dos seguros, do reforço preventivo dos edifícios existentes.

Como o todo o bizantinismo, este bizantinismo é inútil: a única noção que importa é saber se, sim ou não, determinada zona já teve determinada intensidade sísmica.

Uma prevenção eficaz

A noção de repetições periódicas ou pseudoperiódicas das várias espécies de catástrofes naturais (inundações, sismos, secas...), e que se diz «decenal» ou «centenal» não pode ser tomada em consideração quando se trata da salvaguarda tanto das vidas humanas como da infra-estrutura económica. Essa noção, com efeito, faz crer que, na verdade, um lapso de tempo de dez ou cem anos separa, na realidade, dois acontecimentos consecutivos. Ora não é assim, como tantos exemplos o demonstram.

O conhecimento que actualmente se tem destes fenómenos não permite determinar as suas recorrências e estas não têm, na verdade, nada de regular. Basta que aqueles que pensam o contrário verifiquem a impossibilidade de prever, salvo casos excepcionais, e para além de um prazo extremamente curto, a evolução do tempo. Ora a meteorologia dispõe de dados estatísticos muito mais abundantes e portanto mais válidos para o cálculo das probabilidades, do que os que possuímos para os sismos. Ela tem igualmente meios de colheita de informações imediatas, incomparavelmente superiores àqueles de que dispõe a sismologia. Enfim, o fenómeno natural – e complexo – que ela estuda é criado e desenvolve-se na atmosfera, meio acessível à observação visual e às medidas directas, ao contrário desse outro fenómeno natural que é o tremor de terra.

Ora nenhum ciclo regular pôde ser posto em evidência, nem para o clima, nem para as secas, nem para as inundações, que são, todas elas, consequência das flutuações atmosféricas. **A fortiori** no que diz respeito aos sismos. Consequentemente, aqueles que têm a responsabilidade da diminuição dos riscos naturais não se podem apoiar em probabilidades nem em pretensos ciclos de recorrência. Mas unicamente em certezas, por mais imprecisas que essas certezas possam ser.

Tais certezas resultam de uma aproximação pragmática e aparentemente simplista da seguinte alternativa: o local em causa será ou não susceptível de sofrer um cataclismo natural? Se o não é não vale a pena ter precauções. Se o é, e seja qual for o pseudo-período de repetição, é imperativo que se faça o necessário para uma prevenção eficaz.

Até muito recentemente (por volta de 1950), o exemplo da atitude a adoptar para prever os efeitos de catástrofes conhecidas por serem certas embora muito espaçadas (às vezes um século, às vezes mais) era dada pelas populações dos Alpes (entre outras). Essas populações evitavam construir nas zonas que, segundo a tradição, tinham sido varridas, nem que fosse uma só vez, por uma avalancha excepcional.

Mutatis mutandis o mesmo acontece com as inundações e sismos destruidores. No que diz respeito a estes últimos, o que convém tomar prioritariamente em consideração é a resposta, de carácter alternativo, à pergunta: o local onde se vai construir (ou o local onde determinado edifício ou determinada obra de génio civil já existe terá ou não sofrido no passado uma sacudidela de intensidade 8 ou mais? O «um ou zero» dualista. (Um choque de intensidade 7 e até 6 pode, de resto, dar origem a desastres e até provocar acidentes. Mas sublinhemos o «risco maior». 8).

Se a resposta é afirmativa isto significa que a sismicidade é um fenómeno geológico e afecta, consequentemente, uma dada zona durante períodos da ordem dos milhões de anos. É pois geologicamente certo que sismos da mesma intensidade ou de intensidades superiores, se produzirão nesse local. E isto num futuro que parte do imediato e vai, na escala humana, até à eternidade.

Uma visão dualista

Não há nenhuma possibilidade de prever, mesmo que fosse mais século menos século, o momento da repetição: nem possibilidade estatística – embora a estatística possa ser de alguma utilidade, até para a previsão dos fenómenos naturais aleatórios – nem possibilidade baseada no estudo tanto fisico-químico e mecânico da sismicidade regional, como sobre a sua fenomenologia. O grande e notável êxito obtido em 1975 na China Oriental aquandb do sismo de Liao-Ning não é mais do que a excepção espectacular que confirma a regra da imprevisibilidade dos sismos.

Para assegurar uma prevenção eficaz, os responsáveis, obrigados ao pragmatismo, devem consequentemente ter em conta o facto de um tremor de terra destruidor vir a produzir-se um dia na zona considerada: o mapa de sismicidade da França, que estes responsáveis vão utilizar para tomar as suas decisões, será de um carácter maniqueísta: em branco as regiões que nunca foram sacudidas por um sismo de intensidade 8, em negro as zonas historicamente afectadas por tremores 8 ou mais. Esta carta será realizada da maneira menos subjectiva possível, com a simples marcação do contorno da zona isossista de intensidade 8 de cada um dos sismos conhecidos. (Também se pode estabelecer uma carta onde o limite corresponderia aos isossistas 7; ou, como o Uniform Building Co da Califórnia, delimitar simplesmente as zonas nas quais os efeitos previstos serão destruidores, moderados ou fracos; ou ainda, como a carta das quatro zonas de intensidade dos Estados Unidos: zona 0: sem prejuízos; zona 1: leves prejuízos; zona 2: prejuízos moderados; zona 3: prejuízos importantes).

A fim de escolher as normas parassísmicas a aplicar nas zonas negras da nossa carta «dualista», os responsáveis só terão de definir a qual das categorias seguintes pertence o edifício ou a obra em causa, quer se trate de um edifício existente ou a construir:

1) Obras que é essencial preservar integralmente (tal como os hospitais, as fábricas nucleares ou químicas, as torres de controlo aéreo, as barragens, algumas pontes...);

2) Trabalhos parassísmicos que garantam a segurança das pessoas, mas nos quais se toleram certos prejuízos que terão de ser reparados depois do sismo;

3) Edifícios construídos para não caírem (e portanto matar e ferir) mas que depois será necessário abater por ficarem muito degradados;

4) Edifícios não habitados, cuja derrocada eventual é aceite, como hangares, armazéns, etc.

Quer isto dizer que todos os edifícios existentes, susceptíveis de cair, mesmo que parcialmefte, por ocasião de um choque VIII ou mais, deverão ser reforçados ou arrasados.

Só esta observação dualista da vulnerabilidade de um dado lugar, unicamente baseada, devido ao actual estado dos conhecimentos, na sismicidade histórica da região, permitirá não só legislar seriamente na matéria, como utilizar de um modo racional as técnicas parassísmicas, escolhendo as modalidades mais adequadas. E salvar assim a vida das pessoas.

Para terminar direi que, para prever as catástrofes naturais, ditas de carácter aleatório, isto é, as catástrofes que nada permite prever com exactidão nem no tempo nem no espaço, fenómenos que, por serem aleatórios não são planificáveis, é necessário planificar, e com rigor, os meios de nos preservarmos: construir barragens e diques para minimizar o efeito tanto das enchentes como das secas, construir, respeitando as normas parassísmicas, consolidar os edifícios existentes para que eles não caiam sobre os habitantes de uma região ameaçada por qualquer tremor de terra, nem seja paralisada a economia. Tudo isto deve fazer parte da planificação a longo prazo.

O facto de numerosos ministérios e numerosas instituições, públicas e privadas, estarem implicadas numa tal programação, levou o governo a criar um organismo cuja tarefa essencial é coordenar os esforços, que, sem isso, estariam dispersos, e incitar as diversas competências implicadas, a tomar as medidas que a razão impõe, mas às quais, muitas vezes se opõem demasiados obstáculos: é o «Comissariado para o Estudo e a Prevenção dos Grandes Riscos Naturais».

(*) Comissário para o Estudo e a Prevenção dos Grandes Riscos Naturais.

moralidades e invenções

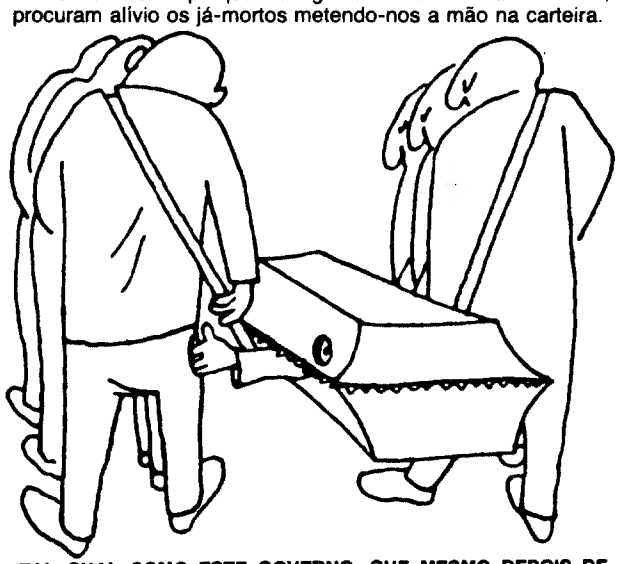
Joaquim Namorado

O «orrível» caso do cadáver-vivo

CONTA-SE que um dos grandes e influentes jornais ingleses, desses cuja opinião é decisiva nos meandros da política interna e dão o lamiré no concerto das nações, de que não cito o nome para evitar desmentidos e pedidos de indemnização, anunciou a morte de um cavalheiro que nada fazia de especial, mas tinha a importância suficiente para ter a honra de figurar na secção necrológica de um grande diário. A notícia era falsa e o dado-por-morto apressou-se a pedir um desmentido à direcção do jornal. A resposta que recebeu deixou-o siderado: era-lhe negado, nem mais nem menos, qualquer desmentido, o jornal era infalível e o que noticiava infalivelmente certo, colhia sempre em boa e bem informada fonte.

Que iria passar-se na Bolsa se se espalhasse que um jornal como aquele, uma bíblia dos negócios, publicava notícias falsas? Quem confiaria daí em diante na cotação de títulos que era ladaínha de toda a finança? Quem acreditaria depois no noticiário nacional e internacional que dava de mistura com alguns palpites, opiniões acertadas e secretas intrigas? Que crédito teriam então as suas previsões meteorológicas, os resultados das corridas de cavalos e dos desafios de futebol? E tudo o mais... Não, se a notícia havia sido dada por um órgão tão seguro da sua informação, o cavalheiro só tinha uma coisa a fazer, sob pena de se tornar um elemento subdesestabilizador da situação estabelecida: morrer realmente, cumprindo desse modo o seu dever. O dado-por-morto não se resignou à morte prévia e recorreu da terrível sentença para os tribunais de várias instâncias, meteu cunhas, pediu a intervenção das autoridades civis, militares e eclesiásticas, invocou o apoio moral a seu favor de prestigiosos organismos internacionais, não conseguindo todavia senão uma aparência de reparação para engano tão fatal: o seu nome viria incluído na secção de nascimentos do periódico e desse modo voltava a existir.

A continuação da história é feita como facilmente imaginam de diabólicas confusões enredando a vida de um pobre homem entre o grotesco da comédia e as agruras do drama. Não podia deixar de ser trágico o destino de quem era ao mesmo tempo o cadáver insepulto de um senhor de certa idade e uma criança de mama. Seria extremamente fácil especular agora com o caso narrando factos e situações acontecidas, inventando outros como as circunstâncias o consentem, no confuso e burlesco embrechado, simultaneamente ridículo e pungente, em que de certeza se tornou a vida de um cadáver-vivo, que nunca mais soube às quantas andava, a que mundo pertencia a sua alma: se às inocentes delícias do limbo, se aos tormentos do inferno cá da terra. Mas essa especulação está fora dos meus propósitos, procuro uma moralidade menos anedótica e uma invenção mais sofisticada, embora corra o risco de me enganar, que nada há de mais complicado do que o que se quer evidente. Confesso que a minha intenção foi sempre fustigar as verdadeiras-mentiras que se afirmam sem que a sua demonstrada falsidade se corrija, foi denunciar os erros cometidos que nunca se emendam, porque a confissão do engano se afigura sempre a certas obscuras e ortorrômbicas mentalidades uma quebra de crédito e de prestígio. Mas cuidado: o que no individual é trágicómico e nos merece na generalidade pouco mais do que um traço de amarga ironia, assume no colectivo um carácter duma imperiosa tirania terrorista, onde as meias-verdades se afeitam às conveniências do poder e as mentiras mais evidentes se afirmam como verdades imanando de iluminadas fontes e secretas razões de estado. O drama do cadáver-vivo agrava-se quando na vida social o que já morreu persiste em existir na forma fantasmagórica de um futuro abortado. dizendo-se Destino e Realização, usando uma linguagem despropositada, fora da medida do seus interesses e dos seus fins. E porque na agonia a «falta de ar» é certa, procuram alívio os já-mortos metendo-nos a mão na carteira.



«TAL QUAL COMO ESTE GOVERNO, QUE MESMO DEPOIS DE MORTO AINDA NOS METE A MÃO NA CARTEIRA».

Lev e Ernest Grigo – URSS

Os malefícios das desvalorizações do escudo

Silva Falcão

Um dos problemas cruciais da economia portuguesa reside na posição da sua balança comercial. O quadro é claro: num país que continua a aceitar os moldes permissivos de uma sociedade de consumo, ou com maior rigor, num país que continua a aceitar os moldes permissivos de uma sociedade de consumo supérfluo e sumptuário, com uma produção longe dos níveis de desenfreado consumo, acima das possibilidades de Portugal e dos próprios habitantes, muitos a viverem vida fictícia, as importações não páram de crescer, sem contrapartida nos valores exportados. Não se inventam questões. Os dados estatísticos são suficientemente claros. Claros e preocupantes. Senão vejamos. De acordo com os números do Banco de Portugal, o défice da Balança Comercial Portuguesa era em 1974 de 60,0 milhões de contos. Houve em 1975 uma descida desse défice para 50,1 milhões de contos. O país parecia entrar no bom caminho, Surgiu entretanto a contra-revolução, dominada no campo económico pela recuperação capitalista. Em 1976 o défice era já de 75,7 milhões de contos. Esse défice não cessou de ser acrescido até à actualidade: com valores em milhões de contos, temos as expressões seguintes: 1977-113,0; 1978-123,6; 1979-155,8 e 1980-236,2. Em 1981, o défice terá ultrapassado os 330 milhões de contos. «Isto», caros amigos, são números, sem qualquer laivo de demagogia. Estes números abrem a porta da inquietação. Onde vamos parar? Decerto à quebra da independência, se é que no momento ainda desfruta o país dessa independência. No entanto, quando Portugal passou a ser gerido na órbita económica pelos ditames do Fundo Monetário Internacional, as receitas prescritas por esse Fundo assentavam numa meta: anular, ou pelo menos aligeirar, o défice da balança comercial. Para a consecução desta meta, se decretaram medidas de austeridade, na realidade medidas de austeridade para o povo que trabalha e sofre. Houve sacrifícios e ninguém de boa-fé pode ignorar o facto. Esses sacrifícios foram em pura perda. A meta apregoada não foi atingida, muito pelo contrário: todo o receituário do Fundo Monetário Internacional ruiu pela base. É um facto indesmentível e indesmentido. E não se trata de uma constatação «a posteriori». Na altura da triste viragem da nossa economia, referimos que Portugal não iria naturalmente ser o primeiro país do Mundo onde resultariam as receitas do mencionado instrumento do imperialismo. Ignorou-se, pura e simplesmente, a mensagem de Cheryl Payer na elucidativa e documentada obra, «A armadilha da dívida externa. O Fundo Monetário Internacional e o desenvolvimento da dependência». Uma meta foi alcançada: Portugal é hoje, mais do que nunca, dependente do estrangeiro. Não tardará o momento em que o País tenha que se vergar incondicionalmente ante as ordens vindas do exterior, com o Povo a ser servido numa bandeja em contrapartida dos insaciáveis apetites dos potentados financeiros e das multinacionais. Para isso trabalham alguns, e não só no estrangeiro. Há erros clamorosos dos governantes que não podem ser tomados como manifestação de incompetência. Não, eles até são competentes.

O problema subsiste e agrava-se. Repete-se que os défices da balança comercial não cessam de crescer, situando-se já numa posição de ruptura. Entretanto, os governantes persistem no camino que o passado mostrou ser movediço, não resultar, se se procura a regeneração da situação económico-financeira do país. E o caso, por exemplo, das desvalorizações do escudo. Existem várias medidas tendentes a combater os défices da balança comercial e a este tema voltaremos em próximo artigo. Pois os governantes desde 1976 que optaram, entre outras medidas, pela solução de «depreciar a moeda». Foi inútil esta medida, está a ser inútil mas insiste-se. Decisão própria ou de encomenda?

A desvalorização do escudo tem sido uma constante desde que se imprimiu à economia portuguesa o cunho de recuperação capitalista. Socorramo-nos da publicação, «Indicadores Económicos», do Banco de Portugal. Um dólar valia em média 25$40 em 1974. Em 1975 valia 25$54. Em 1976 o dólar custava já 38$27, em 1978, 43$97, em 1979, 48$92, em 1980, 50$06. Em Junho de 1982, o dólar custava, valor médio, 79$72.

A desvalorização efectuada visava estimular as exportações, tornando mais competitivos os preços dos produtos nacionais, à escala internacional. Sabendo-se que os efeitos das desvalorizações não são mui significativos a curto prazo. analisemos os dados referentes aos dois últimos anos. O valor das exportações foi em 1980 de 457,5 milhões de dólares, para descer, em 1981, para 4147,9 milhões de dólares. Quanto às importações, o seu valor subiu de 1980 para 1981. No primeiro dos anos citados, o valor das importações foi de, em milhões de dólares, de 9 045,4, para se situar nos 9 799,5 milhões de dólares no ano seguinte. Os valores apresentados, de exportações e de importações, são valores médios anuais.

Pode assim concluir-se que as medidas empreendidas de desvalorização do escudo não conseguiram o objectivo almejado, pois as exportações prosseguiram a sua marcha descendente e as importações prosseguiram a sua marcha ascendente, factos que representam aliás uma outra face do agravamento da balança comercial. Este agravamento decorre naturalmente da degradação dos valores das exportações e dos valores das importações. Há o argumento possível de que, sem as desvalorizações do escudo seriam ainda mais negativas as nefastas variações dos volumes de exportações e das importações. Certo. Mas não se acredita que seja legítima a validade das medidas de desvalorização, se atentarmos na elevada expressão do défice da balança comercial, que sugere fracasso da medida adoptada, sobretudo se atentarmos nos malefícios no capítulo da inflação, por exemplo.

Em 1974, repete-se, um dólar custava em média 25$40, quando em Junho de 1982 um dólar custava em média 79$72. Assim, o importador português, quando pretende adquirir a mesma quantidade de dólares, é obrigado a entregar em Junho de 1982 ao banco português encarregado de efectuar o pagamento ao exportador estrangeiro 3,138 vezes mais escudos do que tinha que depositar em 1974. Esta circunstância vai reflectir-se no preço dos produtos importados. Para além da inflação importada, pela elevação em dólares dos produtos importados, terá de se considerar que os preços dos produtos que importamos subiram, só por via das desvalorizações, de 1974 até Junho de 1982 numa taxa que não se afasta muito dos 220%. Se não esquecermos que grande parte dos produtos importados são produtos basilares como cereais, açúcar, carne, café, oleaginosas, peixe, etc., teremos bem a imagem dos perniciósos reflexos na depauperada bolsa do português médio.

Entretanto, os produtos portugueses exportados, como os têxteis, hoje tão em foco, e a própria mão-de-obra portuguesa vêm-se tornando mais baratos

Continua na pág. 6

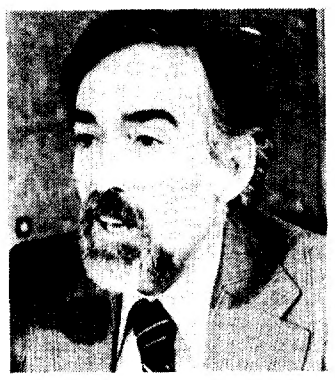
ponto a ponto

• Completa hoje 94 anos o nosso amigo coronel **Carlos Vilhena**, a quem desejamos um belo dia de aniversário. Carlos Vilhena, homem bem conhecido pela sua luta contra a ditadura salazarista, será homenageado por um significativo grupo de amigos e admiradores. Recorde-se que, depois do 25 de Abril, foi-lhe prestada a justíssima consagração que o seu passado antifascista plenamente justificava, no que foi sempre secundado e estimulado pela sua mulher, a professora Isabel Vilhena.

• A CIMPOR inaugura esta tarde, com a presença do Presidente da República, a 3.ª Linha de Produção do Centro de Exploração de Souselas. A chegada de Ramalho Eanes está prevista para as 15.30, iniciando-se a seguir a visita às novas instalações da CIMPOR.

• O **Presidente da República** recebeu ontem em audiência no Palácio de Belém, **Teresa Abrósio** e Victor Pessoa do I.E.D., que o convidaram para presidir à sessão solene inaugural das conferências sobre regionalização e desenvolvimento, a realizar em 7 de Outubro na Fundação Gulbenkian.

• O chefe do Estado-Maior da Armada, **Almirante Sousa Leitão**, recebeu no seu gabinete o presidente da Comissão Directiva da Aporvela, **Luís de Guimarães Lobato**, que ali se deslocou para agradecer a grande colaboração que a Armada prestou na organização e apoio da Lisbon Sail 82, que reuniu no Tejo cerca de 100 veleiros de 16 países.



• Membro do Conselho da Revolução, **Victor Alves**, encontra-se em visita oficial à China a convite do governo deste país, anunciou o seu gabinete.

Victor Alves, que partiu terça-feira para a China e deverá aí permanecer até ao fim do mês, é o primeiro membro do Conselho da Revolução a visitar oficialmente aquele país asiático.

Almeida e Costa, antigo membro do Conselho da Revolução, visitou anteriormente a China na qualidade de governador do território de Macau.

• O Partido Social Democrata utilizará o seu tempo de antena na radiodifusão portuguesa (antena 1), amanhã logo após o noticiário das 13 horas.

Na oportunidade, José Vitorino, membro da Comissão Política Nacional do PSD e secretário de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas, referirá aspectos da política social democrata no seu sector.

O programa contará também com a presença de João Francisco Ribeiro Correia, presidente da Câmara do Cadaval e de Ana Maria Bastos vereadora da Câmara Municipal de **Torres Vedras.**

comunicação social

Eanes à OIJ e FIJ

ANOP por outra agência – "pouco claro" o modo de substituição

Quando ontem recebeu em audiência Gerard Gatinot e Theo Bogaerts, respectivamente vice-presidente da OIJ e secretário-geral da FIJ, ambos em Lisboa para estudo do caso ANOP, o Presidente da República, general Ramalho Eanes, referiu-se ao modo «pouco claro» como surgiram os preparativos para a formação de outra agência, onde considerou ser notório o peso governamental.

Diria, ainda, o Presidente que existem contradições no discurso governamental que decidiu extinguir a agência, uma vez que meses antes esse mesmo discurso preconizara a sua expansão.

Salientou Ramalho Eanes, no entanto, não pretender interferir no direito que assiste ao Governo de gerir os dinheiros públicos, incluindo a possibilidade de extinguir empresas públicas.

Por fim, Eanes agradeceu a Gatinot e a Bogaerts o facto de se terem deslocado a Portugal para analisarem aspectos relacionados com o pluralismo na informação.

Mais tarde, os dirigentes da OIJ e da FIJ foram recebidos pelo secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro para a Comunicação Social, José Alfaia. Ambos os dirigentes se faziam acompanhar de Ribeiro Cardoso, do Sindicato dos Jornalistas. À audiência, em que foram abordados problemas genéricos da comunicação social em Portugal, e designadamente os que respeitam à ANOP, assistiram representantes de órgãos de Informação, além do director-geral da Informação.

Freitas do Amaral, a quem fora pedida segunda-feira uma audiência com Gerard Gatinot e Theo Boagaerts, respondeu manifestanto a sua impossibilidade para o encontro, sugerindo o nome de José Alfaia como sendo o membro do Governo indicado para o efectuar.

«Correio da Manhã»– despedimentos por greve

O matutino «Correio da Manhã» rescindiu ontem os contratos a prazo com dois dos seus sete jornalistas que paralisaram dia 10 no âmbito da greve do sector em protesto contra a medida governamental de extinção da ANOP.

Os dois jornalistas são Rui Tavares Guedes, estagiário, que assinou um contrato a prazo de seis meses no dia 11 de Agosto, e Margarida Bom de Sousa, estagiária de segundo ano, cujo contrato de seis meses fora renovado e terminaria em 1 de Janeiro de 1983.

«JN» compra livraria do «Século»

O «Jornal de Notícias», do Porto, comprou, através de concurso público, a livraria do ex-«Século», situada no Rossio, em Lisboa – revelou à ANOP uma fonte oficiosa.

O mesmo jornal portuense adquiriu ainda um armazém que, na cidade do Porto, funcionou muitos anos como delegação da distribuidora do extinto «Século». A escritura será lavrada antes do fim do mês.

Solidariedade internacional

Em conferência de imprensa esta manhã efectuada em Lisboa na Casa da Imprensa, Theo Bogaerts (secretário geral da FIJ) e Gerard Gatinot (vice-presidente da OIJ) afirmaram aos jornalistas portugueses que podem contar com a solidariedade internacional e anunciaram que as organizações que representam vão desencadear uma grande camapanha junto dos seus filiados para que pressionem as autoridades portuguesas no sentido de que a ANOP não seja extinta e, pelo contrário, continue a funcionar e a desenvolver-se.

«A obstinação do Governo português espanta-nos» – disse Theo Bogaerts. «As questões económicas que o secretário de Estado da Comunicação Social nos referiu não nos convenceram. É nítido que por trás das razões invocadas se escondem motivos de ordem política.»

Gerard Gatinot e Theo Bogaerts referiram com pormenores a entrevista de cerca de uma hora que o Presidente da República ontem lhes concedeu e mostraram-se sensibilizados com o modo como o Chefe de Estado encarou a sua presença em Portugal.

«O Presidente disse-nos que considerava a nossa presença importante e que não se tratava de uma ingerência nos assuntos internos portugueses, pois o que estava em causa era um princípio de base da democracia e dos direitos do homem – a liberdade de informação. Posição com a qual, obviamente, estamos de acordo.»

Os dois representantes das maiores organizações de jornalistas a nível mundial lembraram ainda que nos seus numerosos contactos em Portugal – PR, CR, AR, CI, Sindicato e numerosos jornalistas – todos deixaram claro que o trabalho da ANOP tem sido positivo, respeitando, de um ponto de vista profissional, a deontologia que os jornalistas devem ter sempre presente. As posições que ontem à tarde lhes foram transmitidas pelo secretário de Estado, José Alfaia, pareceram-lhes bastante confusas e contraditórias com as opiniões recolhidas noutros sectores. Exortaram depois os jornalistas portugueses a continuarem a lutar, com o mesmo vigor agora demonstrado, pela liberdade de informação.

jaime Antunes, do Conselho de Redacção da ANOP fez, no início da conferência, o ponto da situação do caso ANOP, referindo nomeadamente um encontro com o novo Conselho de Gerência da agência, o qual diz estar ali «para gerir e não para liquidar a empresa». Embora esta afirmação – que foi igualmente feita aos representantes da OIL e da FIJ – possa ser considerada como um indício positivo, os trabalhadores da ANOP «precisam de factos e não de palavras» – disse Jaime Antunes.

Eugénio Alves e Ribeiro Cardoso, em representação do Sindicato dos Jornalistas, estiveram também presentes na mesa que dirigiu os trabalhos.

Conspirações contra Angola: Angelo Correia sabia?

Governo português interessado numa investigação a fundo

— disse Paulo Marques

Paulo Marques, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, que acaba de se deslocar a Luanda, afirmou que o Governo português prepara uma investigação profunda sobre a conspiração contra Angola, denominada «operação Kubango», e denunciada nas últimas semanas por um semanário.

Segundo Paulo Marques, nenhum membro do Governo estará implicado. No entanto, o matutino «o diário» confirma hoje a informação há dois dias divulgada pelo «DL» de que seria o titular da Administração Interna, Ângelo Correia, o membro do Governo que teria tido conhecimento prévio de alguns pormenores da «operação». Contactado o gabinete de Ângelo Correia foi impossível obter confirmação desta notícia, já que o ministro esteve toda a manhã numa reunião do Conselho de Ministros.

Também de acordo com «o diário», os dois jornalistas autores da reportagem publicada pelo «Expresso», teriam sofrido alguma pressão de Ângelo Correia no sentido de abandonarem a reportagem. Revela ainda o mesmo jornal que os documentos e fotografias publicadas pelo «Expresso» sobre a «operação Kubango» teriam entretanto desaparecido da tipografia onde aquele semanário é impresso.

Entretanto, um outro semanário, «O Tempo», vem hoje afirmar que o «Expresso» teria sido alvo de uma burla no valor de 2300 contos, montada, ao que parece, por Vítor Fernandes e Fernando Simões, o primeiro actualmente com paradeiro desconhecido e o segundo fugido para o Brasil. Em contacto com a direcção do «Expresso» foi-nos desmentida formalmente a existência de qualquer burla.

Para além destas acusações, o semanário de Nuno Rocha afirma que os documentos reproduzidos pelo «Expresso» são falsos, baseando grande parte da sua argumentação no facto de existir uma «confusão» de datas no passaporte de Vítor Fernandes. No entanto, «O Tempo» não considera a existência de dois passaportes em nome de Vítor Fernandes e reproduzidos pelo «Expresso»: um, que caducou em Outubro de 1980, emitido por Angola, e outro obtido já este ano através do Governo Civil de Setúbal.

Argumenta «O Tempo» que Vítor Fernandes não poderia ter-se deslocado a Londres por altura da alegada reunião que teria estado na origem da denunciada «conspiração», já que o seu passaporte havia caducado. No entanto, afirma o «Expresso», que esse mesmo passaporte continha prorrogações até Junho de 1982 (a reunião de Londres foi em Abril), além de, entretanto, Vítor Fernandes passar a ser portador de um segundo passaporte, desta vez português.

Este último contém inclusivamente um visto da Embaixada da África do Sul, datado de 11 de Maio – isto a despeito daquela Embaixada haver entretanto desmentido que Vítor Fernandes tivesse estado alguma vez no seu país.

Enquanto este caso continua a fazer correr muita tinta, «O Tempo» afirma que a Polícia Judiciária ouvia já ontem o industrial Dias de Figueiredo – um dos nomes referenciados pelo «Expresso» – confirmando-se a informação, ontem fornecida por Paulo Marques, quanto às investigações já em curso.

Na altura, Paulo Marques disse ainda que «quando efectivamente tudo for apurado, o Governo português reagirá em protecção dos legítimos e soberanos interesses dos países amigos com quem tem relações».

Paulo Marques, que fez estas declarações no regresso de Luanda, disse que o caso da «operação Kubango» não fora focado na mensagem de Pinto Balsemão para José Eduardo dos Santos, de que foi portador. Admitiu, todavia, que nos contactos que teve com as autoridades angolanas o assunto foi abordado.

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros referiu-se, na altura, às actuais incursões sul-africanas em território angolano. «É de facto intolerável que um Estado soberano e amigo, como é o caso de Angola, seja, desta maneira, objecto de invasões e incursões que matam populações indefesas e que só atrasam a paz em toda esta zona» – disse Paulo Marques.

Primeiro chefe de Estado a fazê-lo

Eanes repudia atentado contra Ruth First

O general Ramalho Eanes manifestou ontem o seu «vigoroso repúdio» pelo atentado que vitimou, terça-feira, no Maputo, a investigadora sul-africana da Universidade Eduardo Mondlane, Ruth First. O Presidente da República tomou esta posição num telegrama enviado ao seu homólogo moçambicano, Samora Machel.

Eanes, que foi o primeiro chefe de Estado estrangeiro a tomar publicamente posição sobre aquele atentado, enviou igualmente ao jornalista e historiador moçambicano Aquino de Bragança, votos de que se restabeleça dos ferimentos sofridos durante o mesmo atentado que vitimou Ruth First, sua colaboradora.

Ruth First, 51 anos, terça-feira morta por um atentado à bomba no Maputo, era autora de livros de carácter político como «117 Days» e «The Barrel of a Gun».

Casada com Joseph (Joe) Slovo, considerado o inimigo público número um do Governo sul-africano, viera com ele para o exílio nos anos 60 e ambos eram apresentados pela Polícia de Segurança de Pretória como os brancos mais destacados nas fileiras do clandestino Congresso Nacional Africano 9ANC).

Em «117 Days» Ruth First descreve a sua própria detenção na África do Sul, em condições de isolamento, enquanto na obra «The Barrel of a Gun» examina o sistema do «apartheid» e em «The Sout African Connection» faz um relato das grandes empresas ocidentais que mantêem laços com Pretória.

Seu pai, Julius, deixou a África do Sul em 1963 por motivos políticos, numa altura em que ela e o irmão, Ronnie, estavam detidos.

Ruth e o marido tinham-se instalado no Maputo após a proclamação da independência de Moçambique e eram acusados pelas autoridades de Pretória de planearem e coordenarem centenas de actuações do ANC na África do Sul.

«Acto terrotista»

Comentando o atentado, Aquino de Bragança, que se encontra hospitalizado, classificou-o de «acto terrorista» e disse que «não é com terrorismo que o Governo da África do Sul vai acabar com a oposição ao «apartheid»».

O atentado ocorreu no Centro de Estudos Africanos da Universidade de Maputo, de que Aquino de Bragança é director, e provocou ferimentos em outras duas pessoas. Fontes oficiosas referiram tratar-se de uma encomenda-bomba que explodiu ao ser manuseada pela dirigente do Congresso Nacional Africano (ANC).

Aquino de Bragança recordou que Ruth First lhe costumava dizer que «o regime sul-africano pratica e praticará o terrorismo contra todo o tipo de oposição ao «apartheid», incluindo o terrorismo contra as armas intelectuais e críticas».

Aquino de Bragança conheceu Ruth First na década de 50. Em 1978 First veio para Moçambique e juntos colaboraram no lançamento e dinamização do projecto de criação do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane.

A morte de Ruth First, sua companheira diária, foi um choque profundo para Aquino de Bragança e amigos que o visitaram tiveram o cuidado de só ontem lhe dar a notícia.

Quando o atentado ocorreu ambos estavam a conversar e aguardando o início da festa de despedida de um professor canadiano que durante um ano realizou um trabalho de pesquisa em Moçambique.

Ruth First procedia entretanto à abertura da correspondência, entre a qual se encontrava a carta armadilha cuja explosão lhe provocaria a morte.

No hospital o intelectual foi já visitado por dirigentes moçambicanos e embaixadores acreditados no Maputo, entre os quais os da Bélgica e Índia.

Durante as últimas horas pessoas ligadas a Ruth First e a Aquino de Bragança receberam numerosos telefonemas da Argélia, França, Portugal e Inglaterra condenando o atentado.

Aquino de Bragança está a recuperar bem dos ferimentos sofridos mas continuará hospitalizado durante alguns dias.

O funeral de Ruth First ainda não foi marcado e aguarda-se a chegada ao Maputo de parentes seus residentes na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

Informações entretanto obtida, mas não confirmadas oficialmente, indicam que a encomenda armadilha que vitimou First terá sido expedida da Europa, provavelmente de Londres.

Holândeses condenam

Sete movimentos holandeses contra o «apartheid» condenaram ontem o atentado contra Ruth First. Em comunicado conjunto emitido em Amsterdão, as sete organizações afirmam que quanto mais dura a luta pela liberdade, na Áfric do Sul, mais o regime de Pretória recorre a «actos desesperados para silenciar a oposição».

PCP denuncia acções de Pretória contra Angola e Moçambique

A nova invasão em profundidade de território angolano por tropas do regime racista de Pretória foi condenada em nota, ontem divulgada, da SIP do PCP que sublinha a significativa coincidência dessa nova intervenção com o reínicio «das conversações sobre o processo de negociações visando a independência da Namíbia e quando, ao mesmo tempo, recrudescem os apoios dos racistas sul-africanos a acções militares contra a República Popular de Moçambique e se intensificam acções terroristas de que é exemplo mais recente a que assassinou, no Maputo, Ruth First, alto dirigente do ANC (Congresso Nacional Africano)».

Essa estratégia visaria ainda, assinala o PCP, «torpedear o processo conducente à independência da Namíbia, mantendo a ilegal ocupação sul-africana e por outro, inverter o rumo da revolução angolana».

Os comunistas portugueses acusam os Estados Unidos e os países da NATO de apoiarem política, diplomática, financeira e militarmente os projectos sul-africanos e defendem ser urgente o desenvolvimento do processo de negociações com a SWAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano) que consideram o «único legítimo representante do povo namibiano».

Por último, o PCP condena «severamente a utilização do território português para actividades conspirativas contra a RPA» e reclama «a imediata desarticulação dessas actividades cujo desenvolvimento é inseparável dos apoios prestados pelos círculos reaccionários portugueses e da indigna e mal disfarçada cumplicidade e tolerância com que encarada pelo Governo AD».

O CR e a revisão constitucional

Hipótese de renúncia de conselheiros ainda não está posta de parte

— *afirma Vasco Lourenço*

Apesar das declarações feitas ontem, antes da reunião do Conselho da Revolução, pelo porta-voz deste órgão, major Vasco Lourenço – «não esta posta de parte a renúncia de mandato de alguns conselheiros...» –, o «DL» soube que o tema não foi abordado na reunião por «haver assuntos bem mais importantes a debater».

Vasco Lourenço revelara aos órgãos de Comunicação, antes de iniciada a reunião, terem fundamento as hipóteses de renúncia aos seus mandatos de conselheiros da Revolução, aventadas há cerca de um mês. E aquele «capitão de Abril» acrescentara: existem dois tempos para essa renúncia – hoje, por já estar revista a Constituição, outro quando da promulgação da nova lei constitucional pelo Presidente da República.

Perante as informações que o «DL» conseguiu recolher junto do CR, o assunto respeitante a eventuais renúncias aos seus cargos por parte dos conselheiros da Revolução continua «na ordem do dia» e poderá se analisado numa das próximas reuniões do Conselho.

Entretanto, o major Vasco Lourenço, ainda antes da reunião do CR, disse que este órgão ainda não tomou posição sobre a publicação das actas do CR, anunciada terça-feira pelo major Sousa e Castro, embora, pessoalmente, sempre tenha defendido que as reuniões deveriam ser tornadas públicas.

Posteriormente, e em declarações à RDP-1, o major Vasco Lourenço, debruçando-se novamente sobre a eventual renúncia aos seus mandatos dos conselheiros da Revolução, declarou que tal atitude não pode ser feita a título individual. Há que estudar em conjunto tal hipótese, acrescentou.

Instado na mesma entrevista a comentar o perfil de vários líderes políticos, o conselheiro da Revolução considerou Pinto Balsemão como uma pessoa «que está desajustada» em relação ao lugar que ocupa, alguém «que poderá ter sido um bom director de jornais, mas que não está bem no cargo de Primeiro-Ministro».

Para o major, Freitas do Amaral não passa de «um sacristão falhado». Mário Soares assume-se aos olhos de Vasco Lourenço como um homem que o desiludiu com as posições que assumiu durante a revisão constitucional. No entanto, Vasco Lourenço continua a considerá-lo, «apesar de tudo, como uma pessoa amiga» e, por essa mesma razão, recusou-se a tecer outros comentrios sobre o líder socialista.

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, é encarado por Vasco Lourenço como alguém de «extraordinariamente competente dentro da ideologia que professa». Vasco Lourenço disse ainda que estava em desacordo com Álvaro Cunhal «em muitas coisas».

Verão torna-se mais "quente"...

Veto político de Eanes à lei das autarquias

A decisão tomada ontem pelo Presidente da República de aplicar o veto político à Lei das autarquias locais, decisão essa dada a conhecer aos conselheiros da Revolução na habitual reunião das quartas-feiras, corre o risco de incendiar uma vez mais a vida política nacional.

A decisão tomada pelo general Ramalho Eanes foi aprovada por unanimidade pelo CR. Este, embora tenha considerado a referida lei constitucional, sob o ponto de vista legal, julgou-a merecedora de veto político de Eanes.

O veto do Presidente da República inplica para já que o diploma regresse à Assembleia da República. E para que, sem sofrer alterações, entre em vigor, necessitará de ser votado favoravelmente por uma maioria de dois terços dos deputados.

A Lei eleitoral sobre as autarquias locais foi aprovada, lembre-se, no passado dia 29 de Abril com os votos da AD e contra de toda a oposição parlamentar.

Tudo indica que o veto político de Eanes se deva essencialmente ao sistema de urnas itinerantes contemplado na lei, e que foi um dos pontos mais contestados pela oposição.

O processo de urnas itinerantes permite o voto a eleitores que se encontram internados em asilos e outros estabelecimentos assistenciais ou hospitalares.

Os partidos da oposição parlamentar consideraram na altura da votação que o sistena de urnas itinerantes não garante a liberdade e a genuidade de voto, concedendo uma maior permissibilidade ao voto acompanhado.

A APU considerou-se particularmente atingida pela nova lei, no aspecto das exigências ficadas em relação aos símbolos eleitorais.

JS aderiu à campanha para retirar Nobel de Paz a Begin

«A Juventude Socialista aderiu à campanha internacional promovida pela JSOE (Juventude Socialista Operária Espanhola), já apoiada pelos jovens trabalhistas noruegueses, para retirar ao primeiro-ministro israelia, Menhaem Begin, o prémio Nobel da Paz», afirmou ontem ao «DL» Margarida Marques, presidente da JS.

Para aquela dirigente socialista, os últimos acontecimentos no Líbano evidenciaram que o prémio Nobel da Paz atribuido em 1979 a Begin e ao falecido presidente egípcio, Anwar Sadat, já não está em boas mãos.

Margarida Marques adiantou que esta pressão sobre a Academia de Oslo vem na sequência de uma visita efectuada, ao Líbano e a Israel em finais de Julho, por uma delegação de organizações filiadas na União Internacional das

Delegação parlamentar vai à Austrália discutir caso de Timor-Leste

O presidente da delegação parlamentar para os assuntos de Timor-Leste, Manuel Tilman (ASDI), seguiu para Londres, a fim de contactar Lord Gifford, especialista em questões do Terceiro Mundo.

Tilman reune-se hoje em Francoforte com os outros dois membros da delegação (Lemos Damião, PSD, e Arons de Carvalho, PS), a fim de com eles seguir para a Austrália, em visita à comunidade timorense desse país, ao governo e ao senado locais.

Posteriormente, nos Estados Unidos, os representantes da comissão parlamentar eventual para Timor-Leste contactam o congresso norte-americano e a comissão da ONU para a descolonização.

O regresso do grupo a Lisboa está previsto para 13 de Setembro.

Portugal defende na ONU integridade territorial do Líbano

Falando sobre a questão do Líbano e do Médio Oriente, no decurso da actual sessão extraordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas, sobre a Palestina, o representante português, dr. Jorge Syder, afirmou que o dever imediato da comunidade internacional é desenvolver todos os esforços possíveis para o restabelecimento da segurança e integridade territorial do Líbano.

Segundo notícia divulgada em Lisboa pelo Centro de Informação da ONU, o delegado português declarou na Assembleia Geral das Nações Unidas, que para se alcançar aquele objectivo, é importante que deixem o território libanês todas as forças armadas estrangeiras que ali se encontram. Além disso, acrescentou, qualquer solução global do problema do Médio Oriente passa obrigatoriamente pelo respeito da soberania, integridade territorial e independência de todos e cada um dos Estados da região, incluindo Israel e do direito que lhes assiste de viverem em paz e segurança, dentro de fronteiras internacionalmente reconhecidas.

A BARCA SEM OS CORVOS

Adeus, Fernão Mendes Pinto!

Já andava a ameaçar, há algum tempo. Tratando de assuntos com advogados, poupando dinheiro, impaciente, enervado, misterioso. Deixou de beber. Desconfio, que não verei tão cedo, ou nunca mais, a sua cabeleira toda branca e os olhos marotos piscando por trás de grossas lentes.

Agora, sem dar cavaco a ninguém, de repente, zarpou.

Ora, quem comprou há pouco tempo uma grande mala de camarote e dois sacos de viagem, não vai com certeza para as Caldas da Rainha a férias.

E com ele desapareceu o meu potencialmente grande livro de aventuras, que, de gravador em punho, eu haveria de lhe extrair, aos poucos.

Reformado da tropa, no Oriente – muito bem, nada de extraordinário, há muitos. Mas então porque é que tinha também uma reforma do exército inglês? As cidades e rios do interior da China qualquer pessoa poderia estudá-las no mapa, é certo! E ter conhecido, se bem que de raspão, o presidente Mao (o «gajo das bochechas») quando ainda lutava contra o Kuomitang, poderia ser ou não verdade, e não poderei confirmá-lo. A morte do primeiro japonês fez-lhe muita impressão e vomitou. Diz que os seguintes já não. É possível que sim ou que não; mas o que é que andou a aprender num certo campo do Texas, e por conta de quem? Não foi com certeza arranjos de flores...

«Mas nunca fui um mercenrio» afirmava sempre com clareza.

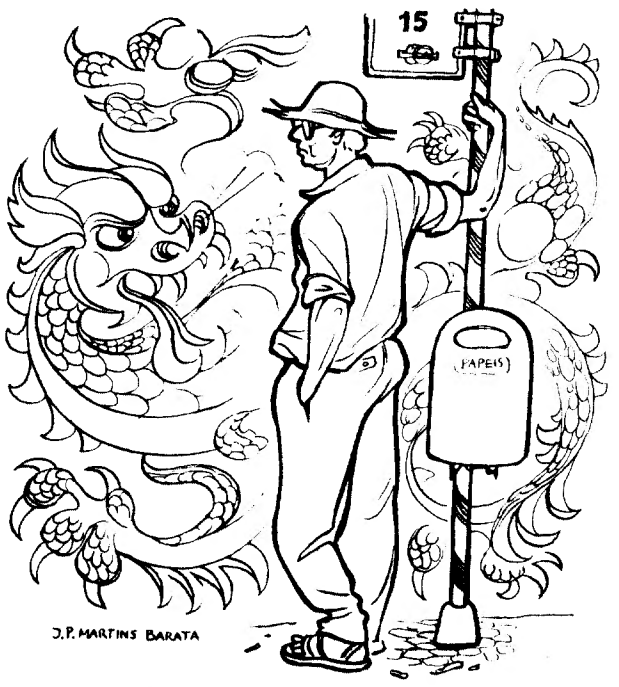
Esteve ou não esteve nas filas de trás da formatura do convés do «Missouri», quando foi assinada a rendição do Japão? Pode ter estado, ou não. Como confirmá-lo agora?

De qualquer modo, quando apertado com insistência nunca se esquivava a fornecer pormenores, plausíveis, salvo os que se relacionassem com pessoas ou acções do exército ou da marinha portuguesa. Se de estas forças ele sabia algum segredo que devesse ser guardado, guardou-o certamente muito bem. De resto, foi julgado e absolvido por um tribunal militar de cá.

Mas quem conheceu a aventura nas planícies de Loesse do Yang-Tsé, e a África não é pessoa para esperar pela morte em Campolide, à porta da taberna ou do snack-bar à frente da paragem do 15, reformado, chateado, com um único filho já homem maduro e uma mulher com vida profissional activa e pouca paciência para o aturar. A família já não o prendia, nem precisava dele. Esta Lisboa da barca e dos corvos já pouco lhe dizia também e a colecção de cactos não é coisa que encha a vida de um homem.

Desculpe, Z.M., se ainda está aí alapardado por algum quartinho ao pé do porto, à espera de algum barco já combinado, algum vapor de cabotagem que vá para os lados de Port-Said, para o Índico, e a gente não ter de saber disso!

Portanto, se alguém vir um senhor magro de cabelo branco e chapéu de palha, perto dos cais, com um brilhozinho nos olhos à procura de um navio, não o interpele, não o



interrompa! Vai ali o meu livro frustrado, vai ali, e vai para onde deve ir – vai atraś do sonho que só pode ser sonhado por cada um, uma vez...

«...Regardez-les passer, eux, ce sont les sauvages
Et sont ou leur désir le veut par dessus monts
Et bois et mers, et loin des esclavages
L'air qu'ils boient ferait éclater vos poumons...»

Jean Richepin («Les oiseaux de passage»)

J. P. Martins Barata

Enquanto o dólar perde terreno

Bolsa de Nova Iorque bateu todos os recordes

A Bolsa de Nova Iorque bateu ontem, ao início da tarde, o seu recorde de actividade numa sessão.

Às 14h locais, ou seja, duas horas antes do encerramento oficial o número de títulos trocados ultrapassava, com efeito os 99 milhões.

O anterior recorde – 92,8 milhões de títulos transaccionados numa sessão – tinha sido estabelecido a 7 de Janeiro de 1981.

O índice dos industriais, que na véspera tinha registado um aumento recorde (38,81 pontos), acusava às 14 horas locais um novo avanço de 16,27 pontos (305).

O máximo anterior da subida num dia da média «Dow-Jones» aconteceu em 1 de Novembro de 1978 (35,30 pontos).

Febre alastrou à Europa

A euforia vivida na Bolsa de Nova Iorque propagou-se à Europa, designadamente a Londres e Francoforte, onde a actividade de compra foi pura e simplesmente classificada como «frenética».

Na Bolsa londrina, na parte da manhã, pelo menos, todos os sectores beneficiaram do clima favorável criado pela descida das taxas de juro pelo mundo fora.

Fontes fidedignas estabelecem em dois mil milhões de libras o montante global dos títulos comprados.

O índice do «Financial Times» chegou a subir 24,3 pontos, algo que não se verifica desde Setembro de 1981.

Em Francoforte, a alta abarcou todos os valores, representando as fortes proporções que atingiu uma média de cinco marcos.

Recorde-se que Francoforte viveu na terça-feira momentos de pânico que levaram a cotação dos valores para o pior ponto deste ano.

Ontem, até as acções da AEG, cuja crise financeira continua a dar que falar, recuperaram sensivelmente (3,30 marcos) enquanto as da sua rival Siemens, obtinham um ganho de 4,40 marcos.

No sector de rendimento fixo (obrigações) a situação evoluiu para melhor com a descida do dólar.

Por outro lado, o dólar desceu face às principais moedas europeias, em antecipação dos próximos cortes nas taxas de juros norte-americanas, enquanto o ouro obteve ganhos espectaculares.

O ouro subiu 14 dólares tanto em Zurique como em Londres, abrindo a 351,50 e 352,5 dólares, respectivamente.

Guerra ao 'pé descalço' começa a ganhar forma

A entrada de estrangeiros em território nacional foi hoje condicionada, por um decreto publicado no «Diário da República», à posse de «meios de subsistência suficientes». O diploma, que altera um dos artigos do decreto 264-B/81, de 3 de Setembro, relativo à entrada, permanência e saída de estrangeiros adita-lhe um outro, segundo o qual «será impedida a entrada e permanência no País de estrangeiros que não disponham de meios de subsistência suficientes.»

O número dois desse artigo esclarece que «os requisitos a satisfazer pelos estrangeiro para cumprimento do disposto no número anterior serão definidos por decreto».

No preâmbulo do texto afirma-se que a exigência de meios de subsistência como condição para a entrada dos estrangeiros em Portugal se «justifica, face ao crescente número de cidadãos estrangeiros que, não dispondo de meios de subsistência, garantem a sua sobrevivência no País recorrendo à mendicidade, à prática de actos ilícitos e à exploração da tradicional hospitalidade portuguesa».

O decreto da responsabilidade do ministro Ângelo Correia constitui assim a primeira concretização legal das celebradas declarações de guerra, proferidas por Nandim de Carvalho, contra o que qualificou (para a História), como «turismo de pé descalço».

Estatuto do território não parece estar em causa

Banco da China investe em Macau

O presidente do Banco da China, Bu Ming, ontem oficialmente homenageado em Macau, disse que o Banco vai intensificar o investimento em Hong-Kong e no território sob administração portuguesa.

«Futuramente, o Banco da China e os seus associados interessar-se-ão mais por participar em tudo o que favoreça o desenvolvimento económico e a tranquilidade de Macau e de Hong-Kong» – afirmou Bu Ming, a quem o governador, contra-almirante Almeida e Costa, ofereceu um almoço.

O visitante chegou segunda-feira a Macau, depois de ter concluído com as autoridades de Hong-Kong um acordo para venda de terrenos que motivou uma quebra de 80 pontos na bolsa local, atingindo o seu mais baixo valor dos últimos dois anos.

Bu Ming, interrogado pelos jornalistas, disse que o investimento – destinado à nova sucursal do Banco da China – significa confiança no desenvolvimento de Hong-Kong, caso contrário – acrescentou – nunca se despenderia quantia tão elevada: cerca de dois mil milhões de dólares locais (perto de 2,8 milhões de contos).

Após várias interpretações feitas pelos jornais nos últimos tempos sobre o futuro daquela colónia e também o de Macau, fontes oficiais do território sob administração portuguesa consideraram que o modo como tem decorrido a visita de Bu Ming «fornece elementos que confirmam a estabilidade de Macau e o seu futuro».

Almeida e Costa satisfeito

O contra-almirante Almeida e Costa considerou «extremamente importantes» as palavras do presidente do Banco da República Popular da China sobre o futuro de Macau.

Bu Ming deslocou-se ao território para efectuar uma inspecção ao banco Nam Tung, filial do Banco da China, e salientou que a instituição bancária mantém estreitas ligações com os restantes sectores económicos.

Acrescentou que «o próprio progresso registado pelo banco representa o apoio que os diversos sectores sociais e a população do território concedem ao desenvolvimento local».

O gestor classificou de considerável o desenvolvimento ocorrido nos últimos quatro anos em Macau nos domínios comercial, industrial e financeiro.

Suiça vai aderir ao Banco Mundial e ao FMI

O governo suíço, após 35 anos de hesitação, decidiu ontem que o país entrará para o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

O Conselho Federal, de sete membros (governo) disse que apresentará uma proposta ao Parlamento antes do final deste ano.

A Suíça tem participado nos trabalhos das duas instituições desde 1947, mas nunca se decidiu a tornar-se membro de pleno direito devido à neutralidade helvética.

Só em Março deste ano o governo recomendou formalmente a integração plena da Suíça nas Nações Unidas – assunto que deve ainda ser debatido pelo Parlamento antes de ser decidido pelo povo em referendo nacional.

O governo, após uma informação técnica, considera que desapareceram os imperativos comerciais e monetários que impediram, desde 1947, a adesão da Suíça às instituições de Bretton Woods.

No entanto, considera necessário contribuir para a solidariedade e participação nos organismos internacionais, a fim de facilitar a solução dos problemas mundiais.

Desvalorizações

Continuação da pág. 3

para os estrangeiros, pois os compradores pagam em escudos e a cada dólar equivalem mais escudos. Em suma, os produtos portugueses ficam mais baratos no estrangeiro e os produtos estrangeiros ficam cada vez mais caros aos portugueses. Um novo factor inflacionista, como facilmente se conclui.

Poderia supor-se que as referidas desvalorizações viessem reforçar as «receitas de turismo», uma vez que os estrangeiros, na generalidade, possuem maiores facilidades de efectuar turismo em Portugal, por maior força das suas moedas. Assim não sucede. O valor acumulado da «receita de turismo» foram em 1980 de 1 144,4 milhões de dólares, para descerem em 1981 para 1 023,2 milhões de dólares. Este facto, aparentemente contraditório, terá origem naturalmente na grave crise económica que se abateu sobre o mundo capitalista.

Mais coerente é a descida das «remessas de emigrantes». Estas foram de 2 930 milhões de dólares em 1980, valor acumulado, para se exprimirem em 2 826,4 milhões de dóalres em 1981. Mais um malefício das desvalorizações do escudo. E vale a pena recordar que as «remessas de emigrantes» constituem, tal como as «receitas de turismo» uma componente do activo da balança de transacções correntes.

As desvalorizações do escudo não servem, só por si, como instrumento válido do combate aos problemas fulcrais da economia nacional e das condições de vida dos portugueses. Essas desvalorizações não impedem a subida em flecha dos défices da balança comercial e agravam o forte surto inflacionista. Elas contribuem também para a deterioração da balança de transacções correntes. Há formas mais válidas de luta face à problemática da situação deficiente do nosso comércio externo. A este tema voltaremos em próximo artigo.

GRAFGRUPO

AMANHÃ À VENDA

Todas as sextas feiras

O primeiro jornal revista a pensar em si.

SEXTA SABADO DOMINGO

O mais completo guia semanal de espectáculos, TV, Rádio e concertos...

Terra: última cor para Botelho

Morreu Carlos Botelho. Isto é: a cidade de Lisboa perdeu uns certos olhos que a sabiam contemplar em todas as suas cores, em toda a sua geometria, em todo o seu labirinto feito de altos e baixos. Dissera o pintor em 1929, então regressado de Paris: «Com os olhos cheios de pintura, vim instalar o meu 'atelier' na Costa do Castelo com a ideia premeditada de realizar o meu velho sonho: traduzir na tela todo o pitoresco de Lisboa, toda a sua ingenuidade, todo o seu colorido e caprichosos arrumos do seu casario...» Durante longos anos, Carlos Botelho foi cumprindo esse seu propósito. Lisboa foi-se divindo e subdividindo pelas telas do artista, e de tal maneira e arte que, com um mínimo de concentração, qualquer um de nós pode distinguir ao iongo dessas telas a luz de um determinado mês, a cor até de um dia, ou ainda o marasmo e o movimento de um ano e outro ano. Este, em resumo, é o testemunho que Botelho nos deixa: e sem atrevimento se poderá dizer que nos é possível acertar o relógio da cidade, o tempo de Lisboa, pelos quadros que da urbe nos deixou. Na verdade, sente-se o pulsar de um mecanismo unicamente feito de linhas, volumes e cores. É só saber escutar.

Falecido na madrugada do dia 18, aos 82 anos de idade, Carlos Botelho foi hoje a sepultar, pelas 15 horas, nos Prazeres, tendo a urna saído da casa mortuária do cemitério dos Ingleses. Acompanharam-no à terra intelectuais, escritores, artistas plásticos, jornalistas, entidades de todas as hierarquias da nossa comunidade. Pelo «Diário de Lisboa», de quem foi colaborador, esteve presente o seu director, dr. António Pedro Ruella Ramos, a nível de admirador e amigo. Amanhã mencionaremos outras presenças, bem como os nomes que subscreveram centenas de telegramas de despedida e condolências.

Breve perfil

Façamos, entretanto, o seu perfil na urgência da hora do fecho da edição.

Botelho nasceu em Lisboa em 18 de Setembro de 1899. Fez, durante algum tempo, estudos na Escola de Belas-Artes da capital portuguesa – e iniciou depois, por diversas capitais europeias, o périplo tradicional de muitos dos artistas plásticos do seu tempo.

Assim, frequentou academias livres em Paris, visitou museus, designadamente em Madrid, Londres, Paris Amesterdão, Florença e Zurique, e começou a trazer a público os seus quadros.

Realizou inúmeras exposições individuais e muitos dos seus quadros foram adquiridos por museus nacionais e estrangeiros, obtendo em bienais e exposições (no País e fora) alguns importantes prémios.

Entre estes contam-se o Prémio Nacional Sousa Cardoso (1938), Columbano (1940), e, no estrangeiro, o Grand Prix da Exposição Internacional de Paris (1937) e o primeiro prémio da Exposição Internacional de S. Francisco (1939).

No semanário «Sempre Fixe» (da empresa proprietária do «DL»), por onde passaram alguns nomes sonantes do desenho português, assinou desenhos caracterizados por uma visão crítica e de aguda ironia de aspectos da realidade portuguesa.

No consenso da crítica, e tendo em consideração esses quadros e desenhos, Carlos Botelho foi tido como «O pintor de Lisboa».

Van Gogh e Utrillo

Na opinião do crítico de arte Rui Mário Gonçalves, com a morte de Carlos Botelho perdeu-se «um dos pintores mais importantes dos anos 30».

Eis, em síntese, a opinião daquele crítico de arte:

«Botelho ofereceu uma visão expressionista enraizada tanto num Van Gogh como na pintura um pouco ingénua de Utrillo».

E ainda:

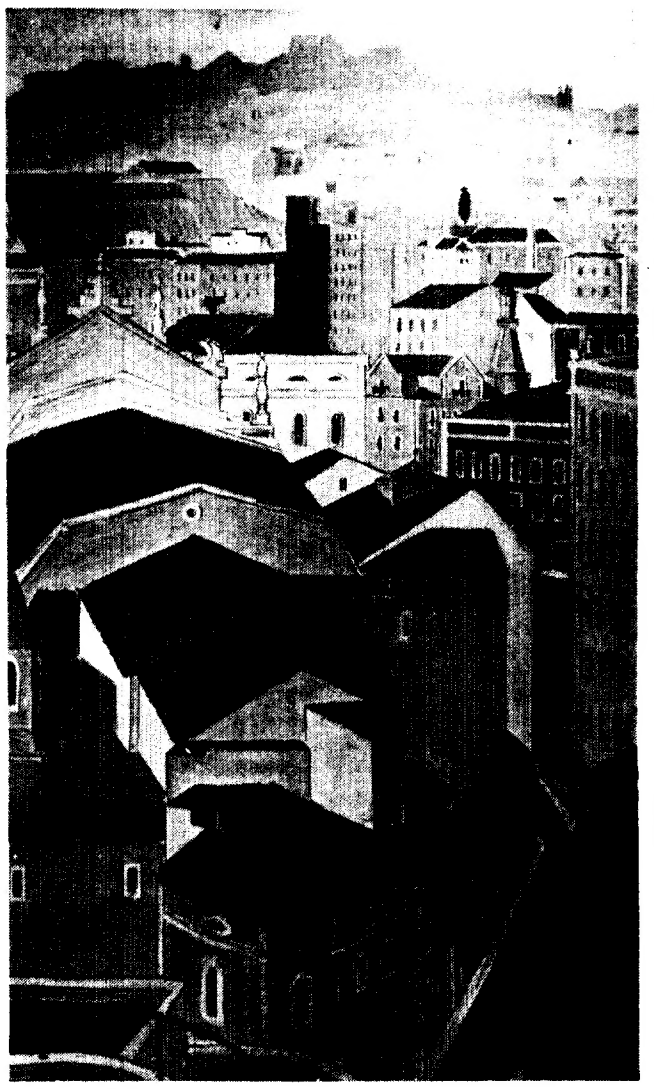
«Foi o pintor das cidades por onde passou (...) e, quanto a Lisboa, foi sempre sensível à sua essência».

A esta sensibilidade atribui Rui Mário Gonçalves o facto de o pintor, perante a destruição a que Lisboa foi sujeita nos anos do pós-guerra, ter decidido fechar os olhos a essa nova Lisboa e aproximar-se do abstraccionismo, pela mão de Vieira da Silva, sem contudo lhe dar continuidade.

«Um dos valores da pintura de Lisboa feita por Botelho (ainda segundo RMG) é o de não nos fazer esquecer a essência de Lisboa».

«Lisboa não pode ser cidade de cor amuada...»

Recordemos, por fim, palavras de Carlos Botelho sobre a policromia da urbe lisboeta, as quais podem ser tidas como um apelo à preservação do «ar» típico da cidade:



«A cor tem de tal maneira um valor arquitectónico que com ela nós podemos ora agrupar ou desagrupar casas, torná-las altas ou baixas, pequenas ou grandes, enaltecê-las ou fazê-las desaparecer dentro da paisagem.

«Lisboa, cuja situação geográfica, caracterizada pelas suas sete colinas caprichosas, em que as casas encostadas umas às outras se descobrem, mutuamente, como cartas de jogar, em que os pregões das vendedeiras, integrados na sua paisagem, são alegres e ingénuos – não pode ser uma cidade de cor amuada.

«Lisboa quando tiver todos os seus bairros vestidos de cores, será, repito-o, um enorme fresco em relevo maravilhoso.

«Lisboa, cidade do sol, assim universalmente chamada, precisa para manter esse cognome patético de possuir todas as cores do espectro solar, tem de ser a cidade 'divisionista' por excelência (seria a cidade ideal para Seurat se o inventor do 'divisionismo» ainda existisse). Por isso, então, deixemos que Lisboa viva toda a sua coqueteria, pintando-se com todas as cores da caixinha...»

Estas palavras, proferidas no decurso de um colóquio sobre Lisboa em 1949, parecem evolar-se da terra que hoje cobriu o corpo de Carlos Botelho. Na verdade, é so saber escutar.

EMPRESA ESTRANGEIRA DO RAMO DE PRODUÇÃO DE PETRÓLEOS

NECESSITA

— Contramestre de Electricidade Industrial
— Contramestre para Equipamentos Pesados e Viaturas Pesadas
— contramestre para Instrumentação Electrónica e Pneumática
— instrumentistas para Equipamentos de Electrónica e Pneumáticos
— Electricistas de Viaturas
— Mecânicos Ajustadores de Máquinas
— Soldadores Tubistas Especializados

Os interessados deverão enviar as suas candidaturas, «curriculum» de actividade profissional e outras informações consideradas úteis para avaliação profissional ao n.º 17807 deste jornal.

CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO ALENTEJO

AVISO

De harmonia com a deliberação camarária de 10 de Agosto de 1982 se faz constar que esta Câmara Municipal pretende admitir, para os seus serviços técnicos um arquitecto.

A Câmara oferece:

1 — Categoria em função do «curriculum» apresentado;
2 — Regalias sociais em vigor incluindo alojamento;
3 — O contrato por seis meses renovável com possibilidade de ingressar no quadro.

As candidaturas deverão ser dirigidas ao Presidente da Câmara em requerimento em papel selado assinado sobre estampilha fiscal de 100$00, no qual deverá constar o seguinte:

a) Nome, idade, morada e nacionalidade;
b) «Curriculum» escolar (Universidade, ano da formatura e média final);
c) «Curriculum» profissional detalhado;
d) Data em que poderá iniciar o trabalho.

O período de entrega dos requerimentos termina no próximo dia vinte e seis de Agosto de 1982 (inclusive).

Paços do Concelho de Viana do Alentejo, aos 13 de Agosto de 1982

O Presidente da Câmara
Manuel António Rosa Pão Mole

de ontem para hoje

«Acção sionista» reivindica atentados

UM autodenominado «Grupo de Acção Sionista» reivindicou ontem à noite telefonicamente para a ANOP os atentados bombistas de que foram alvo, no último domingo, as instalações em Lisboa das companhias aéreas «Air France» e «Luftansa». Uma voz masculina referiu servirem os dois atentados, que não causaram vítimas mas estragos materiais avultados, para protestar contra a política que os governos francês e alemão federal têm vindo a executar em relação a Israel, ao não apoiarem a acção sionista de Begin contra o Líbano. Os dois rebentamentos ocorreram na Avenida da Liberdade, com três minutos de intervalo e foram provocados por cargas explosivas plásticas ou de TNT, accionados por mecanismos de relógio, destruindo quase completamente os dois escritórios, na altura desertos. O «Grupo de Acção Sionista» era até agora desconhecido.

Suspeito de violar a neta

A Polícia Judiciária dos Açores investiga a morte de um recém-nascido, do sexo masculino, cujo corpo, encontrado num riacho, em Cinco Ribeiras, teria sido lançado à água pela avó. A criança será, no entanto, filha do marido da homicida e de uma neta, ainda adolescente e deficiente mental. O caso está a ser seguido na Ilha Terceira com profunda indignação. A avó afirmou ter lançado o cadáver ao riacho por a sua família não ter possibilidades económicas para pagar o funeral.

Servente camarário em apuros

Na estação de Santa Apolónia foi ontem detido o servente da Câmara Municipal da Amadora, José Vila, de 28 anos, casado, acusado de ter agredido sem motivo justificado um agente da PSP que naquele momento por ali passava. A versão vem impressa no auto de notícia que refere a participação de mais dois desconhecidos na agressão. Mais lestos do que José Vila conseguiram, no entanto, escapar-se.

Haxixe chegou ao convento

No Convento de Jesus, em Lisboa, foi detido o descarregador de peixe, actualmente desempregado, José Melo, de 20 anos, surpreendido a vender três gramas de haxixe a vários indivíduos que se puseram em fuga ao sentir a aproximação da patrulha policial. Jorge Melo afirmou ter adquirido o produto pela importância de quinhentos escudos, na Praça Luís de Camões, a um traficante que disse desconhecer.

Duas bicicletas nos «achados»

Na Secção de Justiça da PSP (Rua Capelo, 26, 1.º) encontram-se à disposição, de quem demonstrar ser o seu «legítimo proprietário», duas bicicletas, uma das quais de criança. Os dois velocípedes são provenientes de furto.

Matou o irmão à facada

Com uma faca de cozinha, José Eduardo Mota da Costa, de 37 anos, matou o seu irmão Ernesto Francisco, de 30, no epílogo de uma das zaragatas em que se envolviam com frequência. O crime ocorreu na casa em que viviam na freguesia de Fenais da Ajuda, em S. Miguel, nos Açores. A mãe que tentou apartá-los ficou ferida, tendo sido transportada ao Hospital de Angra do Heroísmo.

Comprou um anel e levou 35

Um jovem, bem trajado e melhor falante, entrou ontem numa ouriversaria da Rua de Palma em Lisboa, e depois de ter adquirido um anel acabou por apoderar-se de uma pasta contendo trinta e cinco. Valor do «golpe» duzentos contos.

Amputado o braço de S. Pedro

A imagem exterior de S. Pedro da Igreja dos Clérigos (capela nova), em Vila Real, foi ontem acidentalmente amputada de um braço por uma grua. O membro atingido pela grua, que procedia a manobras junto da igreja, derrubou, por sua vez, uns cabos de alta tensão, provocando um corte temporário de energia eléctrica em algumas zonas da cidade. O projecto de construção da Igreja dos Clérigos é atribuído ao artista plástico italiano Nicolau Nasoni.

Contenda entre cabo-verdianos

Duas famílias de cabo-verdianos envolveram-se em desordem na Quinta do Chegadinho, na Cova da Piedade, com pistolas e facas à mistura. Resultado: dois feridos (Simão Sanches, de 30 anos, com uma facada no peito, e a mulher, Filomena Mendes Monteiro, de 28, atingida a tiro). Um dos agressores, João Sanches, foi detido pela GNR.

Firma holandesa exigia 250 mil contos

Concurso para remoção do "Tollan" anulado pelo Estado-Maior da Armada

Por considerar demasiado gravosa para o erário público a verba de 245 mil contos, exigida pela firma holandesa «Wijsmuller Salvage BV» para virar o «Tollan», o chefe do Estado-Maior do Exército, almirante Sousa Leitão, mandou anular o concurso já realizado e ordenou a abertura de novo concurso.

No despacho em que fundamenta a sua decisão, Sousa Leitão, baseando-se no parecer da Superintendência dos Serviços Financeiros, alega que, no concurso aberto em 3 de Julho último, a concorrentes nacionais e estrangeiros, foi apenas admitida uma única proposta, ou seja a da firma «Wijsmuller Salvage BV», sendo rejeitada a outra proposta apresentada, dado não se encontrar em conformidade com os termos do concurso.

Da análise da proposta, o chefe do Estado-Maior da Armada concluiu ser ela tecnicamente viável mas de difícil concretização em termos de contrato e, acima de tudo, extremamente gravosa, em termos de custo, atingindo um montante base de mais de 245 mil contos, oitenta por cento dos quais em divisas estrangeiras.

Deste modo, Sousa Leitão, embora considerando da maior urgência a retirada do «Tollan» das águas do Tejo, afirma estar confiante no encontrar de outras soluções de sobrecarga bem menor para a Administração Pública, mandando, assim, abrir novo concurso, destinado a permitir o aparecimento de um maior número de concorrentes.

Reagindo à posição do Estado-Maior da Armada o sempre polémico Alberto Fellici, armador do «Tollan» que viu há meses ser-lhe retirada a confiança da Capitania do Porto de Lisboa, após sucessivos fracassos para recuperar o cargueiro, afirmou. «A proposta da firma holandesa era uma autêntica burla ao exigir 250 mil contos para virar o barco, quando eu estou disposto a realizar a operação por três mil».

Enfim: o folhetim do «Tollan» promete novos capítulos, apostado a durar quando «Vila Faia» já for apenas uma mansão em ruínas. Um dos últimos capítulos foi, conforme noticiámos, o aparecimento de um punhado de dólares nigerianos. Que mais irá acontecer?...

«Tollan»: o espectáculo vai continuar

Alberto Fellici, armador do cargueiro, promete «cambalhota» apenas por três mil contos

tem a palavra o leitor

Porque caem os prédios?

Têm ultimamente vindo a multiplicar-se em ritmo acelerado os casos de prédios em ruína na cidade de Lisboa.

As pessoas, habitualmente comedidas e de certa maneira cerimoniosas em relação a problemas que raras vezes acontecem e quase sempre aos outros, começam justamente agora a sentir mais perto de si um pulsar preocupante.

São os próprios que sofrem na carne os dramas que os atinge são os vizinhos que, estupefactos, acordam de um torpor de anos, são os meios de informação que finalmente dedicam cada vez mais espaço às notícias e reportagens sobre o envelhecimento da cidade.

Mas que súbito mal atingiu assim tão repentinamente dezenas de prédios? As pessoas interrogam-se e com razão. Tratar-se-á de um vírus desconhecido que de súbito resolveu atacar impiedosa e indiscriminadamente os velhos imóveis desta cidade? Neste Verão?

A lista engrossa, o mal pressente-se, os sintomas são vários mas por que ponta se lhe há-de pegar?

Um sedativo, ou uma vacina? Ou a eutanásia?

Algumas razões de ordem estritamente técnica poderão ser apontadas: as tecnologias construtivas efémeras, a natureza morfológica inadequada dos solos em que se implantam os velhos prédios, o desgaste provocado por fenómenos de natureza sísmica, por exemplo.

De facto, aparentemente, são razões consistentes. Mas não são novas. Quem me garante que os poderosos blocos de cimento, de construção recente, não atinjam, a médio ou a longo prazo, o seu grau de obsolescência, apesar de conterem em si portentosos centros comerciais, cinemas ou vetustos escritórios de grandes empresas. E quem não me garante que passados mais uns bons séculos, velhas zonas de Alfama, da Baixa Pombalina e do Bairro Alto – este sobreviveu ao terramoto de 1755 – não se mantenham como hoje, já não muito saudáveis, mas orgulhosos nos seus pergaminhos.

Entretanto, o mal aí está, misterioso, perverso, incontrolável desafiando a fogosidade do exército de competências que já deve ter pronta a profilaxia adequada. Terá?

Eu, porém, contudo com dificuldade em descobrir a ponta por onde lhe hei-de pegar:

– Se pelo problema dramático das pessoas que, de um momento para o outro, se vêem desalojadas, com os seus bens destruídos, como o seu direito à cidade brutalmente cortado;

– Se pelo problema que constitui nesta cidade o envelhecimento dos prédios cujo agonizar se torna cada vez mais patente;

– Se pela quantidade verdadeiramente incrível de imóveis há **dezenas** de anos sem sofrerem qualquer obra de beneficiação;

– Se pelo florescimento da traficância imobiliária;

– Se pelo imobilismo legislativo que, entre outras coisas, permite a transacção de velhos prédios de baixo valor, a fim de que os mesmos logo em seguida sejam vendidos em propriedade horizontal pelos novos proprietários;

– Se pela horizontalidade de uns quantos que permitem que um inquilino pague 1900$00 por uma vistoria camarária à sua habitação, ficando o senhorio apenas obrigado ao pagamento de uma multa de 800$00 se não executar as obras necessárias à conservação;

– Se pela conservação de hábitos de usura que permitem a cobrança de rendas em prédios em ruína ou em vias dela;

– Se pela ruína em que se encontram alguns proprietários que não podendo levar a efeito obras de conservação nos seus prédios, os vendem a comerciantes gananciosos;

– Se pelo comércio de autênticas barracas para efeitos de venda por andares (aliás, por um andar, como neste caso é óbvio...);

– Se pelos óbvios «toques» em prédios perfeitamente recuperáveis que são dados durante as obras de demolição de imóveis contíguos;

– Se pela duvidosa qualidade dos métodos tecnológicos empregues pelas empresas demolidoras;

– Se pelo demolidor desajustamento de uma cidade que gradualmente se vem transformando num gigantesco Centro Comercial e de Escritórios (por enquanto ainda há o rio...);

– Se pelo empobrecimento arquitectónico que nos é garantido por concepções megalómanas da renovação da cidade;

– Se pela renovação de velhos hábitos, como o que permite a um senhorio a quem é posta a necessidade de recuperar um prédio em mau estado responder aos inquilinos que «a porcaria do prédio nunca mais cai!»;

– Se pela «queda» de prédios de alto valor arquitectónico, cujo património não é acautelado e que são substituídos por torres destinadas a escritórios, muito mais «rentáveis»;

– Se pela rentabilidade – para alguns poucos – dos despejos «temporários» impostos aos inquilinos, com o objectivo de se tornarem possíveis as obras de consolidação, quando essas obras nunca chegam a ser executadas;

– Se pela execução de despejos definitivos sem direito a qualquer indemnização dos inquilinos – muitas vezes idosos – dos prédios que ameaçam ruína iminente;

– Se pela ruína em que se encontram os inúmeros bairros de barracas onde «habitam» dezenas de milhares de pessoas;

– Se pelo milhão de pessoas que precisa ser alertado sobre o caos urbano em que vivem;

– Se pelo «caos» urbano que não é senão uma estética da cidade que tem por trás uma carga ideológica bem definida.

– Se pela indefinição do plano da cidade que se diz não ser cumprido, ou desajustado, ou inexistente, mas que na prática existe – só que é outro – e é cumprido, sendo os seus regulamentos impostos pelas grandes empresas imobiliárias que neles se envolvem;

– Se pelo envolvimento de tantas pessoas em tentativas de suborno de trabalhadores municipais;

– Se pelos trabalhadores municipais cujo esforço é muitas vezes menosprezado pela opinião pública;

– Se pelo público receio de se encarar com coragem e sem demagogia a necessária e urgente renovação da cidade, respeitando-a, restituindo-a aos seus habitantes.

Estas e outras questões se me põem.

Mas a ponta por onde um dia se lhes há-de pegar anda por aqui.

Pedro Graça – arquitecto

Desanexações recomeçam no Alentejo

UCP de Montemor-o-Novo "roubada" em 291 hectares

Duzentos e noventa e um hectares de terra serão desanexados da Unidade Colectiva de Produção «Boa Esperança» de Lavre, no Conselho de Montemor-O-Novo, com a entrega de três herdades que integravam aquela UCP ao agrário José Infante da Câmara, segundo denunciou, em comunicado, o secretariado Conselhio das UCP's e Cooperativas de Montemor-o-Novo.

A operação de entrega daquelas terras ao agrário está, em princípio, marcada para hoje. Conforme é frisado por aquele Secretariado «à data de ocupação destas herdades pela UCP apenas 25 por cento da área estava explorada por dois «seareiros» e os restantes 75 por cento totalmente abandonados». No mesmo comunicado o Secretariado das UCP's denuncia que «para além dos 291 hectares o agrário prepara-se para roubar uma manada de vacas, máquinas, assim como benfeitorias realizadas pela UCP». A referida desanexação irá ainda provocar cerca de 100 desempregados e prejudicar a construção de uma barragem para a qual existe já um projecto e autorização de construção».

O agrário José da Câmara possui, segundo informa o referido Secretariado, um «amplo património rústico no conselho de Santarém que tem um total de mais de mil hectares».

O Secretariado das UCP's anuncia ainda que, no mesmo conselho, a UCP «Tempo e Dinheiro» foi noticificada para entregar os seus bens, no próximo dia 20, ao agrário Francisco António Alfacinha, quando «a maior parte desses bens foram já entregues ao referido agrário pelos muitos roubos efectuados pelo MACP».

Afirmando que esperam dos órgãos de soberania medidas visando a reposição da «legitimidade nas terras da Reforma Agrária», O secretariado das UCP's e Cooperativas de Montemor-o-Novo exige também que «o Presidente da República demita o Governo, dissolva a Assembleia da República, forme um Governo de gestão isento e marque eleições gerais antecipadas».

Furo de emergência poderá melhorar abastecimento de água em Olhão

O problema do abastecimento de água à população do concelho de Olhão deverá ser minorado no decorrer da próxima semana – revelou ontem o presidente da edilidade local, João Bonança.

Sofrendo há dois meses cortes no abastecimento de água, durante o período nocturno e em alguns casos também durante o dia, a população de Olhão está a deparar, em Agosto, com maiores dificuldades.

Esta situação deve-se, em parte, ao rebentamento de duas condutas da rede de abastecimento local, que se encontra em avançcado estado de degradação. Como medida de emergência a Câmara Municipal de Olhão fez entrar em funcionamento um furo de reservas do qual se estão a tirar, actualmente, cerca de 40 mil liros de água por hora.

Esse furo deverá entrar em plena actividade antes do final do mês, permitindo a obtenção de 110 mil litros de água por hora o que se espera, venha atenuar o problema da falta de gua.

Os mais afectados pela actual situação, afirmou o presidente da edilidade, têm sido os habitantes de Armona, onde não há hipótese de abastecimento e da Fuzeta, onde se tem utilizado autotanques.

O concelho de Olhão, o quarto mais populoso do Algarve e o segundo da região em densidade populacional triplica, em Agosto, o número dos seus habitantes, o que agrava ainda mais a questão, disse o presidente da câmara local.

A rede de abastecimento de água a Olhão tem mais de 30 anos, tendo sido feita para servir a população existente nessa altura, daí que se verifiquem constantes rupturas e avarias nas condutas, originando graves problemas.

No Verão de 83

Barcos de recreio terão já uma marina de apoio em Leixões

Está já em curso a dragagem de uma zona do porto de Leixões onde será construída uma marina de apoio a barcos de recreio que, em princípio, estará em funcionamento no princípio do Verão de 83, promovendo 99 pontos de segura atracação.

Apesar de milhares de embarcações de recreio passarem anualmente ao largo de Leixões, são muito poucas as que aí escalam por falta de infra-estruturas. Uma estatística feita em 1973 apontava o número de 30 mil embarcações do tipo que, anualmente, passavam entre a Corunha, no Norte de Espanha e a ponta de Sagres. Muitos barcos procedentes do Norte da Europa não se aventuravam abaixo de Baiona, à entrada da Ria de Vigo, onde há alguns anos foi construído um porto de abrigo. Também embarcações oriundas do Mediterrâneo não ultrapassavam Cadiz e mais recentemente a Marina de Vilamoura.

Considerando que as Marinas e Docas de apoio a embarcações de recreio abrangem essencialmente duas áreas: a protecção da vida humana e a atracção de milhares de turistas, a Secretaria de Estado do Turismo resolveu atribuir o financiamento, que impedia o arranque da doca de apoio a Leixões, tendo assim dotado a Administração daquele porto com os meios financeiros indispensáveis para o imediato início das obras, recorrendo a receitas provenientes do jogo.

Dominados os incêndios na Guarda e em Silves

Os violentos incêndios que ontem assolaram a região da Guarda, no centro do país, e de Silves, no sul, foram extintos durante a madrugada de hoje, não se tendo registado quaisquer danos pessoais.

Combatido pelas corporações de bombeiros da Guarda, Celorico da Beira e Gonçalo e pelas corporações de Portimão, Silves, Monchique Lagos e Lagoa, os referidos incêndios desenvolveram-se em diversas frentes, cinco na região da Guarda, tendo aí a aviação apoiado o combate ao fogo, em Vila Cortês de Mondego.

Apesar de não estarem ainda apuradas as causas do sinistro, os bombeiros de Silves pensam que este teve origem criminosa, tendo entregue o caso à polícia. Na Guarda foi detectada a causa de um dos fogos que teria sido provocado por uma queimada. O caso foi igualmente entregue à GNR, para que apurasse as responsabilidades do promotor daquela.

Por sua vez, a Polícia Judiciária de Braga tomou a seu cargo as averiguações respeitantes ao pára-quedas incendiário que foi descoberto por umas crianças, nos pinhais perto de Ponte de Lima. Como ontem noticiámos este é o segundo engenho do tipo que aparece na região, estando a Judiciária de Braga na pista de alguns nomes tidos como suspeitos.

Prisões são tema de um seminário que se realizará em Lisboa

Um seminário sobre «prisão aberta» e «prisão de segurança máxima» terá lugar em Lisboa, no próximo mês de Outubro, por iniciativa do Conselho da Europa em colaboração com serviços do Ministério da Justiça.

O seminário destina-se a aperfeiçoar os conhecimentos do pessoal dirigente, técnico-superior, técnico e administrativo, inserindo-se no programa de reciclagem dos meios humanos do tratamento penitenciário, actualmente em curso sob a égide do Ministério da Justiça.

Para além do seminário, e ainda relacionado com a formação de pessoal, estão igualmente previstos mais dois cursos que deverão funcionar até final do ano corrente. Estes cursos visarão a nova legislação de direito penal e de direito processual penal.

Porto

Treze desalojados em consequência da derrocada de um edifício

Treze pessoas ficaram sem casa em consequência da derrocada da parte traseira de um edifício situado na Rua do Comércio, do Porto, tendo estas também perdido grande parte dos seus haveres.

Conforme ontem noticiámos, a derrocada deu-se na madrugada de terça para quarta-feira, não tendo provocado vítimas devido aos residentes naquele imóvel se terem apercebido do que iria acontecer, saindo para a rua antes da ruína. Mas apesar de só ter atingido as traseiras do edifício, este ficou inutilizado, estando neste momento os antigos residentes, entre os quais seis crianças, em casas de vizinhos.

O edifício que agora ruiu encontra-se na zona de Miragia a qual foi considerada, pela Assembleia da República, num decreto recentemente aprovado, em «estado de calamidade pública».

FALECIMENTO

DAMIÃO CARDOSO MIRÃO JÚNIOR

A Família participa o seu falecimento ocorrido no passado dia 13. Por sua expressa vontade não foi feita comunicação da data do funeral que se realizou para o Talhão dos Combatentes da G. Guerra no Cemitério do Alto de S. João.

FALECIMENTO

DAMIÃO CARDOSO MIRÃO JÚNIOR

A firma **D. C. Mirão Jr.º, Lda.** e todos os seus Colaboradores cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu grande Amigo, Damião Cardoso Mirão Júnior.

O funeral realizou-se no dia 18 do corrente, não se tendo feito participação na data por expressa determinação do finado.

COMPRA-SE

Empilhador eléctrico em 2.ª mão
Capacidade 1200 kg
Preferência com pinça para manusear papel

Resposta a este jornal, ao n.º 28 705

FEIRA DO ARTESANATO
DA COSTA DO ESTORIL

fiartil 82

ÚLTIMOS DIAS ATÉ 29 DE AGOSTO

Aberta das 17 às 24 horas

Exposição das melhores peças de artesanato distinguidas no concurso realizado em 15 de Agosto.

De 20 a 29 de Agosto estará representada a região de **TURISMO DE S. MAMEDE — ALTO ALENTEJO.**

Apresentando Ranchos Folclóricos e Bandas de Música.

JANTE NO RESTAURANTE COSTA DO ESTORIL
APETRECHADO COM EQUIPAMENTOS
DE HOTELARIA DA FIRMA PORTUGUESA:
FORNOS E MÁQUINAS REKENA

A MELHOR TÉCNICA
AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA ALIMENTAR
O BAR foi apetrechado com Equipamentos FRITEJO

ORGANIZAÇÃO DA **JUNTA TURISMO DA COSTA DO ESTORIL**

Com o piso molhado aumente a distância em relação ao veículo da frente.
circular é viver.

2 RODAS
2 vezes mais atenção!

Trabalhadores dos CTT poderão retomar a luta

Um porta-voz das organizações sindicais representativas dos trabalhadores dos CTT (SNTCT, Sintel e FCT), admitiu a possibilidade de os trabalhadores dos correios e telecomunicações voltarem à luta caso a administração persista na sua posição de intransigência, relativamente à negociação da revisão do acordo de empresa.

O sindicalista afirmou que a administração dos CTT pretende virar as atenões dos trabalhadores exclusivamente para as questões da tabela salarial, diuturnidades e subsídio de refeição tentando «fazer-lhes esquecer» as restantes reivindicacões.

Um comunicado divulgado pelo representantes sindicais acusa a administração de «mentir para confundir os trabalhadores», difundindo a ideia de que os sindicatos exigem aumentos de 25% nas tabelas salariais, quando propõem esta percentagem para aumento global. Os sindicatos afirmam que esta proposta visou a consecução de um acordo mais rápido, negociando primeiro o montante global e depois a sua distribuição. Dizem ainda que essa percentagem teve em conta as despesas que o conselho de administração efectuou com os encargos de pessoal nos últimos doze meses.

Na última reunião de negociações havida, a administração aumentou a sua proposta de diuturnidades de 20 escudos, passando para 950. No que se refere às outras matérias em negociação, a situação mantém-se inalterável. A administração pretende pagar os novos salários apenas quando o acordo de empresa (AE) for publicado no Boletim de Trabalho e Emprego e recusa-se a garantir um período máximo de vigência do AE.

Os representantes dos trabalhadores afirmam igualmente que o conselho de administração também se recusa a discutir a substituição do regime de diuturnidades para anuidades, a alteração do trabalho nocturno e a actualização dos subsídios de infantário, amas e aposentados.

Outros pontos de conflito são a alteração da aplicação do pagamento do subsídio de refeição e as promoções antecipadas.

Continuidade da AD no Governo agrava a crise que se vive no País

— afirma a US de Leiria

«A crise económica e social, que o nosso país atravessa não será resolvida, antes pelo contrário, ela será agravada, com a continuidade da AD no Governo e na actual Assembleia da República, onde detêm a maioria» – afirma a União dos Sindicatos do Distrito de Leiria.

O comunicado emitido por aquela organização sindical afirma nomeadamente o seguinte:

«Este Governo permite e participa na acentuada escalada repressiva e nos constantes atropelos à legalidade democrática, contrariando desta forma o espírito do vinte e cinco de Abril. Casos recentes, a tentativa de extinção da ANOP e o assalto do Hotel Baía pelos gorilas da «AD».

Este Governo vem para a televisão, através dos seus ministros, dizer que a crise que se vive é devida ao elevado absentismo dos trabalhadores, derivado das baixas médicas, apenas fazemos este comentário: estas afirmações contrariam estatísticas oficiais e até intervenções de seus colegas da AD e mostram a total incapacidade deste Governo para resolver os problemas do País.

Dizem também os ministros na televisão, que os portugueses têm que viver em austeridade, e, para isso aumentam-se os produtos e impõe-se o tecto salarial, mas esses senhores aumeam-se quando querem.

Mentem constantemente utilizando para isso os órgãos de Comunicação Social estatizados, RTP e RDP. Damos como exemplo o caso da carne: num dia disseram que não aumentava e no outro puseram a venda da carne a preço livre.

Aproveitando ainda estes órgãos de comunicação, o Governo prepara mais uma tentativa de intoxicação e mentira, através do seu ministro Ângelo Correia, sobre os acontecimentos do Primeiro de Maio no Porto.

Este senhor não tendo coragem de dar a conhecer o relatório a todos os portugueses, vai à televisão tentar impingir aos portugueses, a ideia de que ele não é um dos responsáveis máximos por aquilo que se passou no Porto».

O documento termina reafirmando a necessidade urgente «de demitir o Governo e dissolver a Assembleia da República», «pelo mal» que o Executivo da AD tem feito a todos os portugueses e como já se demonstrou irá continuar a fazer».

«O desastre económico»

A União dos Sindicatos do distrito de Santarém, que igualmente insiste no afastamento da AD da área do poder, afirma em comunicado que «o desastre económico e financeiro provocado pela política deste Governo já não consegue ser ocultado, por mais tentativas que este faça, para atrasar e escamotear a informação estatística, como tem vindo a acontecer».

O documento refere ainda que «a política do Governo AD demonstra incapacidade para resolver os problemas e prosseguir Abril e a sua não demissão está objectivamente a permitir o agravamento da crise económica e financeira em que o País se encontra, a degradação das já difíceis condições de vida dos trabalhadores e do povo e a proporcionar que novos ataques sejam desenvolvidos contra o regime democrático-constitucional».

CGTP e USP exigem a divulgação imediata do relatório do 1.º de Maio

A CGTP-IN exige a divulgação imediata do relatório sobre os acontecimentos do 1.º de Maio no Porto e pediu que os responsáveis sejam «exemplarmente punidos».

Num comunicado ontem emitido, a central sindical informa que solicitou «o acesso às conclusões do relatório» em carta enviada ao Primeiro-Ministro.

O documento interroga-se «sobre o que se pretende esconder com o protelamento da divulgação dos resultados do inquérito».

O ministro Ângelo Correia é acusado pela CGTP de tentar «uma vez mais, enganar e manipular a opinião pública» ao tomar «a liberdade de acusar publicamente» a central sindical. Sublinha-se, no entanto, que o relatório dos acontecimentos do 1.º de Maio «continua por divulgar», apesar de concluído há várias semanas.

A Intersindical afirma que esta atitude é «demonstrativa do carácter fascizante que assumem as posições do Governo», que pretende «ser juiz duma causa em que é réu e que envolve o assassinato de dois trabalhadores».

USP

A União dos Sindicatos do Porto (USP) também exigiu a divulgação «imediata e integral» do inquérito aos acontecimentos do primeiro de Maio naquela cidade, do qual resultaram dois mortos e alguns feridos.

Em comunicado, a USP salienta que «o Governo AD continua a escamotear da opinião pública o inquérito aos acontecimentos, (...) a pretexto de alegados segredos de justiça».

Reclama o acesso ao conteúdo do documento por parte dos jornalistas, dos advogados e do Movimento Sindical e denuncia «a tentativa de manipulação e intoxicação da opinião pública contida no anúncio de que Ângelo Correia e o Governo AD poderiam fazer uma comunicação ao País sobre as conclusões do inquérito».

A USP considera que «Angelo Correia e o Governo não podem servir de juízes num processo em que são os principais acusados» e exige a condenação dos «culpados pelos assassínios e pelos ferimentos selváticos aos trabalhadores e à população do Porto».

Sindicato das Pescas de Leiria desmente incidente em Peniche

O chamado Sindicato Democrático das Pescas (Sindepescas), filiado na UGT, acusou «indivíduos conotados com a Intersindical», de terem provocado o boicote a uma sessão de esclarecimento que efectuou no último domingo, na lota de Peniche.

Um comunicado do Sindepescas informa que a sessão, destinada aos pescadores da vila de Peniche, foi boicotada por «arruaceiros» que chegaram até à agressão física dos elementos da mesa.

O Sindepescas fez deslocar a Peniche cinco elementos dos seus quadros e um membro do Secretariado Nacional da UGT, Vítor Hugo Sequeira.

Sobre o mesmo assunto o Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Distrito de Leiria emitiu também um comunicado negando que se tenha verificado qualquer incidente em Peniche com os elementos do Sindepescas, «como as autoridades podem comprovar».

O mesmo sindicato, filiado na CGTP, afirma que os trabalhadores presentes na sala da sessão se limitaram a pedir aos elementos da mesa para se identificarem como pescadores, o que eles não puderam fazer, «dado que apenas um é ex-pescador».

Na versão do Sindicato do Distrito de Leiria, os pescadores presentes limitaram-se então a não querer ouvir os membros da mesa «por que para serem enganados já bastaram 48 anos de fascismo».

Metalúrgicos do Porto contra portaria

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Distrito do Porto (STIMM) exige em comunicado que «os subsídios de refeição não fiquem sujeitos a qualquer tipo de imposto».

Esta posição surge na sequência da publicação da Portaria 710/82, que sujeita os subsídios diários de alimentação superiores a 130 escudos aos impostos profissional e complementar.

O STIMM afirma que aquela portaria «cria uma situação de desigualdade entre os trabalhadores», uma vez que os que têm refeitórios nas empresas ficam favorecidos em relação aos que são obrigados a pagar preços altíssimos nos restaurantes.

Sindicato denuncia repressão numa empresa de construção

O Sindicato dos Trabalhadores da Construção, Mármores e Madeiras do Distrito de Lisboa denuncia em comunicado as «manobras de coacção e perseguição dos trabalhadores» exercidas pelo patronato na empresa Teixeira Duarte e que visam «abater a sua capacidade reivindicr .

O documento afirma que o delegado sindical António de Almeida, com 13 anos de permanência naquela empresa, está «desde há tempos a esta parte, a ser submetido a fortes pressões, com vista à sua transferência ilegal do seu local de trabalho». E acrescenta que «usando de arbitrariedade e ilegalidade, a entidade patronal permitiu-se, ainda, não pagar ao trabalhador o salário do mês de Junho, porque este, usando um direito que a lei lhe confere, se recusa a aceitar a ilegalidade da transferência».

O sindicato afirma que o único objectivo desta medida «é desprestigiar e desmoralizar o delegado sindical, como tal e como trabalhador e afastá-lo do contacto directo com os camaradas que representa».

O documento sublinha ainda que o patronato é encorajado na intensificação destes métodos, usados no regime fascista, pela escalada repressiva do Governo AD/Balsemão, «no intuito de intimidar os trabalhadores».

Federação dos Químicos acusa o Governo de encorajar a violação das leis

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria Química e Farmacêutica acusa o Governo de estar conluiado com o patronato «para tentar retirar aos trabalhadores e seus legítimos representantes a autonomia negocial e impedir-lhes a actualização das tabelas salariais em vigor há 23 meses, bem como da restante matfia».

A Federação, que exige o recomeço imediato das negociações para revisão do CCTV, afirma que o patronato continua «em flagrante desrespeito pela lei», a negar-se a negociar este ano a revisão global (tabelas mais cláusulado). E acrescenta que o Governo nada faz para tentar obrigar o patronato a cumprir as leis embora ele próprio tenha reconhecido perante os representantes dos trabalhadores que a revisão do contrato é legal.

Os dirigentes sindicais lutam contra o patronato, que se recusa a negociar a revisão da tabela salarial e das restantes matérias após se ter recusado no ano anterior a rever o CCTV do sector.

A Federação sindical afirma ainda que continuará a desenvolver acções junto dos trabalhadores e dos órgãos do poder, com vista à reposição da legalidade, «que neste caso concreto passa pelo imediato início das negociações da revisão do contrato colectivo vertical da indústria química».

CG da RN continua a querer impor o acordo efectuado com os sindicatos paralelos

— diz a Festru

«A questão do acordo de empresa da Rodoviária Nacional, em fase de conciliação, e a aplicação pelo conselho de gerência da RN de um famigerado plano de emergência na dependência directa do Governo AD são dois dos maiores problemas que as estruturas representativas dos trabalhadores da RN estão a enfrentar» – refere um comunicado hoje divulgado pela Federação dos Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU).

O documento afirma que a fase de conciliação requerida pelo CG da RN «não passa de mais uma manobra para impor à esmagadora maioria dos trabalhadores o negócio efectuado com os sindicatos amarelos».

«Por outro lado – acentua a FESTRU – a aplicação da nota 49/CG do CG da RN, de 28/4/82, que aponta para a extinção do centro de mercadorias, cancelamento de carreiras e desdobramentos, recusa de lançamento de carreiras já aprovadas, constiui não só um ataque aos interesses dos trabalhadores e dos utentes, como mais um passo na escalada de ataques a esta empresa pública, que os trabalhadores não podem deixar de denunciar vigorosamente perante a opinião pública».

Face a estas questões, e no sentido de fazer uma análise da situação e decidir as medidas mais adequadas a tomar, a FESTRU convocou para o próximo dia 23, às 14 horas, uma reunião de sindicatos representativos dos trabalhadores da RN, em que estará também presente a comissão central de trabalhadores.

Depois das Malvinas e do Líbano o martírio volta a Angola?

Continuação da pág 1

Este exército confunde-se totalmente com o mato, diz o mesmo jornalista.

No seguimento dos bombardeamentos intensivos de Maio e Julho últimos, as FAPLA (braço armado do MPLA) adaptaram-se à vida subterrânea neste sector, onde raros são os locais poupados pela força destruidora das bombas de fósforo e de fragmentação compradas ou fabricadas na África do Sul.

UNITA conspira também em Bruxelas

A UNITA afirmou ontem em Bruxelas, que vai intensificar as suas operações militares contra a República Popular de Angola e que os «estrangeiros» devem sair das zonas de conflito.

Numa conferência de Imprensa, o «secretário» daquele «movimento» para a «Informação», Wilson Fernando dos Santos, disse que há 2000 portugueses, 35 000 cubanos, 3000 alemães de Leste e 1500 soviéticos ao lado das Forças Armadas Angolanas.

Interrogado pela ANOP sobre quem seriam tais portugueses, respondeu que se trata de antigos membros das Forças Armadas de Portugal que, depois de desmobilizados, teriam sido contratados.

O representante da UNITA negou que dirigentes deste «movimento» estejam envolvidos em projectos de conspiração para derrubar o actual governo angolano e contestou a credibilidade de documentos publicados em Lisboa pelo semanário «Expresso».

«Documentos desse género podem ser fabricados na União Soviética» – comentou, a dada altura, o tal Wilson dos Santos, segundo o qual, em Portugal, existem tendências para implicar o seu «movimento» em assuntos nos quais, não se encontra envolvido.

Declarou, porém, que membros da UNITA já têm mantido contactos informais com alguns elementos das «altas instâncias de Luanda».

O responsável fez um balanço do quinto «congresso» da UNITA, «realizado» de 26 a 31 de Julho em Mavinga, no Sueste de Angola, e no qual, segundo ele, foi dito que 100 helicópteros, 50 aviões e 300 blindados foram destruídos pelo «movimento» desde 1976 até hoje.

No «congresso» teria sido decidido, unilateralmente, libertar sem condições cinco portugueses, quatro espanhois, três brasileiros, um argentino e uma suiça que estavam em poder das forças da dita UNITA.

Wilson dos Santos disse ainda que a sua «organização» conta com 10 000 combatentes regulares e 20 000 de reserva, para actuação nas provínicas de Lunda-Sul, Malange, Kuanza-Sul, Benguela, Huambo, Bié, Moxico, Huíla, Cunene e Kuando-Kubando.

Afirmou, por outro lado, que a UNITA é inequivocamente pela independência da Namíbia.

À pergunta de um jornalista presente sobre se a UNITA estava ligada aos denominados «partidos internos» da Namíbia, mais uma ficção de Pretória, ele mostrou ou fingiu uma total ingnorância.

De como morreu em Maputo Ruth First

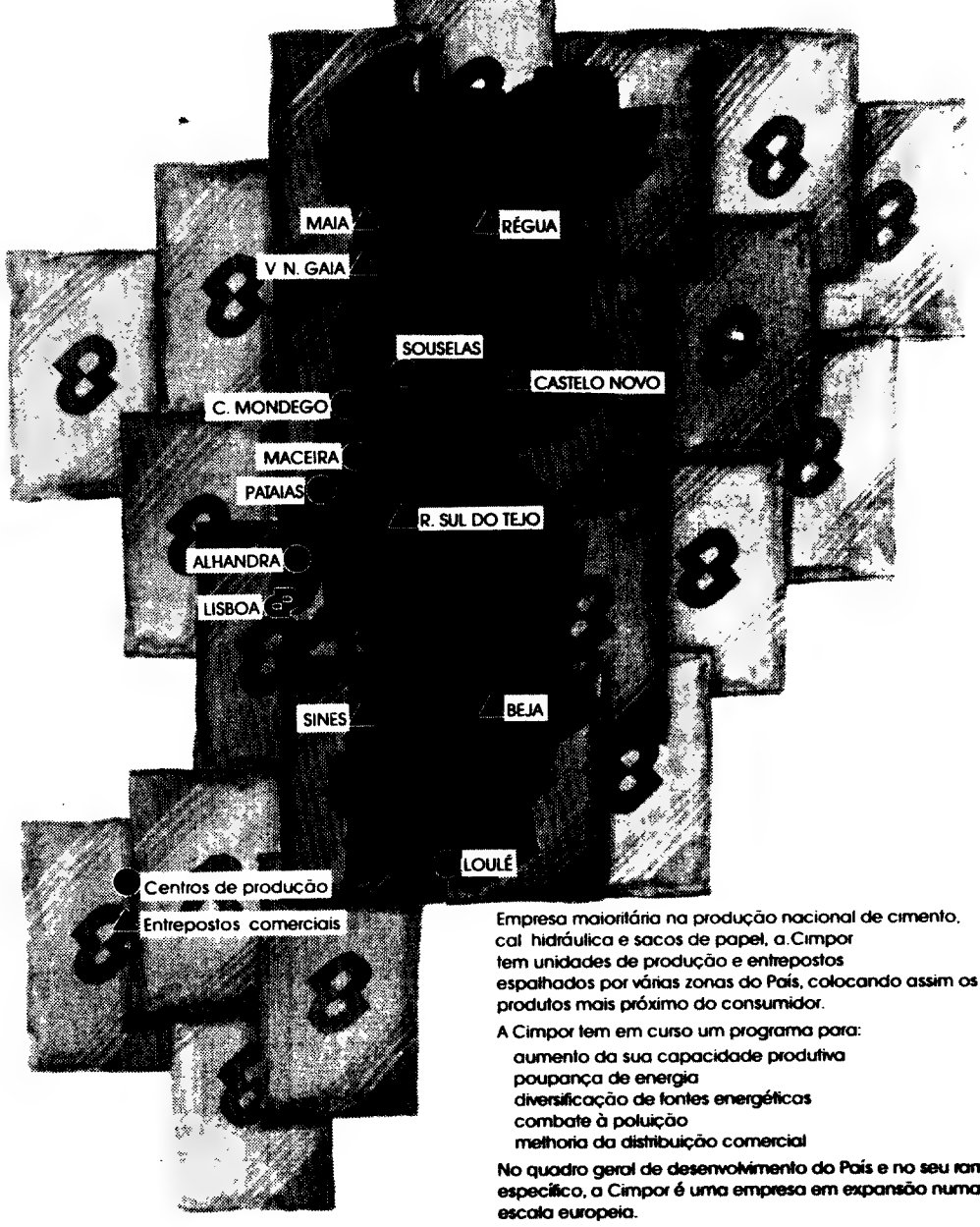
O assassínio de Ruth First, na passada terça-feira à noita em Maputo ilustra, de novo, a situação precária dos dirigentes do exílio da A.N.C. (Congresso Nacional Africano), movimento de oposição interdito na África do Sul, quando Moçambique acusa Pretória de fazer «uma guerra não declarada» contra o seu território.

O homicídio da sra. Firts, morta por uma encomenda-armadilhada no Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Maputo, foi atribuído pela Segurança moçambicana aos serviços secretos sul-africanos. Este atentado causou também três feridos ligeiros.

A mais mortifera das operações contra responsáveis da ANC tinha custado a vida a 13 militantes desta organização, em Janeiro de 1981, no subúrbio de Matola, ao sul de Maputo. Em consequência deste «raid», efectuado por um comando de soldados sul-africanos disfarçados e operando de noite, quatro diplomatas americanos comprovadamente ligados à CIA, foram expulsos de Moçambique em Março passado.

Outros responsáveis da ANC, exilados noutros países da «Linha da Frente», foram igualmente vítimas de atentados durante os últimos anos. Foi o caso, por exemplo, de Joe Goobi, abatido a 31 de Julho de 1981 em Salisbúria (Harare) quando se preparava para abrir uma representação oficial no Zimbabwe.

CIMPOR, a solidez do cimento



Empresa maioritária na produção nacional de cimento, cal hidráulica e sacos de papel, a Cimpor tem unidades de produção e entrepostos espalhados por várias zonas do País, colocando assim os produtos mais próximo do consumidor.

A Cimpor tem em curso um programa para:
- aumento da sua capacidade produtiva
- poupança de energia
- diversificação de fontes energéticas
- combate à poluição
- melhoria da distribuição comercial

No quadro geral de desenvolvimento do País e no seu ramo específico, a Cimpor é uma empresa em expansão numa escala europeia.

1981

• Número de trabalhadores	2 528
• Remunerações totais	1 342 000 contos
• Vendas totais	13 723 000 contos
• Amortizações efectuadas	1 115 000 contos
• Investimentos realizados	3 315 000 contos
• Resultados antes de impostos	750 000 contos
• Resultados após impostos	200 000 contos

CIMPOR
Cimentos de Portugal, E.P.

SEDE: RUA ALEXANDRE HERCULANO, 35 — 1200 LISBOA

O CENTRO DE EXPLORAÇÃO DE SOUSELAS DUPLICA A SUA CAPACIDADE DE PRODUÇÃO

Acaba de entrar em laboração a III linha fabril do Centro de Exploração de Souselas (Coimbra).

Com uma capacidade de produção de um milhão de toneladas de cimento por ano, esta unidade fabril representa, juntamente com o Entreposto de distribuição da Maia, um investimento da ordem dos 8,2 milhões de contos, constituindo assim um dos mais importantes empreendimentos do actual panorama industrial do País; saliente-se que o conjunto das encomendas passadas à indústria nacional atingiu 5,9 milhões de contos, ou seja, 72% do total.

O Entreposto da Maia, concebido como extensão e prolongamento da III linha fabril de Souselas, fica com a possibilidade de distribuir no mercado nortenho, a granel e em saco, a totalidade do cimento produzido por esta linha, ou seja, um milhão de toneladas.

A CIMPOR concretiza, assim, mais um empreendimento de forte repercussão económica e de decisivo impacto no abastecimento de cimento do mercado nacional e em especial da zona norte do País.

A situação no Líbano • A situação no Líbano • A situação no Líbano • A

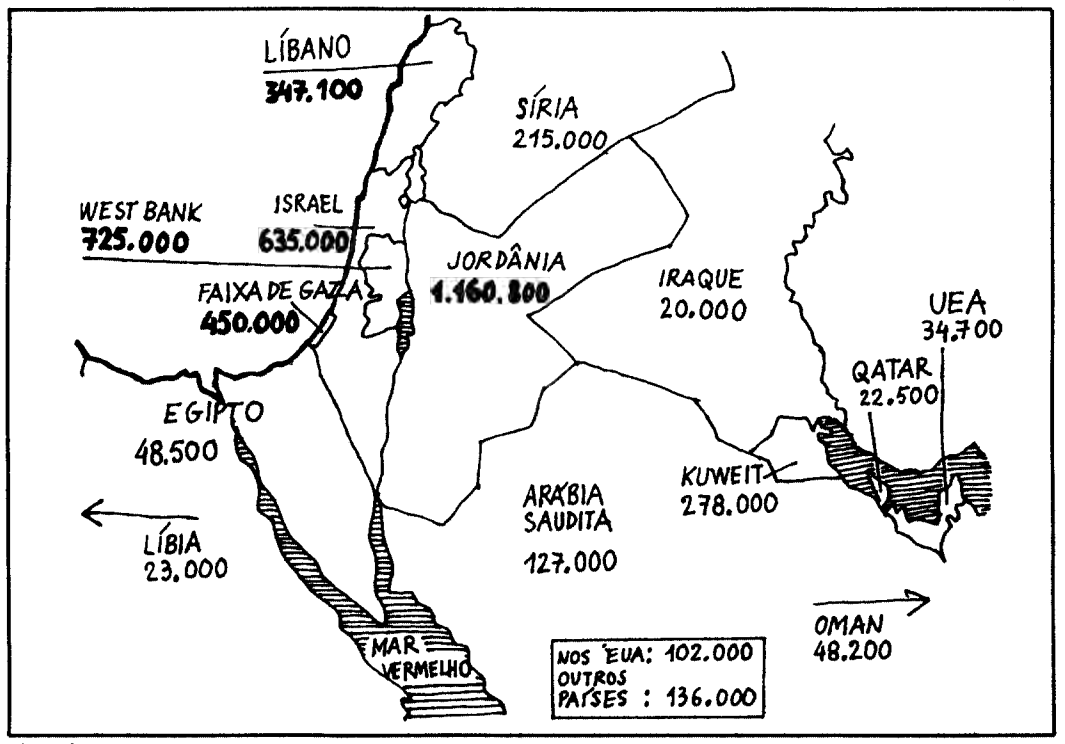
O inferno tem uma lógica

Demasiado jovens, demasiado deserdados, demasiado párias para fabricarem famílias tão numerosas como as suas: eis como boa parte da comunicação social gosta de apresentar,, pelo mundo fora, os palestinianos da OLP.

Porém, a maior parte dos seus correspondentes e enviados especiais sublinha a tenacidade e a eficácia com que se opuseram à invasão, atribui à sua resistência o inêxito parcial de Israel e reconhece que eles vão sair de Beirute de cabeça erguida porque, do seu ponto de vista, o massacre que agora foi suspenso conduziu-os a uma vitória política:

Com efeito, nunca a opinião pública ocidental terá estado, como agora, tão próxima de aceitar que a luta armada da OLP contra Israel é dominada pela ideia de «legítima defesa». Ao mesmo tempo, nunca terá sido tão claro, para a mesma opinião, que o actual Estado de Israel, conduzido por homens como Begin e Sharon, assume sem hesitações o odioso e o indefensável de uma guerra de extremínio sem precisar de ir buscar à gaveta dos disfarces o argumento da defesa das suas fronteiras.

O fantasmas do nazismo passou a pairar sobre este modelo de expansão: a Segunda Guerra Mundial, trauma comum a todo o «Ocidente», lança ainda



A diáspora palestiniana

Países onde se instalaram palestinianos na sequência das guerras israelo-árabes. Fontes: OLP e governo israelita

excessiva luz sobre esta invasão e este genocídio feitos em nome de um «Grande Israel» que precisa de se expandir à custa dos seus vizinhos...

Begin, que recebeu com Sadate o Nobel da Paz depois de assinar os acordos de Camp David, aparece agora sem artificialidade como «criminoso de guerra», autor de «crimes contra a Humanidade» – e estas classificações não têm o ferrete do Pacto de Varsóvia.

Semeados aos quatro ventos depois da sua expulsão de Beirute, estes guerrilheiros a quem uma espécie de comissários políticos distribuíam traduções árabes de Máximo Gorki nos intervalos dos combates, vão, inevitavelmente, continuar a lutar contra o fulgurante satélite americano no Próximo-Oriente: não têm outra saída. A resolução de 1949 que criou Israel e a Jordânia, partilhando a antiga Palestina entre um Estado judeu e outro árabe, condenou-os a essa fome política de terra que nenhum massacre apazigua – e nunca é de mais sublinhar que não foram eles os principais massacrados desta guerra no Líbano.

Seja qual for o desenvolvimento futuro desta operação «Paz para a Galileia» – que, no mínimo, se vai traduzir numa ocupação duradoura de boa parte do Líbano – há sem dúvida um aspecto novo a que a destruição de Beirute conduziu o mundo árabe, profundamente dividido: a arrogância e a desumanidade deste Estado de Israel não serão esquecidas nem perdoadas. Se Begin e Sharon comprometem deliberadamente a imagem do seu país ao ponto de a identificarem com os principais perseguidores dos judeus de há quarenta anos, é porque recusam de facto a possibilidade de, a prazo, virem a estabelecer com os seus vizinhos uma coexistência que não seja uma «paz israelita». E se assim é, o esmagamento, ou a compressão política intolerável de Israel por parte do mundo árabe torna-se apenas uma questão de tempo.

Quanto tempo? Não será sem dúvida amanhã que os árabes se concertarão em torno de uma liderança, e, dada a política de blocos que caracteriza este vertiginoso último quartel do nosso século, tal liderança não será «inocente» em matéria de alianças e de dependências internacionais. Mas o fenómeno Nasser demonstra que a experiência não seria inédita na região.

Depois da destruição de Beirute, o mundo árabe concertar-se-á inevitavelmente para tentar a liquidação do agressor... a não ser que Israel consiga mudar claramente de política, afastando-se da «lógica infernal» a que parece irremediavelmente submetido.

João Mendes

Como Israel paga a guerra

A guerra custa caro a Israel: 1,2 milhões de dólares, ou seja, a décima parte do OGE, segundo uma estimativa feita pelo próprio ministro das Finanças, Yoram Aridor, seis semanas depois do início da operação «Paz para a Galileia».

Os israelitas dão-se melhor conta deste facto desde o anúncio, no domingo passado, de um aumento de 9,2 por cento do índice dos preços em Julho, o mais importante índice de agravamento mensal desde os primeiros e difíceis anos, logo após a independência do país. Em Junho, a alta do índice fora já de 6 por cento. A inflação, que fora um pouco moderada em 1981 (ma que ultrapassou 100 por cento no conjunto do ano) poderia vir a atingir cimos indesejados no final de 1982. O instituto israelita de Estatística anunciou que a alta de Julho equivalia a uma inflação de 132 por cento sobre o conjunto do ano.

Estes aumentos são, antes de mais, devidos à diminuição acelarada dos subsídios do Estado sobre produtos de consumo corrente e à subida das tarifas de uma série de serviços públicos.

Para fazer face às suas despesas excepcionais, o governo começou por reduzir, assim, os seus gastos normais, e o ritmo da alta dos preços desde meados de Junho não tem precedentes O preço dos carburantes, que subira então entre 12 e 19 por cento, subiu mais 24 por cento em Julho. No princípio de Agosto, foi a vez dos lacticínios, do pão e dos transportes públicos e, na semana que está a decorrer, será a vez das telecomunicações e da electricidade.

Mas a redução dos subsídios de Estado não representa senão uma pequena parte das disposições de urgência decididas pelo ministro Aridor. Logo nos primeiros dias do conflito fora decidida uma subida do valor do imposto de consumo, e foram criadas taxas excepcionais sobre as viagens ao estrangeiro e sobre as transacções bancárias. Depois, no fim de Julho, Aridor fez aprovar pelo governo a medida mais importante jamais tomada em Israel: a criação de um empréstimo público cuja subscrição é obrigatória. Trata-se de uma espécie de imposto suplementar que, durante nove meses, amputará de 4 por cento o salário bruto da maioria dos israelitas.

No dizer do ministro das Finanças, este empréstimo deveria cobrir o essencial do custo das operações no Líbano, tal como eram previstas a meio de Julho. Hoje, porém, a maioria dos especialistas crê que as avaliações de então são totalmente insuficientes, porque esta guerra que é já, de longe, a mais longa que Israel conheceu desde o armistício de 1949 ainda não terminou, encarando o Estado-Maior o prolongamento da ocupação do Sul do Líbano muito para além do fim do ano. Ao instalar-se, o exército multiplica trabalhos de infra-estruturas. Além disso, as Forças Armadas israelitas acabam de aquirir equipamentos especiais para poderem passar o inverno nas montanhas libanesas: os soldados israelitas nunca antes tinham conhecido semelhantes condições climáticas...

A América pagará?

Aridor é, assim, obrigado a procurar novos meios de financiamento do esforço de guerra, mas os seus projectos começam a encontrar sérias resistências, e em primeiro lugar as dos seus próprios colegas. No domingo passado, Aridor propôs ao governo uma redução de 3 por cento dos créditos de cada ministério, no Orçamento em curso. O conselho de ministros adiou por três semanas toda e qualquer decisão a este respeito. Na realidade, a margem de manobra de Aridor é muito estreita, porque o governo esgotou, nos últimos anos, boa parte das suas possibilidades de redução de tais créditos, e há sacrifícios que não quer fazer. Por exemplo no tocante a um congelamento ou a uma restrição da dispendiosa colonização da Cisjordânia e da faixa de Gaza: apesar dos protestos da oposição, o governo de Begin acaba de anunciar a criação de novas implantações.

No mesmo domingo passado, o ministro das Finanças partiu para os EUA. A América vai pagar, como fez de diversos modos quando dos dois últimos conflitos em que Israel se envolveu?

Muitos israelitas que, até hoje, pareceram não se preocuparem demasiado com as consequências financeiras da invasão do Líbano pensam que o governo americano deve contribuir com a sua quota parte, visto que pareceu admitir que estas intervenções militares servem os seus próprios interesses. Muitos israelitas continuam a pensar que os EUA têm uma dívida moral para com Israel «porque, dizem eles, nós derramamos o nosso sangue em guerras que são muito interessantes para os EUA».

Aridor, que tem sondado as intenções dos dirigentes de Washington, não parece tão confiante nem alimenta ilusões: o preço do conflito actual equivale, de momento, a mais de metade da ajuda regular (económica e militar) concedida pelos EUA a Israel que se eleva a 2,2 milhões de dólares por ano. Ora, é pouco provável que a administração Reagan, que tem mostrado tendência para restringir a assistência americana ao estrangeiro (bolo de que Israel come a principal fatia) esteja disposta a fazer um «gesto» à medida das necessidades israelitas. Mas venha essa ajuda a ser, ou não, ampliada, o governo de Jerusalém adivinha que as suas novas dificuldades económicas não deixarão de o colocar em posição de ainda maior dependência face ao poderoso aliado americano. «Mais vale não agrava essa dependência», dizem alguns altos funcionários israelitas, sublinhando que o aviso feito pela Casa Branca a Israel, depois dos maiores bombardeamentos sobre Beirute, há dias, mostra qual a influência que os EUA podem exercer, antes mesmo de aderirem a quaisquer «sanções».

Nestas condições, o governo está a usar de todos os expedientes e vai novamente pedir donativos através da Diáspora. Crê-se, aliás, que Aridor não irá apenas encontrar-se con o secretário de Estado do Tesouro. O primeiro objectivo da sua viagem é organizar colectas de fundos junto da população judaica americana. De seguida, ele irá visitar as não menos ricas comunidades de judeus da América Latina, com o mesmo objectivo. Por outro lado, Jerusalém apelou, sobretudo nos EUA, a voluntários para substituir nos seus empregos os numerosos reservistas partidos para a frente. Esta iniciativa é mais simbólica do que eficaz: de momento, 300 pessoas – nem sempre qualificadas – propuseram os seus serviços, o que não é de molde a apaziguar o temor de um decréscimo da actividade económica. Este é ainda pouco sensível mas poderia rapidamente agravar-se, tanto mais que o governo apostou, desde há dois anos, e com relativo sucesso, numa acelaração do crescimento.

Os israelitas avaliarão os custos da guerra depois de verem os seus resultados militares e sobretudo políticos. Ora, se a evacuação de Beirute pela OLP parece estar absolutamente adquirida, os outros objectivos fixados pelo governo estão longe de o estar: quer a partida de todos os fedayin que se encontram ainda em território libanês, quer a retirada do exército sírio, quer o estabelecimento de um governo «forte» em Beirute ou a assinatura de um tratado de paz entre o Líbano e Israel.

Daqui até lá, partindo do princípio que estes objectivos poderão vir a ser alcançados, a deterioração da situação económica poderia fazer perder a paciência a numerosos israelitas que, até agora, não tinham conhecido senão conflitos julgados inevitáveis, porque punham em causa a integridade do conjunto do território nacional, o que não é o caso deste. Por outro lado, a guerra do Líbano é a primeira que Israel trava sem que exista um «consenso nacional» da opinião. O descontentamento será tanto mais pesado para o governo quanto mais atingir, o que tende a acontecer, as classes mais desfavorecidas da sociedade israelita, entre as quais é principalmente recrutado, desde há muito, o eleitorado de Menahem Begin.

Francis Cornu

Correspondente do «Le Monde» em Jerusalém. Serviço Exclusivo «Le Monde»/«Diário de Lisboa»

Aprovado o p

O governo israelita aprovou, ao mei
saída dos combatentes palestinianos qu
durante 4 meses, anunciou, a meio d
Estado.

O plano foi «desenhado» pelo emis
cano, Philip Habib e assenta nesta 14

1 – Cessação total das hostilidades.

2 – A evacuação de Beirute far-se-á
calendário preciso.

3 – A Força Multinacional de interposi

4 – Os palestinianos não c[illegible]atente
submetidos à legislação liba[illegible].

5 – A força multinacional instalar-se-
evacuação para garantir a segurança d
ses que vivem em Beirute-Ocidental e

Esta força será constituida, por 800 fra
italianos. Três mil soldados libaneses o

6 – A missão desta força findará se u
não for respeitada.

7 – O mandato desta força é de um
Estado libanês em caso de necessidad

9 – A partida dos guerrilheiros far-se-á
Beirute, por via aérea para Chipre, e,
utilizando a estrada de Beirute a Dam
estrada pelo Exército israelita. Esta retira
a segurança da partida. O exército liban
a OLP para assegurar a evacuação.

10 – A partida deverá estar concluída
feita me pleno dia. Os combatentes pale
as armas legeiras, pistolas e espingard

Síria prep
para novas h
no vale da

DAMASCO, 19 – (Pelo enviado especial da France-Presse, Pierre Bayle) – O recomeço das hotilidades, por iniciativa do exército israelita, na planície central libanesa de Bekaa, é mais do que certo, para os responsáveis sírios, a julgar pelos jornais publicados hoje em Damasco.

Reflectindo o ponto de vista oficial, a imprensa síria diz que as intenções israelitas foram expressas com clareza, e aponta especialmente a multiplicação de advertências israelitas, à Síria «relativamente a pretensas violações do cessar-fogo».

As tropas sírias, recorda-se

A situação no Líbano • A situação no Líbano • A situação no Líbano •

o plano Habib de evacuação de Beirute

, ao meio da manhã de hoje, o pano de anos que resistiram em Beirute Oeste meio da manhã, a rádio israelita do

elo emissário do governo norte-ameri- esta 14 seguintes pontos:
idades.
far-se-á pacificamente e segundo um

nterposição supervisará a evacuação.
ntentes que vivem no Líbano serão
..
alar-se-á no dia em que começará a rança dos palestinianos e dos libane- ental e secundar o Estado libanês.
800 franceses, 800 americanos e 400 neses olaborarão com esta força.
rá se uma das cláusulas deste plano

de um mês, renovável a pedido do essidade.
far-se-á pelo mar a partir do porto de ipre, e, finalmente, por via terrestre a Damasco, uma vez libertada esta ta retirada israelita é necessária para o libanês agirá em coordenação com ação.
ncluída no prazo de quinze dias e será es palestinianos só levarão com eles pingardas.

11 – O armamento pesado será entregue ao Exército libanês.

12 – A direcção da OLP deixará o Líbano de maneira bem patente e anunciará a sua partida de maneira clara.

O piloto israelita em poder da OLP será entregue antes do começo da evacuação.

14 – As unidades do «ALP» (Regulares Palestinianos) deixarão o Líbano por via terrestre para a Síria, enquanto os soldados sírios da força árabe de dissuasão que ainda se encontra em Beirute-Oeste se juntarão às tropas sírias estacionadas na planície de Bekaa e no norte do Líbano.

Os militares das forças francesas que participação na Força de Interposição no Líbano partiram de Bastia para Chipre hoje ao fim da tarde, a bordo dum «DC-8+» da Força Aérea Francesa.

O tenente coronel Bernard Janvier, que comanda o 2.º Regimento Estrangeiro Pára-Quedista (2.º REP), o general de brigada Jacques Granger e 140 pára-quedistas vão a bordo deste aparelho com destino a Larnaca.

A segunda vaga de 160 homens e um importante material deve partir ainda hoje a bordo de três «Transall» e dum «boeing 747», cargueiro de «Air france».

O ministro da Defesa, Charles Hernu, passou em revista as tropas antes da descolagem.

Os «bons votos de Begin a Arafat»

«Desejo a Yasser Arafat numerosas vitórias do género da que alcançou em Beirute» declarou o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin citado pelo jornal «Yedioth Aharonoth».

Begin teria proferido este «gracejo», depois do dirigente da OLP ter dito que «a OLP obteve uma grande vitória em Beirute ao resistir às forças israelitas durante várias semanas».

Segundo o «Yedioth Aharonoth», Begin anunciou que, devido à situação, finalmente não partirá para a Galileia, onde tencionava passar uma semana de férias à biera-mar.

Israel arrefeceu?

O custo de vida no Estado de Israel, segundo observadores «in loco» aumenta ameaçadoramente. Não há família que não tenha filho na guerra. Desta vez a guerra não foi de relâmpago. Israel parece começar a entender sua a localização política e geográafica.

repara-se hostilidades da Bekaa

em Damasco, estão no Líbano, inclusivamente em Beirute-Oeste, a título da «força árabe de dissuasão» (FAD), ou seja em virtude de um mandato árabe e para desempenharem uma «certa missão a pedido e em benefício da legalidade libanesa».

A imprensa publica hoje uma declaração do comando das tropas sírias que ficaram em Beirute-Oeste, o qual explica como as suas forças, ao lado do «Movimento Nacional» libanês, travavam a recente ofensiva dos tanques israelitas na direcção do hospital Barbir (perto do Museu Nacional).

Todos os jornais publicam, por outro lado, fotografias da viagem de inspecção efectuada ontem à frente de Bekaa por vários responsáveis sírios, incluindo Zuheir Macharka, secretário regional adjunto do partido Baas (no poder em Damasco).

Estes responsáveis enviaram, segundo os jornais uma mensagem de encorajamento e de apoio ao presidente Hafez Al Assad, tanto às tropas da «FAD» como aos voluntários da «União dos Jovens», de que vieram vários grupos reforçar este sector.

Defendida pelo «chapéu de chuva soviético» que protege as suas fronteiras, a Síria reforçou todo o seu dispositivo na Bekaa onde os jornalistas afirmam ter visto importantes quantidades de material novo.

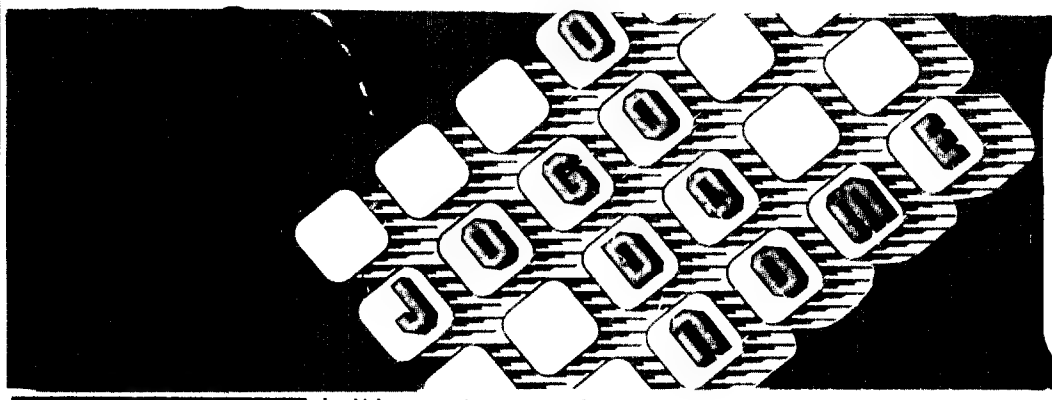
O corresprndente da agência France-Presse pelo seu lado constata trabalhos no solo, havendo dezenas de tractores a cavar valas antitanques e barreiras de terra para a instalação de posições de tiro.

Seja qual for a importância dos efectivos instalados pelo exército israelita, este, pensa-se em Damasco, nos meios informados não beneficiária no caso de um novo ataque, do efeito de surpresa o que lhe custará muito mais caro pertante um exército decidido a resisitir e que teve tempo para se opor a um primeiro choque.

Nesta perspectiva, não se exclui em certos meios em Damasco que a partida joga-se no terreno político. A este respeito, tudo vai depender da evolução política em Beirute, nos próximos dez dias, tanto na evacuação dos palestinianos como na eleição presidencial muito importante para as relações líbano-sírias.

O leitor para participar no JOGO 2, deverá enviar **apenas cupões deste mesmo jogo** (e não do Jogo 1, já terminado, ou do Jogo 3, que começará no próximo sábado) e **indicar bem claramente no exterior do envelope o número** do Jogo do Nome a que está a concorrer.

Sugerimos que envie as suas participações pelo correio, **mas se quiser, pode entregá-las pessoalmente** nas dependências do «DL» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa (horas de expediente) até às 17 horas do dia do sorteio de cada jogo.



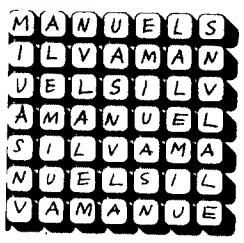
LETRAS DO JOGO 2

T Z M

QUINTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO

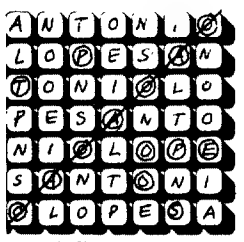
RESUMO DO REGULAMENTO

1. **Inscreva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em contínuo, na grelha publicada ao lado (7X7 quadrados em branco) dentro do cupão** – uma única letra maiúscula por quadrado – até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofos, cedilhas, traços de união. (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal.



(exemplo 1)

– Manuel Cristóvão Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA



(exemplo 2)

2 **Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de Lisboa» e as da sua grelha.** Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá), só poderá marcar uma delas. Por exemplo, se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se sairem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3. **Quando conseguir completar uma linha de 7 letras,** na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), **preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa»** dentro de um envelope dirigido a **O Jogo do Nome e apenas com um cupão em cada envelope. Atenção:** se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e... traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do dia do sorteio, que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto **é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.**

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo

4. **As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual,** de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada a extracção do prémio de menor valor **Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo** e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5. **Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo.** Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

6. O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e **o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo.** Basta ler o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo

7. Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo **O Jogo do Nome.** Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. **As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.**

8 Em princípio, **as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 3 letras nos restantes dias da semana** (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica) Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

© 1975, 1976-Ken Hecht
© Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht International Copyright Secured Reservados todos os direitos

Amanhã, 3 novas letras

Jogo 2

CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME .....

.....

MORADA .....

.....

..... (TEL. .....)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone . Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e **ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO**

SÓ UM CUPÃO EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

PRÉMIOS em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG Candy FAGOR PROGRESS

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 2 – datas a fixar:

INÍCIO ..... sábado, 7 de Agosto
TERMO ..... sexta-feira, 20 de Agosto
ENVIO PELO CORREIO até segunda-feira, 23 de Agosto
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS sexta-feira, 27 de Agosto

O presidente Albert René

Dominada nova conjura contra o governo das Seychelles

Tropas governamentais das Seychelles dominaram ontem uma conspiração de unidades do exército, que ocuparam pontos fundamentais da capital, incluindo a rádio mas vários grupos de «rebeldes» escaparam – anunciou o presidente Albert René.

O presidente René, falando através da Rádio Nacional, poucas horas após o desmantelamento da conspiração, disse que «alguns grupos pequenos de «revoltosos» estão ainda em liberdade» e apelou aos civis para que colaborassem com as autoridades na sua localização.

O presidente das Seychelles não fez qualquer referência ao destino dos reféns que os «rebeldes» afirmam ter mantido durante 36 horas, mas funcionários da rádio, entrevistados após a recaptura da emissora, afirmaram que era entre 20 e 30, e não 229 como os «rebeldes» afirmavam, disseram as mesmas fontes, contactadas telefonicamente nas Seychelles.

Na primeira tomada de posição oficial sobre a sublevação no arquipelago do oceano Índico, o presidente René afirmou que os «rebeldes» tinham tomado o controlo da emissora da rádio, da esquadra da polícia, do porto e do gabinete de telecomunicações.

René afirmou que estivera em contacto telefónio, desde terça-feira, com os «rebeldes», que exigiam a demissão do responsável máximo da Defesa, acusando-o de maus tratos.

Acusou os «rebeldes» de difundirem um «chorrilho de mentiras».

«Contudo, compreendemos que pretendiam agravar a situação e tentar conquistar a simpatia do povo das Seychelles» – afirmou o presidente.

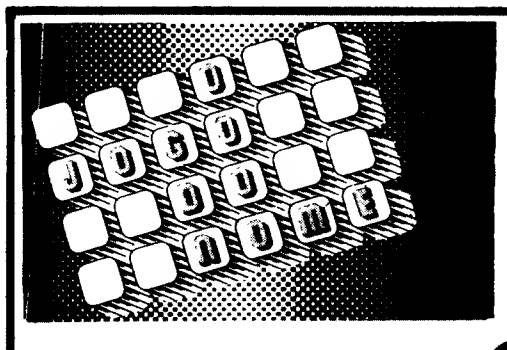
Revelou que a conspiração se iniciou no aquartelamento do exército de Union Vale, perto de Vitória, a capital, e adiantou ainda que os rebeldes tinham avançado para o aeroporto internacional, em Point Larue, onde foram repelidos.

Poucas horas antes, quando os militares anunciaram a recaptura da rádio, as fontes citaram um porta-voz não identificado da Defesa que afirmara que alguns rebeldes que fugiram levaram consigo reféns. A declaração, difundida em língua crioula, não foi contudo repetida, disseram.

As mesmas fontes afirmaram que parecia provável que as declarações do presidente René tivessem sido proferidas na ilha de Mahé, onde se localiza a capital e não em qualquer outra das 92 ilhas do arquipélago.

O presidente acusou os revoltosos de deterem oficiais que se recusaram a aderir à sublevação. Não revelou o número de «rebeldes» envolvidos.

Fontes diplomáticas contactadas fora das Seychelles afirmaram que tropas tanzanianas seguiram na noite de terça-feira para Mahé, para reforçarem o pequeno exército nacional, e ajudarem a conter os conspiradores.



ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS JOGO 2

Candy FAGOR

das Conceituadas Marcas ...que valem ouro!

GRUNDIG

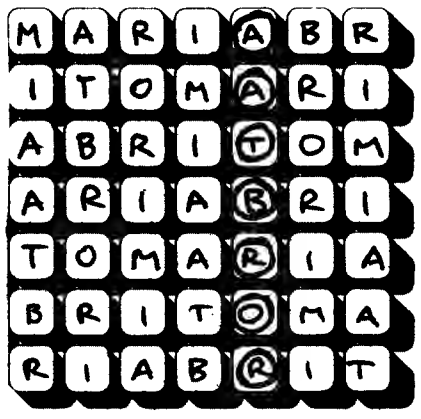
PROGRESS

11.º a 15.º PRÉMIOS DO JOGO 2
Um EXTRACTOR DE SUMOS PROGRESS K28
NO VALOR DE 6400$00

Ejecção automática da polpa a 12 mil rotações por minuto, ideal para grandes quantidades de sumo, para ralar batatas cruas (para fazer crepes ou tortilhas), etc. Consumo 200 watts. Equipado com supressores de rádio e tv. Duplo isolamento, de acordo com as normas máximas de segurança

DOIS CASOS

1. Diversos leitores nos têm perguntado, por carta ou telefonicamente, como é possível que, não tendo saído nos sorteios do Jogo 1 as letras I e S, por exemplo, certos premiados tenham nomes com essas letras. A explicação é simples, e a seguir damos o exemplo do 5.º premiado, a senhora D. MARIA JOSÉ A. DE BRITO, que para O Jogo do Nome, «usa» MARIA BRITO. Como se vê, a linha de 7 letras com que aquela nossa leitora concorreu, não tem qualquer I, não obstante os seus nomes terem dois II. Repare-se que a linha vencedora tem as seguintes letras: AATBROR.



2. Um outro caso é o do premiado mais rápido: uma leitora do Porto escreve-nos dizendo que terminou a linha vencedora de 7 letras no dia 29, enquanto o premiado mais rápido terminou apenas no dia seguinte. Não temos dúvidas, mas a verdade é que o prémio das 3 libras de ouro é para aquele, **de entre os 25 premiados**, que tiver terminado mais cedo, e não para o mais rápido de entre todos os participantes. Talvez devesse ser, mas é complicado encontrar um sistema simples e eficiente para achar o mais rápido de entre 23 mil concorrentes. Vamos estudar o assunto.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá três libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veja o n.º 5 do Regulamento na página anterior)

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

3 LIBRAS DE OURO!

Jogo 2 – lista de prémios

1.º – Um CONJUNTO HI-FI GRUNDIG CC430+2/Box 350	48.100$00
2.º – Uma MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA FAGOR VI 5300	39.800$00
3.º – Uma ARCA CONGELADORA CANDY EL2	30.450$00
4.º – Um TELEVISOR GRUNDIG Portátil P1722, Preto e Branco .	16.700$00
5.º – Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9.350$00
6.º a 10.º – Um RÁDIO GRAVADOR Portátil GRUNDIG RR 250	cada 8.250$00
11.º a 15.º – Um EXTRACTOR DE SUMOS PROGRESS K28	cada 6.400$00
16.º a 25.º – Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700	cada 4.100$00

Armas químicas americanas na RFA

O exército norte-americano tem armazenado na Alemanha Federal gás venenoso suficiente para pôr fim a toda a vida na Europa Central – acusou na sua edição de ontem a revista alemã federal «Die Stern».

De acordo com aquele semanário, se houver uma fuga no contentor de gás venenoso do exército dos Estados Unidos, em Fischbach, próximo da fronteira com a França, uma vasta área da região do Reno terá de ser evacuada.

A «Die Stern» classificou de escandalosas as medidas de segurança nos depósitos norte-americanos, que afirma conterem entre duas mil a dez mil toneladas de gás de nervos «GB» e «VZ».

A revista cita um dirigente sindical da Alemanha Federal acusando o gás norte-americano de ser para uso ofensivo e de ameaçar a paz.

«A sobrevivência em regiões contaminadas por gases venenosos só é possível com o uso de máscaras e com roupas de protecção especial e apenas durante um máximo de seis horas» – afirma a revista, acentuando que «só os militares dispõem desse equipamento pois a população, que deveria ser defendida pelos soldados, se encontra indefesa».

O porta-voz governamental Lothar Ruehl, interrogado durante a conferência de imprensa semanal das quartas-feiras sobre os «stocks» de gás venenoso, disse que o presidente norte-americano, Ronald Reagan, garantira que todas as armas norte-americanas na Alemanha Federal se destinavam a objectivos de defesa.

Segundo disse, o governo alemão federal tem defendido a proibição internacional desse tipo de armas, que afirmou existirem também no exército soviético, que as teria estacionado na República Democrática Alemã.

Manobras da NATO

Dez países da Aliança Atlântica, entre os quais Portugal, vão participar no exercício naval «Northern Wedding 82» de 6 a 17 de Setembro próximo, anunciou a NATO, num comunicado ontem difundido em Bruxelas.

Este exercício, que decorrerá desde o oceano Atlântico ao Báltico, incluirá toda a panóplia das operações navais: operações de porta-aviões, de reforço de escola no mar do Norte, de controlo no mar Báltico, operações marítimas, aéreas e submarinas e um desembarque anfíbio na Jutlândia (Dinamarca).

Cento e sessenta navios, 250 aviões e 25 mil homens pertencentes às forças armadas do Canadá, Dinamarca, RFA, Holanda, Noruega, Portugal, Reino Unido, EUA e Bélgica, participarão nas manobras.

«Northern Wedding 82», segundo o comunicado, visa «pôr à prova a capacidade de resistência da Aliança Atlântica»

França

Bomba explode no "Minute"

— Mitterrand anuncia luta contra o terrorismo

Um atentado à bomba reivindicado pelo grupo libertário «Acção Directa» ocorreu hoje de madrugada em Paris cerca das 03.30 H tmG (5.30 H locais), no exterior das instalações do semanário francês de extrema-direita «Minute», do estragos materiais.

Pouco depois da deflagração, um correspondente anónimo reivindicou o atentado, numa chamda telefónica à AFP em Paris, em nome do grupo «Acção Directa», dissolvido pelo conselho dos ministros no quadro da luta contra o territorismo. Recorda-se que o mesmo grupo reivindicou a responsabiliade de três atentados contra «objecticos considerados como sionistas» perpetrados em Paris nestas últimas semans.

Por indicação do correspondente, um comunicado foi encontrado depois das 7.00 H locais sobre uma pára-brisas dum automóvel branco estacionado no centro da capital. «Minute», esfregão fascista e racista, que faz a apologia desses crimes deve desaparecer», afirma o comunicado.

O director do semanário, Jean Claude Godot, estima que o atentado de que foi alvo o semanário é uma resposta a um artigo pró-israelita publicado na semana passada no «Minute».

Segundo os investigadores da polícia, a carga explosiva tinha sido colocada no parapeito duma janela. A explosão estilhaçou também as janelas dum prédio vizinho e danificou alguns carros estacionados próximo.

Hoje de manhã, na fachada do «Minute» ainda eram visíveis os estragos motivados pela explosão

«Luta antiterrorista» em França

A vontade expressa na terça-feira à noite pelo presidente da França, François Miterrand, quando da sua anunciada entrevista televisiva, de «combater o terrorismo pela raiz» e de não tolerar no território francês «organizações que se reclamem de uma ideologia que instaure a violência» traduziu-se ontem, pela dissolução do grupo «Acção Directa».

A decisão relativa à dissolução da «Acção Directa», movimento libertário adepto do uso da violência, foi tomada pelo conselho de ministros no quadro do plano de luta anunciado terça-feira pelo presidente François Miterrand.

Na terça-feira, as declarações ao diário «Liberation» do líder da «Acção Directa» Jean Marc Roiullan, de 30 anos reivindicando a responsabilidade de três atentados contra «objectivos considerados como sionistas» realizados no início deste mês, foram encarados como uma provocação num momento em que a França ainda se encontra em estado de choque, devido ao massacre do passado dia 9 de Agosto no bairro Judeu de Paris e que causou seis mortos e 22 feridos.

O conselho de ministros aceitou entretanto as medidas de luta apresentadas pelo ministro do Interior, Gaston Deferre e cujas grandes linhas tinham sido anunciadas pelo Presidente Miterrand.

As disposições adoptadas conduzem a um centralismo ainda maior da luta contra o terrorismo que serão chefiadas por dois responsáveis, um secretário de estado (segurança pública) e um encarregado de missão de coordenação, informação e acção contra o terrorismo.

Os novos responsáveis, respectivamente Joseph Franceschi, e o comandante da «Gendarmerie» Christien Prouteau, beneficiarão da instalação acelarada de um ficheiro central computadorizado do terrorismo, da possibilidade de examinarem os pedidos de visto para entrada em França e da criação de um organismo central para a repressão do tráfico de armas e de explosivos.

O plano comporta uma advertência aos diplomatas estrangeiros, cujas actividades sejam susceptíveis de facilitar acções terroristas, e os serviços de luta antiterrorista são a partir de agora autorizados a exercer uma vigilância maior sobre certas actividades dos diplomatas.

A vigilância das fronteiras e dos aeroportos, bem como de pontos «sensíveis» aos ataques dos terroristas será aumentada. O dispositivo prevê também rever as normas em vigor respeitantes à aquisição e detenção de armas e uma proposta francesa foi elaborada com vista à criação de um tribunal europeu para os pedidos de extradição.

Índia

Policias e operários em greve amotinam-se em Bombaim

Confrontações muito violentas, na quarta-feira, entre policias, de um lado, e operários têxteis e policias em greve de Bombaim (nordeste da Índia), levaram o governo indiano a enviar unidades do exército que, tendo recebido ordem para «disparar à vista», fizeram fogo contra os amotinados, segundo anunciou ontem a agência indiana PTI.

No final dos motins, marcados por cenas de pilhagem e incêndios, a PTI referiu a morte de um polícia e a hospitalização de pelo menos 20 pessoas, feridas a tiro.

Segundo uma outra agência indiana, a UNI, houve pelo menos quatro mortos, dois policias e dois civis, e vários feridos graves. Esta informação não foi confirmada por fonte oficial.

Os motins registaram-se depois da notícia da prisão de 20 polícias grevistas e do afastamento de mais 90 na noite de 3.ª para 4.ª feira.

Os 22.000 polícias de Bombaim, a maioria dos quais se aliou à greve, segundo fontes informadas citadas pela PTI, pedem melhores condições de trabalho e aumentos salariais, tal como os 250 mil operários têxteis em greve desde haséte meses, que se associaram ao movimento.

Os problemas tinham começado após um apelo lançado pelos dirigentes da associação dos polícias do Maharastra para que estes usassem fumos negros por ocasião do 35.º aniversário da independência da India, domingo passado, em sinal de protesto contra as suas condições de trabalho.

Os sindicatos de Bombaim lançaram por seu turno um apelo à greve geral para quinta-feira, a fim de protestarem contra a repressão de que foram vítimas, os polícias grevistas.

Fonte oficial qualificava na quarta-feira a situação de «tensa». Uma testemunha ocular declarou à «France Presse» que era possível ver o «exército por todo o lado como se houvesse uma guerra» em Bombaim.

Em Roma

Brigadas Vermelhas saqueiam paiol

Um grupo de guerrilheiros das «Brigadas Vermelhas» atacou hoje um paiol da força aérea italiana, nos arredores de Roma – revelou a polícia.

Doze guerrilheiros surpreenderam os dez guardas do paiol, amarraram-nos e fugiram com armas, numa operação que durou mais de duas horas.

A polícia indicou que os assaltantes levaram três metralhadoras pesadas, 11 metralhadoras ligeiras e três pistolas.

Uma mulher, identificando-se como porta-voz das «Brigadas Vermelhas», reivindicou posteriormente, num telefonema para um jornal de Roma, a responsabilidade do assalto.

A informadora disse que as brigadas «expropriaram armas para as usar na guerra civil, que será levada a cabo e desenvolvida internacionalmente».

Uma maciça operação de busca foi ordenada imediatamente, tendo sido enviados helicópteros para a área – referiu a polícia.

Este assalto foi semelhante a outro perpetrado pelas «Brigadas Vermelhas», em Nápoles, em Fevereiro passado, quando quatro indivíduos roubaram armas de um paiol do exército.

Caças iraquianos fazem ataque-aviso em Kharg

Os «caças iraquianos evitaram bombardear terça-feira os petroleiros (que se dirigiam para ailha iraniana de Kharg, no golfo do Pérsico) mas isso não significa que o continuem a fazer no futuro» declarou quarta-feira o ministro iraquiano da informação Latif Nassin Gassem.

Numa declaração à agência de imprensa do golfo (GNA) o ministro acrescentou que a aviação estava «apta» a levar a cabo a advertência lançada domingo último pelo presidente Saddam Hussein.

O chefe de Estado iraquiano lembre-se ameaçara afundar os petroleiros – seja qual for a nacionalidade que se aproximem do principal terminal petrolífero iraniano da ilha de Kharg.

Gassem considera que o ataque aéreo simulado de terça-feira é uma prova da capacidade da aviação iraquiana para levar a cabo as missões que lhes são confiadas.

Apelando ao Irão para não duvidar da seriedade da ameaça, o ministro declarou ainda: «o Irão é o primeiro a conhecer a capacidade da nossa aviação e os iranianos não esqueceram como os nossos aviões sobrevoaram a sua capital, Teerão e a cidade de Quom.

Angola: um ano de ocupação sul-africana

A vida morre nas áreas ocupadas

A mais feroz invasão sul-africana ao território angolano desde 1975, a de Agosto do ano passado, que culminou em seguida com a implantação parcial de tropas e diverso material de guerra em localidades que nesta hora completam um ano de ocupação, fez-se acompanhar de crimes e brutalidades contra os habitantes desta zona que ainda estão por desvendar.

Uma reportagem de correspondentes da ANGOP nas frentes avançadas da resistência aos invasores sul-africanos e nas localidades onde estão abrigadas milhares de pessoas deslocadas na sequência da ocupação, em contacto com aquelas que viveram as agressões de toda a ordem, trás a lume depoimentos que ilustram de forma sublime a verdade sobre os planos do regime da África do Sul nesta guerra.

Facto novo nos depoimentos prestados é o que se refere à introdução e instalação, nas zonas ocupadas, por parte de agentes sul-africanos, de grupos de fantoches, apresentados como «governantes» em «comícios» destinados ao aliciamento das populações, profundamente abalada pelos efeitos desta guerra cruel.

Os agentes racistas, receando o ódio do povo angolano às «tradicionais» organizações fantoches angolanas, recorrem a novos rótulos para designarem os grupelhos de que fazem parte os elementos que a África do Sul pretende fazer aparecer como «líderes» e assim refrear a onda de revolta que assola as populações.

Segundo refere uma das testemunhas oculares, os agentes de Pretória realizaram a 20 de Junho na cidade de Ondjiva um destes «comícios» com a ajuda de mercenários portugueses a servirem de «intérpretes», durante o qual procuraram fazer a população aderir a planos divisionistas com promessas de «melhores condições». O plano fracassou. A população recusou-se a entregar as armas – de que se serve para sua própria defesa – e negou-se a colaborar com as forças e agentes sul-africanos.

Irritados com a atitude corajosa da população, acrescenta a testemunha, os racistas sul-africanos desencadearam uma brutal repressão em direcção aos «insubmissos», isto é, contra aqueles que não se resignaram aos desejos dos ocupantes da sua terra.

«Inferno», «catástrofe», «miséria», são expressões utilizadas pela população para qualificar a situação real que se vive nas zonas atacadas e ocupadas pelos soldados do exército racista.

A entrada do exército sul-africano e o estacionamento das suas tropas em localidades como Ondjiva, Xangongo, Môngua, Evale e outras, bem como a destruição completa de bens económicos e sociais, alguns dos quais haviam sido erguidos com abnegado esforço depois da Independência, não deixou de abalar os seus habitantes.

As cidades, municípios e comunas ocupadas estão nesta hora transformadas em escombros Casas inteiras ficaram reduzidas a cinzas e os meios de que dispunham os seus moradores foram saqueados pelos soldados racistas. Muitas famílias estão divididas. Mães, pais e filhos desconhecem o paradeiro de seus parentes

Os habitantes, desprovidos dos seus lares, sem abrigos nem meios de subsistêciam, impotentes face à agressividade do exército invasor, deambulam desesperadamente pelas ruas e as matas, à procura de protecção, com a insegurança e o pânico a invadirem-lhes incessantemente as suas mentes.

As testemunhas são unânimes em afirmar que um-sem-número de pessoas está a perecer por falta de alimentação e de assistência médica, devido à degradação completa que a África do Sul provocou nos sectores sociais.

Nesta época do ano, de clima mais seco e de baixas temperaturas, aqueles que se refugiaram nas matas, sofrem – sem maneira de fugir à intensa onda de frio que se faz sentir particularmente nesta região, relativamente alta e afastada do equador.

Os assassinatos são diários nas áreas ocupadas, acrescenta-se. Violações de mulheres, torturas e roubos por parte de mercenários e seus servidores angolanos são uma constante ali onde as mais elementares condições de vida deixaram praticamente de existir, provocando a doença, a subalimentação, a fome e a miséria total.

Execuções arbitrárias tornaram-se norma quotidiana das tropas ocupantes. E é assim que a África do Sul tenciona submeter o povo angolano à escravidão, ao neocolonialismo, pensando conseguir desviá-lo do caminho escolhido.

"Phantom" cai na RFA

Um caça «Phantom» da força aérea norte-americana despenhou-se ontem – num prado, perto de Bielefeld, Alemanha Federal, mas os dois tripulantes conseguiram salvar-se, saltando do aparelho.

Um porta-voz da força aérea disse que o «Phantom», da base norte-americana de Spangdahlem, participava num exercício com jactos Harrier da Força Aérea britânica, a 30 quilómetros de Bielefeld, quando se deu o acidente.

Os dois tripulantes accionaram os assentos ejectores ao descobrirem que não conseguiam dominar o caça e chegaram ilesos ao solo.

O porta-voz acrescentou que o avião, que ficou destroçado, não causou danos dignos de nota no local da queda.

Entretanto, o ministério espanhol da Defesa divulgou ontem um esclarecimento sobre um artigo do «New York Times» afirmando que a sociedade americana Mcdonnell-Douglas tenciona pagar comissões para a compra de 84 caças bombardeiros F18 por Madrid.

Num comunicado, o ministério da Defesa assinala que negociou sem intermediário a compra destes aviões cujo custo é avaliado em 3 mil milhões de dólares e que substituirão até 1985 os 144 «Phantom» F4 e F5 e «Mirage» III que equipam actualmente a força aérea.

No entanto, o ministério precisa que o contrato de compra não será definitivo enquanto a parte americana não o tiver informado acerca destas presumíveis comissões, o seu montante e os seus destinatários. As autoridades espanholas salientam por fim que não aceitarão que eventuais comissões influam no preço dos aviões.

exclusivo

Avenida principal de Kiev

Kiev tem 1500 anos

UNESCO participa nas comemorações

■ Novosti

KIEV, capital da Ucrânia, comemora este ano o seu XV Centenário. O acontecimento é assinalado em toda a URSS com realizações culturais que contam com a participação da UNESCO.

«É sempre muito difícil saber a data exacta da fundação de uma cidade tão antiga» – afirma o professor Tolotchko, director do Instituto de Arqueologia da Academia das Ciências da Ucrânia, o especialista explica como se determinou que Kiev completa em 1982, mil e quinhentos anos.

«Temos notícia que no século V um homem chamado Kii se estabeleceu com a família nas margens do rio Dniepre e foi recebido por Justiniano. Numa crónica do século XII «Histórias dos Tempos Idos» diz-se sobre a fundação da cidade de Kiev: «Havia três irmãos. Um chamava-se Kii, outro Schek e o terceiro Jorif e tinham uma irmã que se chamava Libed... E construiram uma cidade em honra do seu irmão mais velho e deram-lhe o nome de Kiev...»

«Sabe-se, deste modo, que a cidade já existia há quinze séculos. Contam-se 1.500 anos sobre a proclamação de Kiev como capital dos eslavos orientais «Mãe de Todas as Cidades Russas», durante o reinado do princípe Oleg que fez a união do principado de Kiev com o de Novgorod».

Situada na margem direita do rio Dniepre, o terceiro maior rio da Europa, Kiev foi no século IX um dos centros políticos, culturais e comerciais mais importantes da Europa Oriental. Antes da invasão tártara, em 1240, rivaliza em beleza com Roma e Constantinopla.

A notoriedade e a riqueza da cidade estão patentes nos seus numerosos e imponentes monumentos, alguns dos quais são obras-primas da arquitectura mundial como a Catedral de Santa Sofia, preservada da destruição dos tártaros – construída no século XI, era a principal igreja da Rússia Kieviana, berço histórico de três povos eslavos: russos, ucranianos e bielorussos –; a Igreja de Santa Cyrilla, do século XII, famosa pelos seus frescos que cobrem uma superfície de 800 metros quadrados. As pinturas mais antigas foram descobertas há cem anos e restauradas por três célebres pintores russos: Ilia Repine, A. Prakhov e N. Murachko.

Destacam-se, ainda, o Mosteiro Kievo-Petchersko, constituído por edifícios dos séculos XII a XVII, o antigo palácio dos czares e a Igreja de Santo André, do século XVIII.

Kiev, que durante a Segunda Guerra Mundial ficou quase totalmente destruída, é hoje o terceiro centro cultural, industrial e científico da URSS, depois de Moscovo e Leninegrado.

Com cerca de 2.250.000 habitantes, é uma das cidades soviéticas que tem vindo a desenvolver-se a ritmo mais acelarado: nos últimos cinco anos foram construídos seis milhões de metros quadrados de área habitável, trinta hospitais, quinze policlínicas e cento e quarenta estabelecimentos pré-escolares. Tem uma florescente indústria de computadores, metalúrgica, alimentar e química e está entre as cidade do mundo com mais árvores por habitante. Dispõe de uma Academia de Ciências, 44 centros de investigação científica, 18 centros de ensino superior onde estudam 146 mil estudantes e 300 escolas de ensino geral frequentadas por mais de 270 mil alunos. A cidade dispõe de 11 teatros, 26 museus e edita 16 periódicos. As suas 1.332 bibliotecas guardam 66 milhões de volumes. Kiev, uma das cidades onde decorreram os últimos jogos olímpicos, tem 20 estádios e 22 piscinas.

Saliente-se que a República da Ucrânia, com uma população de cerca de 50 milhões de habitantes, produz metal do minério de ferro da URSS, um terço do carvão e um sétimo do gás. Com 46,5 médicos e 102 enfermeiros por mil habitantes, as casas de repouso e outros estabelecimentos de tratamento profilático têm capacidade para receber mais de 560 mil cidadãos.

São editados na Ucrânia mais de 1.700 jornais com uma tiragem anual que ronda os 4.500 milhões de exemplares, sendo três milhões em língua ucraniana. ■

Uma pergunta insistente

E se a OLP não for vencida?

■ Lucien George ☐ Le Monde

«E se a OLP não for vencida?». A inquietação começa a surgir no sector cristão do Líbano e esta pergunta está a ser feita com frequência. Para se tranquilizarem, aqueles que a formulam acrescentam: «Os israelitas estão condenados a ganhar a partida ao sitiarem Beirute-Oeste e ao exigirem a liquidação militar e política da OLP».

É verdade que a espera arrisca-se a ser prolongada. O secretário norte-americano da Defesa, Weinberger, anunciou que os Estados Unidos obtiveram um adiamento suplementar de dez dias para o seu emissário, Habib enquanto o vice-presidente Busch concede um mês a esta missão.

Qualquer saída que não comporte a retirada, ao menos militar, da OLP de Beirute constituirá um revés terrível para Israel.

Isso significará que o seu exército, massivamente concentrado às portas de Beirute, não conseguirá vencer a central palestiniana. Também se pode dizer que os múltiplos obstáculos militares, políticos e diplomáticos tão depressa não lhe permitirão atingir o seu principal objectivo.

Do mesmo modo, a OLP, reforçada por ter conseguido não ceder perante a máquina de guerra israelita, consolidará a sua posição no Líbano, tanto mais que se terá desembaraçado da pressão síria a que tem estado submetida desde 1976.

A situação arrisca-se a ser tão embaraçosa para os libaneses que eles todos manifestaram a sua satisfação, ou pelo menos a sua aceitação, pela partida da OLP quando essa solução parecia inevitável. Os cristãos, mais do que os outros, encontram-se também numa situação delicada.

A conclusão lógica é que Israel, não podendo em caso algum dar-se ao luxo deixar a OLP mais forte do que antes da sua invasão do Líbano, fará um assalto de surpresa aos campos palestinianos. No entanto, desde a chegada do exército israelita às portas de Beirute, há mais de um mês, que os acontecimentos escapam a toda a lógica.

Conscientes – talvez de uma maneira exagerada – da vantagem que marcaram nestes últimos dias, os palestinianos endurecem a sua posição. «Os 'fedayin' não retirarão nem do Líbano, nem de Beirute, nem a Bekaa», declarou em Damas, Kaleb Fahum, presidente do Conselho Nacional Palestiniano (Parlamento). O clima mudou nas fileiras da OLP. Há duas ou três semanas, tanto se falava ali das condições e do destino da partida, como de se deixarem matar até ao último homem para que sobreviva a causa palestiniana.

Na prática, as negociações marcam passo, sobretudo depois dos duelos de artilharia de há duas semanas que deram num sucesso palestiniano. À vontade neste género de guerra, os palestinianos conseguiram mesmo ter sucesso na sua primeira emboscada às portas de Beirute Ocidental, na qual uma patrulha israelita teve três feridos. Philip Habib continua à espera da resposta palestiniana à sua pergunta básica: «Partirão?». Segundo uma fontegovernamental libanesa, «os presidentes Sarkis e Wazzan estão mais do que nunca convencidos de que os 'progressos' verificados nas negociações continuam a ser insignificantes».

Depois das declarações de Schultz perante o Senado, os Estados Unidos, reagindo à intransigência israelita, entabularão um diálogo oficial com a OLP, o que equivaleria a reconhecê-la? «Não estou autorizado a fazê-lo», tem dito até agora Philip Habib. Mas poderia vir a sê-lo. Nesse caso, Israel, numa arrancada para a frente, não precipitaria as coisas?

Arafat, o dirigente da OLP, durante a batalha em Beirute, contra o cerco das tropas de Israel

O sorriso de Arafat com uma criança ao colo no momento trágico do avanço das forças israelitas

De momento, discutem-se detalhes em Beirute, enquanto se esperam os resultados de uma negociação capital que deve desenrolar-se incessantemente em Washington entre a administração americana e os ministros dos Negócios Estrangeiros libanês e sírio.

No teatro de operações, enquanto acabava de se dar uma explosão de um carro armadilhado em Beirute Ocidental (43 feridos), verificou-se um afrouxar do cerco imposto pelos israelitas: a partir das 17 horas, dois pontos de passagem, o museu e a Galeria Semaan, foram reabertos ao trânsito automóvel. Uma decisão surpreendente, depois de se ter visto o revés israelita das 48 horas anteriores, que deveria ter provocado o reforço do cerco. ■

DESPORTO

44.ª Volta a Portugal em Bicicleta

Médico passa a receita

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Um moço de vinte anos, nascido em Moita dos Ferreiros mas emigrante longo no Canadá, estudante aplicado na Universidade de Medicina de Toronto, deu o tom (passando a receita ao pelotão) na charneira voltista Covilhã-Oliveira do Hospital, corrida com poucas alternâncias mas de molde a avivar a coragem e a tenacidade de uma dupla de jovens que tornou alegre a véspera do «Dia D».

Rui Martins abalou com toda a força mal se contara a montanha de 1.ª categoria, no cartaz das Penhas Douradas. Com ele, cingido e persistente, foi o tavirense Carlos Ferreira: na meta (em Oliveira do Hospital) o sucesso maior iria pertencer ao algarvio mas, para o rapagão decidido que vem do outro lado do mar seriam as palmas maiores da plateia e, muito especialmente, o longo abraço do pai (Joaquim Martins) que apenas tinha pena do semiêxito do «rebento» não ser também testemunhado por Maria das Mercês Martins, a esta hora lá por Toronto, reclinadamente à espera de que o filho Rui cumpra agora o repetidamente prometido:

– *Ainda vou ganhar uma etapa desta «volta».*

O nosso enviado especial com o ciclista-estudante emigrado no Canadá

Tavira: o sonho

Poderá dizer-se que a primeira hora da viagem Covilhã-Oliveira do Hospital foi cumprida a passo de ganso, 37 no bornal e por aí se quedou o conta-quilómetros. Na beira da estrada, era um ver-se-te-avias: os pais de Carlos Marques, o progenitor de Isaac Nunes (que veio dar água e fruta aos modernos continuadores de seu filho) a irmã e o cunhado de José Sousa Santos, a decidida esposa de Joaquim Andrade e até Firmino Bernardino, talvez mordendo o lábio com contrição, por não lhe pertencer uma fatia do aplauso geral.

Foram 112 quilómetros com poucas peripécias: Uns esboços de Jacinto Paulinho e Elias Campos, uns fogachos de Bernardo Sousa e Carlos Santos, Tito Timóteo primeiro em Manteigas e o resistente Venceslau Fernandes, vanguardista no topo da montanha maior. Foi logo a seguir que Rui Martins deslizou como uma enguia; no seu encalço, sempre e só, apenas Carlos Ferreira. Uma colagem que duraria até ao derradeiro risco branco, quando o símbolo dos algarves traçou a história na «volta» e contou:

– *Vinha com força e, logo vi o «canadiano», assim que ele desatou a descer, peguei-lhe. Colaboramos bem e a chegada saiu-me à medida.*

Saltando a ideia:

– *Tavira não tem mais pretensões que vencer uma ou outra etapa. Mesmo assim, temos tido azar nas fugas...*

Fernando Mendes, emigrante no Zimbawe é, neste momento, técnico número dois do Coimbrões (Joaquim Leite é o patrão) abraça o rapaz do bloco canadiano. Rui Martins, também ele um emigrante, desabafa:

– *Eu não estava muito bem classificado ,e como também não tinha nada a perder, pensei em ganhar a etapa. Foi um saldo bom...*

Rui é estudante (segundo ano) de Medicina, mas não foi influenciado por quem quer que seja para prolongar a conquista de Joaquim de Sousa Santos, o médico que parece ter dito adeus a esta coisa das bicicletas depois de, à custa da pedalada, ter construído uma carreira.

Em 1976 (conta o «canadiano») *Vim a Portugal passar férias e gostei de ver os olímpicos fazendo ciclismo. Comprei uma bicicleta e comecei. Portanto, há seis anos que pratico a modalidade: cadetes, juniores, esta segunda temporada como sénior. Mas, sempre no Canadá: nunca me tinha lembrado que havia de subir a serra da Estrela.*

Toronto: a esperança

O discreto «leader» da Luso Canadian Vela é pausado nas falas e ponderado nas apreciações:

– *Estudar tira-me muito tempo: a Medicina tem muito que se lhe diga. Agora, estou numa encruzilhada: ou bicicleta, ou estudo. É a primeira vez que corro em Portugal mas sinto que posso vencer uma etapa rápida curta, para escapar com facilidade. No Canadá, apenas fazemos provas em circuitos, sempre e só a rolar: o terreno é liso, nada de subidas nem descidas, tudo ao meu jeito.*

Sorrindo discretamente:

– **Estranhei muito a mudança de temperatura e, sobretudo, as diferenças de terreno. Para mim, o empinado é diabólico.**

Carinhosamente, o pai limpa-lhe o suor com uma toalha. Rui Martins prossegue o alinhar de conversa:

– **Descer é que gosto. Depois, quando me apanhei à frente, tive uma extraordinária sensação de ansiedade...**

Como quem mergulha no íntimo:

– **Em certa medida, não sei se me fica bem dizer, mas julgo que imaginei ser o melhor de todos naquele momento. Logo pensei: e se faço tanto esforço e sou apanhado? Era triste, mas quem podia contrariar o destino?**

Começar de novo?

O «canadiano» (melhor: o futuro-próximo médico) conta que é do seu bolso que sai todo o dinheiro necessário para ser «amdaor» nesta coisa do ciclismo, onde o material leva os olhos da cara. **Mas, na nossa equipa, fomos apoiados pela comunidade3 portuguesa, desde o comércio a particulares. Quando todos regressarmos ao Canadá até o turismo de Toronto nos promete uma festa.**

Festa, festa a sério, continua a rodear o Futebol Clube do Porto e muito especialmente o comandante Marco Chagas:

– **Como vê, tudo vai correndo normalmente. A subida da serra foi feita em bom ritmo, a cadência sempre imposta pelo António Alves. O Venceslau fez-se ao Prémio da Montanha e todos achamos que era justo: nenhuma de nós pode pensar em ganhar tudo...**

O homem da «amarela» escorre água por todos os poros, mas mantém os pensamentos dentro da maior lucidez:

– **O ciclista que, na noite de hoje envergar o símbolo de primeiro é o vencedor da «Volta». Todos os colegas estão ao meu lado: vou tentar um triunfo que fique a marcar bem a presença do Porto nesta «Volta». Aliás, devo acrescentar: a minha carreira sempre esperou por um momento como este: e sinto que vou vencer.**

Na sala da Imprensa aparece o comunicado oficial: lá constam as esperadas penalizações oficiais a Aníbal Silva (Coimbrões) e José Pereira (Coelima) mil escudos sacados do bolso de cada um «por abrigo contínuo atrás de veículos», Eddy Smoliski, parceiro de Rui Martins na aventura portuguesa, era o atraso de sete segundos sobre o permitido, era mesmo de fechar o olho no Tribunal. Quanto às eliminações, cumpra-se o perceituado: José Henriques (um dos esperançosos pupilos de Artur Lopes), o Ratinha António Castro, o colega Aníbal Silva (também do Coimbrões), o recente triunfante António Castro, o colega Aníbal Silva (também do Coimbrões), o recente triunfante José Pereira e o também ainda muito próximo construtor de sonho que é o peixeiro Carlos Marques, o tal que queria só passar à frente defronte da porta da antiga namorada e acabou por vencer uma tirada, já estão a caminho de casa. Ontem, não resistiram: enquanto Rui Avelar terminava a conquista de Oliveira do Hospital, numa ambulância e, fazendo jus ao nome da terra era rebocado para entre lençóis com médico à cabeceira, o quinteto de muito abrasados despedia-se de um festim em que só fica comida para os mais gulosos.

E a questão cintilando no ar: Marco, Adelino ou até Zeferino?

Gouveia (ou alguém mais), terá uma palavra a soltar neste debate de alta instância? E, no tocante a prémios globais: estão outorgados a Bombarralense e Porto, sem qualquer interferência de outra latitude? O conformismo do grosso da caravana, a singular apatia que a costuma rodear? O conformismo do grosso da caravana, a singular apatia que costuma rodear a véspera das grandes batalhas será a responsável por todos terem ficado a ver um médico e um algarvio ditando efémera lei? Quem pode ainda aspirar a chancela no seu momento de glória?

Oliveira do Bairro vai ficando para trás: um a um, larga-se para os trinta e cinco quilómetros até à Curia. Depois, no calendário, são duzentos e vinte e três quilómetros até Matosinhos. Onde a terra acaba e o mar começa. Melhor: onde vai cair o pano sobre a «Volta-82» e, os mais ariscos, se reparam para rápida reciclagem e imediato ataque. Sem vassalagem e talvez apenas com um breve adeus, para tudo voltar a construir-se antes de nova devastação.

Classificações depois da 10.ª tirada

GERAL
Individual

1.º M. Chagas (FCP), 34h 36m 21s; 2.º A. Teixeira (Bomb.), 34.36,22; 3.º M. Zeferino (FCP), 34.37.35; 4.º A. Gouveia, (Coimb), 34.38,15; 5.º B. Ferreira (Lousa), 34.38,34; 6.º J. S. Santos (Rod.), 34.38,52; 7.º A. Ruas (Lousa), 34.38,58; A. Fernandes (Rod.); 9.º Bel. Silva (FCP), 34.39,14; 10.º José Xavier (Bomb.), 34.39,48; 11.º F. Fernandes (Bomb.) 34.39,56; Man. Neves (Rod.); 13.º Ed. Correia (FCP), 34.40,10; 14.º Rui Martins (Luso), 34.40,11; 15.º L. Domingos (Bom.), 34.40,13; 16.º L. Vargues (Bomb.), 34.40,49; 17.º Abel Coelho (Lousa), 34.40,56; 18.º V. Fernandes (Rod.), 34.41,12; 19.º J. Andrade (Ovar), 34.41.20; 20.º A. Terebentino (Vig.), 34.41,36; 21.º Ant. Pinto (Coel.), 34.41,59; 22.º F. Carvalho (Ovar), 34.42,07; 23.º R. Henriques (Bom.), 34.42,08; 24.º L. Teixeira (Coel.), 34.42,15; 25.º José Martins (Vig.), 34 42,33; 27.º Man. Cunha (FCP), 34.42,34; 28.º Jac. Paulinho (Tav.), 34.42,51; 29.º Aug. Gomes (Rod.), 34.43.01; 30.º Ant Alves (FCP), 34.43,06; 31.º C. Santos (FCP), 34.43,27; 32.º José Silva (Coimb.), 34.44,15; 33.º José Marques (Tav.), 34.44,22; 34.º José Poeira (Coimb), 34.44,37; 35.º N. Medeiros (Coel.), 34.44,39; 36.º Man. Gomes (Rod.), 34.44,57; 37.º José Amaro (FCP), 34.45,20; 38.º Herc. Silva (Ovar), 34 45,51; 39.º B. Carvalho (Lousa), 34.46,03; 40.º R. Fachadas (Coimb), 34.46,31; 41.º M. Martins (Vig.), 34.46,46; 42.º João Santos (Bomb.), 34.47,08; 43.º Tito Timóteo (Ovar) 34 50,01; 44.º Elias Campos (Tav.), 34.50,41; 45.º Belm. Ribeiro (Vig.), 34.51,29; 46.º C. Ferreira (Tav.), 34.57,53; 47.º Man. Alves (Coimb.), 35.09,10; 48.º G. Gonçalves (Coel.), 35.12,47; 49.º F. Maia (R. Tinto), 35.21,02; 50.º Am. Cardoso (Vig.), 35.22,58; 51.º E. Smoliski (Luso), 35.24,24; 52.º S. Serrenho (Luso), 35.29,07; 53.º L. Miranda (Coel), 35.29,13.

Eliminados: José Henriques (Lousa), António Castro e Aníbal Silva (Coimbrões), Carlos Marques (Tavira) e José Pereira (Coelima).

Equipas

1.ª Bombarralense, 104h 11m 42 s; 2.º F. C. Porto 104.15,40; 3.ª Rodovil, 104.21,26; 4.ª Lousa, 104.22,38; 5.ª Coimbrões, 104.27,21; 6.ª Tavira, 104.30,12; 7.ª Vigaminho, 104.31,57; 8.ª Coelima, 104.32,43; 9.ª Ovarense, 104.33,13; 10.ª Luso Canadian-Velo 105.52,00.

Pontos

1.º Alex. Ruas (Lousa), 38 p; 2.º António Pinto (Coel.), 35; 3.º António Fernandes (Rod.), 29; 4.º Marco Chagas (FCP), 23; 5.º Fern. Fernandes (Bomb.), 16.

Metas volantes

1.º Carlos Santos (FCP) 14 p; 2.º José Henriques (Lousa), 14; 3.º António Alves (FCP), 12; 4.º Rui Henriques (Bomb.), 11; 5.º Fern Fernandes (Bomb.), 5.

Prémio da montanha

1.º Ant. Fernandes (Rod.), 23p; 2.º Marco Chagas (FCP), 22; 3.º Carlos Santos (FCP), 18; 4.º Belmiro Ribeiro (Vigam), 17; 5.º Adelino Teixeira (Bomb), 12.

Juventude

1.º Manuel Zeferino (FCP), 2.º José Xavier (Bombarralense); 3.º Manuel Neves (Rodovil).

Combinado

1.º Marco Chagas (FCP), 7 p; 2.º António Fernandes (Rod.), 12; 3.º Adelino Teixeira (Bomb.), 28.

Carlos Lopes em Zurique: 8.º nos 5000 com bom tempo

O português Carlos Lopes classificou-se ontem em oitavo lugar na prova dos 5000 metros do meeeting internacional de atletismo de Zurique, com o tempo de 13.18,40 minutos.

Lopes, 35 anos, anterior recordista da Europa dos dez mil metros, ficou a pouco mais de um segundo da sua melhor marca pessoal na légua: 13.17,28 minutos obtida a 14 de Julho em Lausanna, Suíça.

O recorde português é de Fernando Mamede com 13.14,6 minutos desde 10 de Junho deste ano e foi obtido no Estádio de Alavalade.

Hans Joerg Kunze, anterior recordista europeu da distância, venceu a prova com 13.12,54 minutos, um dos melhores tempos europeus do ano.

O recorde mundial pertence ao inglês David Moorcroft com 13.00,42 minutos desde 7 de Julho em Oslo.

Classificação da prova:

1. Hans Joerg Kunze, RDA, 13.12,53 minutos; 2. Werner Schildhaeur, RDA, 13.12,54; 3. Thomas Wessinghage, RFA, 13.12,78; 4. Peter Hoeck, Quénia, 13.13,86; 5. Bill Mcchesney, EUA, 13.13,86; 6. Dietmar Millonig, Áustria, 13.15,71; 8. Carlos Lopes, Portugal, 13.18,40.

Guilherme Alves 1.º na Corunha

O português Guilherme Alves ganhou ontem a prova dos 3000 metros do encontro internacional de atletismo da Corunha, Espanha, alcançando a sua melhor marca pessoal na distância, 7.55,5 minutos.

Guilherme Alves, do Benfica, que domingo passado obteve em Vigo os mínimos para o «Europeu» em Atenas nos 3000 metros obstáculos, foi considerado o melhor atleta do torneio, recebendo um troféu equivalente a 50 mil pesetas, cerca de 40 mil escudos.

Na mesma prova, o português Fernando Couto classificou-se em quarto lugar com 7.58,9 minutos, melhorando também a sua marca pessoal.

João Campos, que já obteve os mínimos para o «Europeu» nos 1500 metros, classificou-se em terceiro lugar na distância com 3.40,3 minutos, perdendo a prova ao «sprint» para o espanhol Coloman Trabado, com 3.39,6 minutos.

André Veras, Espanha, foi segundo com 3.40,2 minutos. O português Fernando Miguel foi quinto com 3.43,7 minutos, sua melhor marca pessoal.

Confirmado: Tele Santana vai para a Arábia Saudita

O director técnico da selecção brasileira de futebol confirmou o ingresso numa equipa da Arábia Saudita, depois de concluído o contrato com a CBF.

Santana não revelou o montante do contrato com a equipa Al Ahli, que em 1976 foi orientada por outro brasileiro, Didi.

Fontes jornalísticas asseguraram que o técnico recebeu 200 mil dólares pela assinatura do contrato (cerca de 16,5 milhões de escudos) e receberá, mais 420 mil dólares quando chegar a Al Ahli.

Santana auferirá um salário mensal de 30 mil dólares além da casa paga, empregados, alimentação e um automóvel de luxo.

Santana, cujo contrato com a CBF expira em Dezembro, declarou que no Brasil existem muitos técnicos competentes e elogiou o trabalho de Paulo César Carpegianni na equipa técnica do Flamengo

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Marcel Marceau, Mimo

Marcel Marceau, com Bryan Shawn. VIII Festival de Música. Costa do Estoril. Casino Estoril. 12-8--1982

Já escrevi várias vezes mas não faz mal repeti-lo. O espectador de teatro, e por mais fortes razões o crítico, evolui, forma-se, enriquece-se através do contacto, tão intenso quanto possível, com os espectáculos que tem oportunidade de ver. Formação sem bases científicas, dir-se-á, inevitavelmente aleatória, frágil, inconsistente. Reservas aceitáveis desde que se tenha em conta a importância do material que o espectador assíduo recebe, absorve, trabalhar reelabora. É dessa quantificação – a assiduidade – e dessa qualificação – a importância – que dependem, em última análise, os limites dos juízos a que o espectador-crítico é obrigado no próprio cumprimento da sua actividade

No início da minha prática crítica (assim a considero não obstante as reservas que eu mesmo possa fazer-lhe) aprendi com o TEP de António Pedro que o teatro era mais e melhor do que um texto falado num palco, era um sistema de sinais linguísticos (o texto que podia não ser apenas o que o Autor escrevera) que outros sistemas sígnicos ajudavam a comunicar. Aí estavam não apenas a voz mas uma determinada maneira de dizer; não apenas o gesto mas o que significava no relacionamento espacial a que obedecia; não apenas a marcação mas o conteúdo que essa marcação significava; não apenas uma cor mas o que ela simbolizava; não apenas um acompanhamento musical-/sonoro mas a carga sígnica com que sublinhava, questionava, enfrentava os restantes elementos do espectáculo.

Sem saber como, melhor, com o saber do espectador que é o co-criador do espectáculo teatral, com as encenações que António Pedro absorvia, trabalhando-as posteriormente através da leitura e de um mínimo de reflexão, leis que só mais tarde seria capaz de codificar/descodificar, com todos os limites que um trabalho solitário, autodidáctico como este implica. Vem esta quase página de memórias a propósito, como já se entendeu, de Marcel Marceau. Não, evidentemente, dos espectáculos que agora apresentou mas do que vi, no Porto, há mais de vinte anos, quando passou por cá a convite de Luís de Lima, um dos seus discípulos dilectos cuja breve estadia no Porto contribuiu para alargar os horizontes das formas cénicas que António Pedro amplamente desbloqueara.

Com Marcel Marceau, e ele foi o bastante, aprendi a conhecer, como espectador, os insuspeitados recursos do corpo humano para comunicar sem palavras os sentimentos mais profundos, as mais extensas vivências do ser humano. Conhecer esses recursos, saber até onde podia ir o corpo do intérprete teatral, fazer a leitura dos sinais comunicados

como se se tratasse de um texto, sentir que um actor (um mimo) era capaz de agarrar na nossa sensibilidade (a palavra serve) e levar-nos com ele através dos caminhos do riso e das lágrimas, e com ele viver essas zonas obscuras em que a morte e a vida, teatralmente, se encontram e mesclam; fazê-lo através de vibrações ténues do corpo, da pele, através do jogo dramático da máscara, do desdobramento das personagens, através de uma gestualidade que se transformava, simplesmente, numa poética. Tudo isso foi para mim uma revelação inesquecível.

Lembro-me do seu olhar, de como aprendi com ele, o que significa em palco a intensidade do olhar, como ele nos conduz para fora e para dentro de nós.

Se hoje consigo entender alguma coisa, por pouco que seja, do que se passa num palco no que diz respeito ao trabalho do actor, mesmo quando esse trabalho não tem nada a ver com a linguagem mímica, é a Marceau que em grande parte o devo porque foi ele quem, pela primeira vez, me revelou o que há de ilimitado nas potencialidades do corpo humano para exprimir e comunicar os nossos sentimentos e as nossas vivências. O que há de ilimitado e os limites que impedem o mimo de se realizar como arte integral.

Jean-Louis Barrault, que foi um dos grandes discípulos de Étienne Décroux, colocou nas «Nouvelles Réflexions dur le Théâtre» a seguinte questão, aliás fundamental: «Não haverá na própria concepção do mimo uma falha essencial que o impede de se manifestar ao mesmo nível das outras artes?» Numa entrevista publicada na revista «Empreintes», dedicada aos mimos, Barrault explicou-se: «A minha dúvida – haverá uma falha? – consistia em descobrir se o mimo era suficiente para recriar o carácter completo da vida. O mimo faz parte duma respiração, mas é verdadeiramente necessário ranger os dentes para não soltar um grito com uma respiração. E se de repente esse grito passa por determinados centros do corpo, chegamos muito próximo do Verbo. **Não há solução de continuidade.**»

Esta verificação crucial da possibilidade de uma falha não impede Barrault de «agora gostar ainda mais do mimo».

Apreciar mímica como arte autónoma passa, a meu ver, pelo reconhecimento dessa falha: ausência do grito, não do grito do silêncio nem do silêncio do grito, mas do grito como manifestação animal e humana, como manifestação da vontade do homem em dominar e enriquecer a natureza e ele mesmo.

Marcel Marceau voltou agora a Portugal, ele mesmo e outro, naturalmente. Com 60 anos o seu corpo já não tem talvez a flexibilidade dos 30 anos. Não tem importância. Se já não nos surpreendeu nem deslumbrou, como há vinte anos, continua a impressionar-nos e a comover-nos pelo maravilhoso poder que continua a manter de comunicar através do corpo, da máscara, dos olhos, dos gestos. A posição da cabeça e do pescoço, os braços, as mãos e os dedos, o jogo do tronco e das pernas, o trabalho com os pés. Marceau continua a folhear a sua gramática corporal sem uma falha, desdobrando-se em várias personagens através de processos duma simplicidade aparente pasmosa.

Criador de figuras de estilo, com as quais ilustra as capacidades da arte mímica, criador de mimodramas, com os quais demonstrou que os limites da realização do mimo ainda não foram atingidos (como em «O Capote», inspirado na célebre novela de Gogol), criador de Bip, personagem singular na qual exprime mais livre e amplamente a sua poética, Marceau consegue ainda um relacionamento incrível entre o palco e a plateia.

Parece-me não ter renovado a sua gramática gestual, o que implicará uma fatal, e talvez inevitável, fixidez dos seus registos, mas isso não nos impede de continuarmos a admirá-lo e a amá-lo.

Agora que dirige em Paris uma escola de arte mímica, Marcel Marceau poderá passar o testemunho para que a tradição da sua arte, de que é actualmente o principal cultor, não se perca.

crítica de cinema

"Os Amigos da Onça" de Billy Wilder

JORGE LEITÃO RAMOS

Fazer cinema é simples. Basta ter uma boa história, saber planificá-la, dialogá-la, pôr actores competentes a representar e técnicos capazes a iluminar, fotografar, sonorizar, montar. Fazer cinema pode ser só (?) uma questão de saber fazer. O resto é simples.

Walter Matthau (à esq.) e Milhes Chapin em «Os amigos da onça» **de Billy Wilder**

Os amigos da onça é, antes de tudo, uma lição de competência. Nada a mais, nem a menos. Nenhum grande voo estilístico, nenhuns excepcionais meios técnicos ou financeiros. A estrita eficácia, já agora bem temperada de inteligência e ironia. Ou não se chamasse Billy Wilder o seu realizador.

Um assassino profissional está, o mais pachorrentamente possível, procurando matar um tipo da janela de um quarto de hotel. Não chateia ninguém, quer apenas fazer o seu trabalho. E não é que lhe calhe em sorte ter, no quarto contíguo, um pobre diabo (de profissão censor na cadeia de televisão C. B. S.) que, só por a mulher lhe ter fugido com um doutor que tem uma clínica de tratamento sexual, insiste em suicidar-se, em causar burburinho, incomodando o pacato assassino no seu ganha-pão?

O assassino é Walter Matthau, o incómodo vizinho é Jack Lemmon (a parelha é já clássica com Billy Wilder), a mulher do vizinho é Paula Prentiss e o médico sexólogo é Klaus Kinski, sendo o resultado uma comédia sibilinamente amoral, divertida, a que se assiste como que acedendo ao reencontro com um velho amigo destas coisas de cinema e de ironia.

Dir-se-á que **Os amigos da onça** não tem a chama de **Quanto mais quente melhor** ou de **O pecado mora ao lado.** E é verdade. Mas num tempo em que o cinema americano ou é de uma estarrecedora mediocridade ou tem o peso do excesso e do impensável, sabe bem assistir a um filme trabalhado com a precisão de um artesão talentoso que não se verga às fórmulas do momento e faz o seu cinema com eficácia e bonomia.

Depois de Cukor (com **Célebres e ricas**), Wilder vem mostrar que a «velha guarda» americana ainda aí está para as curvas. Com o simples material que sempre conheceu: uma boa história, bem planificada e dialogada, actores e a competência técnica. Até parece fácil.

FICHA:

Título original: Buddy buddy.
Realização: Billy Wilder (USA-1981).
Argumento: Billy Wilder e I. A. L. Diamond, segundo peça teatral de Francis Veber.
Fotografia: Harry Stradling, Jr.
Cenários: Daniel A. Lomino (**production designer**), Cloudia (**set decorator**).
Música: Lelo Schifrin.
Montagem: Argyle Nelson.
Interpretação: Jack Lemmon (**Victor Clooney**), Walter Matthau (**Trabucco**), Paula Prentiss (**Celia Cooney**), Klaus Kinski (**dr. Zuckerbrot**), Dana Elcar (**cap. Hubris**), Miles Chapin (**Eddie**), etc.
Distribuição em Portugal: Rank.
Cinemas: ABCine - sala A e S. Jorge 1.
Classificação: Interdito a menores de 13 anos.
Duração: 98 minutos.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.51, DE 22 AGOSTO 82

A Comarca de Arganil, 12x 1xx 111 2xx1; Rádio Altitude, 12x 1x1 111 22xx; Folha do Domingo, 12x 111 x11 xx12; O Jornal de Felgueiras, 121 12x 111 xx11; O Jornal da Lixa, 12x 12x 111 x112; Diário de Lisboa, 12x 1x1 1x1 2x12; Notícias de Felgueiras, 12x 1x1 111 xx22; Ecos de Cacia, 12x 121 11x 1121; Defesa de Espinho, 12x 1x1 111 2x1x; Linhas de Elvas, 121 121 111 2212; Correio do Vouga, 121 1x1 111 1111; Eu Sei Tudo, 12x 1x2 111 22x1; O diário, 12x 1x1 211 2x12; Estrela da Manhã, 121 111 x11 x111; Correio de Coimbra, 12x 111 x11 11x2; Jornal de Sintra, 12x 1x1 111 x111; Notícias de Évora, 12x 1x1 111 x21x; Jornal de Santo Tirso, 121 1x2 111 xx21; Jornal da Beira, 121 11x 111 22x2, Maria da Fonte, 12x 121 111 22x2; A Voz de Palmela, 12x 1x2 x11 2x12; Rádio Totobola, 121 1xx 11x x212; A Ordem, 12x 12x 111 2212; Voz de Lamego, 121 121 111 x222; A Voz de Domgindo, 121 1xx 111 xx22; O Comércio de Leixões, 12x 1xx 111 22xx; Jornal de Gaia, 12x 1xx 111 21x2; Penalti, 121 121 11x 2212; Manchete Desportiva, 121 111 112 222x; Repórter do Dia, 12x 121 1x1 22x1; A Voz dos Ridículos, 12x 1x1 111 1x21; Jornal da Graça, 121 121 12x 222x; Bola Branca (RR), 12x 1x2 111 1111; Música e Não Só (RR), 121 11x 11x 122x; Alvo Desportivo, 1x1 1x1 11x 11xx; Jornal de Notícias, 1xx 1x1 111 xxxx; O Primeiro de Janeiro, 12x 1x1 1x1 11x1; Qadrante Norte, 121 121 111 x1x1; Rádio Alvo, 12x xx1 x21 2x21; Resenha Desportiva, 12x 1x1 111 2x1x; O Porto, 12x 12x 111 x22x; A Voz do Ave, 121 112 111 1111.

	RESUMO			BOLAS		
	1	X	2	1	X	2
1. BOAVISTA - ESTORIL	43	0	0	12	1	1
2. ESPINHO - BENFICA	0	2	41	1	1	11
3. BRAGA - GUIMARÃES	16	27	0	4	8	1
4. SPORTING - MARITIMO	42	1	0	11	1	1
5. PORTIMONENSE - PORTO	7	24	12	2	7	3
6. ALCOBAÇA - RIO AVE	26	11	6	7	3	2
7. VARZIM - AMORA	36	6	1	9	2	1
8. LEVERKUSEN - BIELEFELD	39	2	2	10	1	1
9. DUSSELDORF - BOCHUM	36	6	1	9	2	1
10. BREMEN - BAYERN	9	14	20	2	4	6
11. NUREMBERGA - HAMBURGO	12	15	16	3	4	5
12. SCHALKE 04 - M'GLADBACH	19	13	11	5	4	3
13. E.BRUNSWICK - COLÓNIA	15	11	17	4	3	5

a) Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será :

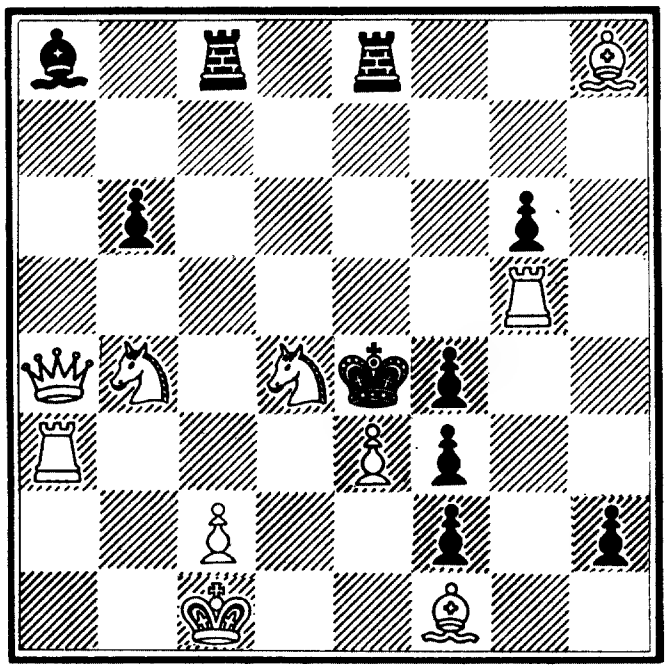
12X 1X1 111 2212

Problemas de Xadrez

O tema «Zagourujko»: em resposta aos mesmos lances negros, seguem-se mate diferentes nojogo aparente, no(s), ensaio(s) (jogo virtual) e na solução (jogo real).

O jogo aparente é o seguinte, fazendo jogar as pretas em primeiro lugar:

1...Txc2+, 2.Dxc2++; 1...f4xe3 2.Tg4++. A D e os 2 CC brancos constituem uma semibateria, mas na solução funcionam duas baterias.



L. Loschinskiy e V. Cepiahnyij
«Die Schwalbe» 1961
1.º prémio
(2 lances)

SOLUÇÃO:

Ensaio: 1Cb3 (em. 2.Cxf2--) 1...Txe2+ 2.Cxe2++; 1...fxe3 2.Cc6++ 1...Rfxe3 2.Cc5--. Mas o ensaio falha por 1...Nf=C.
Chave 1.Cb3 (em.2.Cd2--) 1...Txe2+ 2.Cxe2++; 1...fxe3 2.Cc6++ 1...Rfxe3 2.Cc5--. Baterias de D/C e T/C.

Alack Sinner

Banda Desenhada de Muñoz e Sampayo

27

C OPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

Federação dos Sindicatos das Indústrias de Cerâmica, Cimento e Vidro de Portugal

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Artigos 26.º e 27.º dos Estatutos, convoca-se a realização do II Congresso da Federação dos Sindicatos das Indústrias de Cerâmica, Cimento e Vidro de Portugal, a realizar nas instalações do INATEL, na Foz do Arelho, nos dias 30 e 31 de Outubro de 1982.

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º — Apresentação do relatório da C.N.O.C.
2.º — Discussão e votação do regulamento do funcionamento do Congresso
3.º — Apresentação do relatório de actividades da Federação
4.º — Estatutos
5.º — Regulamento eleitoral
6.º — Programa de acção
7.º — Eleição do Secretariado

NOTA: O local indicado é provisório.

Lisboa, 30 de Julho de 1982

O SECRETARIADO

As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.
NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Loures em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5676-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Odivelas, no concelho de Loures, de uma linha mista a 10 kV, n.º 1812 (2.º troço) com 1452 m, parte aérea, com 152 m e parte subterrânea, com 1300 m, do P.S.T. n.º 5668, na Rua de Santo Estêvão ao P.S.T. n.º 5676 na Rua do Chafariz, passando pelos P.S.T. n.ºs 5674 e 5675, no Casal da Silveira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 10 de Agosto de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
(assinatura ilegível)

Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

RENOVAÇÃO DA VIA ENTRE ENTRONCAMENTO E ABRANTES

A fim de melhorar as condições de circulação na Linha do Leste a C.P. vai proceder a trabalhos de renovação de via no troço Entroncamento-Abrantes, a partir de 1/9/82.

Por esse motivo a via estará interrompida durante parte do dia, sendo nesse período as circulações suspensas substituídas por um serviço rodoviário.

A C.P. agradece a compreensão dos seus utentes para os eventuais incómodos daí resultantes.

Para informação mais detalhada aconselham-se os senhores passageiros a dirigirem-se às estações e Secções de Informação.

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Histórias de Alcochete

Praça de touros de Alcochete. Sexta-feira, 6 de Agosto de 1982. Touros de João Moura e Filhos para Emídio Pinto, João Moura, João Palha Telles e forcados amadores de Lisboa, de Alcochete e do Aposento da Moita.

De Alcochete, a régia fama terá começado quando, na temporal residência que ali fazia D. Duarte, duque de Viseu, sua esposa Dona Brites deitou ao mundo aquele que seria o venturoso rei D. Manuel. Mas só uns anos depois do ínclito parto, reinava ainda o Príncipe Perfeito, essa régia fama se fez tauromáquica.

Foi assim, ao que consta: já morto e arrefecido o duque, continuou a saudosa Dona Brites a frequentar os paços de Alcochete, e ali por hóspedes recebia sua filha, a rainha Dona Leonor, e El-Rei Don João II, dela amante esposo, como nesses tempos se dizia. Ora numa dessas visitas, segundo reza o «Archivo Pittoresco», publicado em 1866, calhou ser dia de festa na terra, com a já inevitável corrida de touros, celebrada no terreiro grande, em frente da Igreja Matriz. Ao chegar a hora do festejo, para o presenciar saiu o Rei dos paços da Infanta sua sogra; e como perto quedava, a pé foi andando para a praça, acompanhado da Rainha, e atrás o luzido cortejo das damas e fidalgos.

Eis senão quando, iam as altezas a chegar ao terreiro, vem um mui grande e alarido tropel de povo, em corrida mais veloz do que aquela que permitiria sua humana natureza, se não fosse o caso de vir atrás deles, fugido dos curros, um touro de todo o tamanho. No meio daquele vê se te avias, sentindo-se assim irmanados com a plebe duma forma tão inesperada e violenta, largaram as damas e fidalgos em busca de porta ou buraco, naquela hora qualquer um seria digno albergue de suas pessoas; e tudo isto sem pedirem licença a Sua Majestade, talvez porque no alvoroço consideravam que outro poder maior se alevantava, e com chifres.

Assim o não considerou El-Rei: sem dizer uma palavra, desembainhou a espada, no braço esquerdo colocou a capa (em talvez inconsciente visão do toureio ao natural), e pondo-se diante da Rainha, ali esperou o touro, sem arredar o real pé. Afinal acabou o bruto por passar de largo, sem ofensa ao soberano, impressionado quem sabe por sua impavidez, ou simplesmente distraído com cousa menor: mas o gesto de El-Rei ali ficou, não só para vergonha dos solícitos fidalgos que de seus sustos e abrigos regressavam, mas também para que em Alcochete ficasse a servir de taurina inspiração.

***

Inspiração deixada em duas e bem definidas circunstâncias: a pé, e de dia. Inspiração, como sabeis, de que os anos vão consumindo os restos, começa a perder-se no tempo a lembrança dos matadores de touros que pela arena de Alcochete passaram. E não por falta de oportunidade, que nas festas do Barrete Verde e das Salinas deste ano de graça de 1982, montaram-se três festejos taurinos, sinal do destemor e da atrevida juventude do novo forcado-empresário, atributos que António Manuel Cardoso confirmou na arena, vestindo a jaqueta dos amadores da terra, teimou e pegou rijamente o quinto animal do primeiro desses festejos – que como os outros foi só de cavalaria, com o luxo de João Moura no cartaz, e anunciando-se nocturno, para inauguração da luz. Bolas. Não é por a luz ser afinal tíbia, lâmpadas penduradas em cima da arena: mas touros em Alcochete pedem sol e moscas, sem eles perde a praça o seu carácter próprio, festivo, a chamar gente.

Talvez por isso, além do desfavor da ventosa noite, e dos preços de escaldar, ficaram tantas entradas por vender: e com a praça quase meia acabou a reclamada apresentação do «menino Moura» em Alcochete. Castigo merecido: porque além da praça meia, pior do que isso, também meios eram os touros, pequenotes, entre o anovilhado e o abezerrado. Perceberá João Moura, se por figura do toureio quer continuar a ser tomado, se não lhe interessam apenas os cifrões imediatos, que esse caminho leva ao descrédito, por ele se vai sempre descendo?

Perceba ou não, sem touros decentes não apetece ao cronista falar de toureiros, ninguém o obriga a entrar nesse jogo. E por aqui se fica.

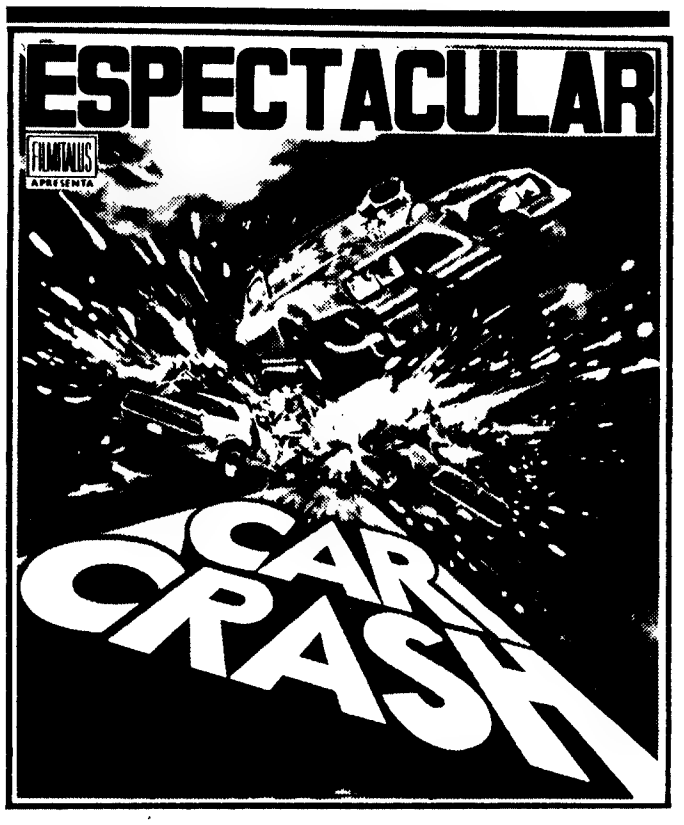
***

História de Alcochete, ainda mais antiga do que a outra, acontecida aí pelo ano de 1323. Nas águas do Tejo, do outro lado da margem onde mais tarde iriam aparecer os vinhos do Poço do Bispo, pescadores de Alcochete apanharam um solho como nunca se vira, nem voltou a ver: pesou dezassete arrobas, qualquer coisa como 255 quilos, tal seria o peixe que o foram oferecer ao rei, que era então D. Diniz, e que apesar de chamado o Lavrador, não o Pescador, logo mandou que lhe fizessem o retrato em tamanho natural, e que o quadro guardassem na Torre do Tombo, onde em 1755 veio o terramoto e lhe pôs ponto final na posteridade.

Ficaria morna a história, como qualquer uma do Entroncamento, sem o picante da discussão: mas por essa altura veio de montante do rio, de Muge, o desafio de pescaria igualmente grossa, um solho com dezassete palmos de comprimento, e sete de grosso, e dezassete arrobas e meia, contam que também oferecido a D. Diniz, e com igual direito a retrato em tamanho natural.

Ora cinco séculos e meio depois, em 1873, nas páginas do seu «Portugal Antigo e Moderno», levanta Augusto Pinho Leal a dúvida, a suspeita, a mais que plausível hipótese de se tratar afinal de um solho só, bem podia ter acontecido que os de Alcochete o tivessem pescado em águas de Muge, ou vice-versa, serem os de Muge a pescá-lo à beira de Alcochete, questão que o erudito autor deixa para ser resolvida por quem nela for mais competente; isto para além do problema das arrobas, já que importa saber se na pesagem terão usado por medida a arroba castelhana, que só tinha doze arratéis portugueses, não é novidade que os pesos variam muito conforme as balanças e as medidas que se usam, para não falar das penas que depois os escrevem.

Mas eis que agora, mais de seiscentos anos passados sobre o solho histórico de Alcochete, uma notícia corre pela vila, trazendo consigo uma nova euforia, a esperança da vitória definitiva sobre as pretensões de Muge: admite-se, embora sujeito a confirmação, que o já secular recorde dos 225 quilos esteja ultrapassado por algum dos solhos com chifres que, na noite de 6 de Agosto, foram pescados na arena de Alcochete.



BÓLIDES DA MORTE

JOEY TRAVOLTA-VITTORIO MEZZOGIORNO
JOHN STEINER

um filme de: ANTHONY M. DAWSON

ESTREIA • INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS • MONUMENTAL ÀS 21.30

As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.
NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A lei do aborto, o aborto da lei

1 – A volta a Portugal voltou a voltar-se contra a televisão. Ou ao contrário, não sei. Só sei que quando estabeleceram a ligação – já os corredores tinham cortado a meta...

E os telespectadores de cara à banda convencidos, como já estão, de que a RTP anda a gozar com eles.

2 – Em **país, país** especial referência para as declarações de Carlos Gomes, presidente da Câmara de Coruche, a propósito das festas comemorativas dos 800 anos daquela vila.

O repórter sublinhava a atenção que nas festas se prestava às crianças e Carlos Gomes, com a maior naturalidade respondia. «Pois é. Nós não queremos esquecer as crianças.»

As crianças, ou seja, o futuro. Esse futuro pelo qual o nobre povo de Coruche travou tantos e tantos combates. Coruche, palavra honrada, símbolo da Resistência, sinal de vitória.

Por isso não esquece as suas crianças. Lógico.

3 – Crianças que a RTP não ama. E não se defende aquilo que não se ama. Por isso, agora diariamente, filmes medonhos, de causar pesadelos. Um mundo de monstros, de seres desumanizados, a morte sempre em perspectiva, o medo constante marca. Mensagens chegadas da América, de uma sociedade em desagregação, produzidas para destruir, moral, psíquica e fisicamente as crianças.

4 – **Coleccionando** passa depressa e não deixa rasto, geralmente. Não vou distribuir culpas. Rubrica menor, enche tempo. E nada controversa. Coleccionar é próprio do homem.

Fica na memória à opinião do sr. Rui Coelho, da Praia das Maçãs, coleccionador de bandejas. Para ele, o autêntico coleccionador «é o que vive as colecções».

Não pode haver melhor definição. Eunice Muñoz diria à noite, que «o teatro exige tudo de nós», o teatro, a vida, o trabalho, o amor: tudo o que é a sério.

5 – Assim chegamos ao Telejornal. Pontos fulcrais: a África do Sul invadiu Angola, mas que não é contra Angola. Pois não. É contra mim. Vocês não sabiam?; as cheias no estado de Tennessee (vocês sabem, ali nos Estados Unidos) que provocaram desabamentos de casas, aluimentos e destruíram algumas viaturas. Que tragédia, meu Deus, e pensar que tudo isto acontece aos pobres dos americanos, também coitados deles, não há nada que lhes não aconteça, arre!; mais uns disturbiozecos na Polónia. Acham pouco? Deixem lá que no dia 31 há mais, tudo está a postos, máquinas americanas prontas a filmar e tudo; e o problema dos colossais aumentos dos arrendamentos comerciais. Os comerciantes dizem que vai haver maior miséria, mais dificuldades, mais falências. Vamos lá a saber: que esperavam os pequenos comerciantes quando votaram (os que votaram) para chegarmos a isto?

O representante da Associação dos Senhorios faz, no Telejornal, uma espécie de ironia: os comerciantes não são por uma economia do mercado? Então não podem protestar, uma «economia do mercado» é isto, e se eles dizem que os negócios não vão aguentar «se o negócio não comporta a renda justa, o que está mal é o negócio...»

Linguagem implacável. Luta sem quartel. Falências, desemprego, miséria? Pfff, que importância tem isso? Aliás, eu sempre disse que este Governo o que quer é o bem de todos os portugueses. Como se prova.

6 – Albino Aroso, médico ginecologista, tornou a falar sobre o Planeamento. Assunto importante, tanto é o que está em jogo, em termos humanos e sociais. No entanto, não lhe concederam mais de quatro minutos – o que ultrapassa as fronteiras do ridículo.

Achamos muito estranhas aquelas referências aos abortos de tantas adolescentes.

Agora é que eu estou baralhado de todo. Então há abortos? Ó dr. Meneres: então o aborto não foi derrotado pela maioria da Assembleia da República? Então como é: diz-se, por um lado, que não pode haver abortos, e depois um técnico informa-nos que os abortos existem?

A lei proíbe e depois fecha os olhos. É isso? Mas se a Lei não se entende como uma norma que regula os comportamentos sociais, para que diabo serve uma lei?

Havendo tantos abortos não será mais um fechar os olhos à realidade?

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

1 RTP

O bem humorado Benny Hill

18.10 Abertura.
18.15 Tempo dos Mais Novos
18.15 Volta a Portugal em Bicicleta
19.00 País, País
19.25 Desenhos Animados
19.45 TV Motor
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal
21.05 Telenovela Vila Faia
21.35 Benny Hill
22.25 Lou Grant
23.15 Volta a Portugal em Bicicleta
23.25 Último Jornal
23.00 Encerramento da emissão.

Guida Maria Protagonista de «A Promessa»

2 RTP

18.57 Abertura
19.00 País, País
19.30 Museu do Cinema
20.00 O Sítio do Picapau Amarelo
20.30 Informação/2
21.00 Animação/2
21.30 A Promessa
23.00 Encerramento da emissão

Amanhã

1 RTP

13.00: Informação 1.ª Jornal; **13.30:** Telenovela «Ciranda de Pedra», **14.00:** Desenhos animados «O Incrível Hulk»; **14.15:** Divulgação: «O Mundo das Ferramentas», **18.15:** Ciclismo: Volta a Portugal em Bicicleta; **18.30:** Infantil Tempo dos Mais Novos; **19.00:** Informação. País, País, **19.30:** Desenhos animados: Scobby e Scrappy-Doo. **20.00:** Divulgação: Aprender Saúde. **20.30:** Informação Telejornal; **21.00:** Telenovela: Vila Faia, **21.30:** Musical: Superestrelas; **22.00:** Série filmada: «A Balada de Hill Street», **23.15:** Ciclismo: Volta a Portugal em Bicicletaz- **23.30;** Informação: Último Jornal.

2 RTP

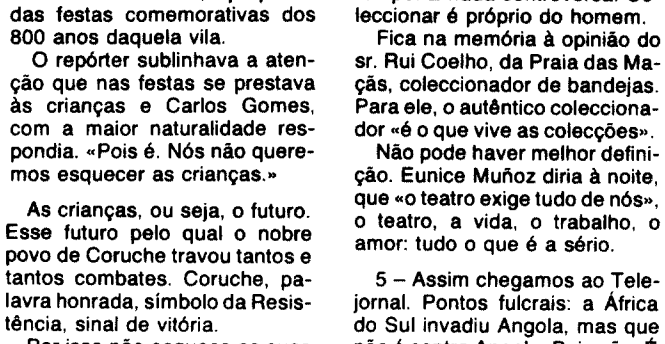
19.00: Informação País, País, **19.30:** Informação Estúdio Aberto; **20.00:** Infantil Sítio do Picapau Amarelo **20.30:** Informação: Informação/2. **21.00:** Série filmada Caminhos do Eterno. **22.00:** Bailado. Romeu e Julieta

FESTIVAL DE CANNES 1981
PALMA DE OURO PARA UGO TOGNAZZI
PELA MELHOR INTERPRETAÇÃO

RICO, EXTREMISTA, ADORADO PELA FAMILIA.
UGO TOGNAZZI · ANOUK AIMEE
Num filme de BERNARDO BERTOLUCCI

A TRAGEDIA DE UM HOMEM RIDICULO

FILME DE QUALIDADE



UM FILME DE BERNARDO BERTOLUCCI
COM UGO TOGNAZZI ANOUK AIMEE EM LA TRAGEDIA DI UN UOMO RIDICOLO
COM LAURA MORANTE VICTOR CAVALLO OLIMPIA CARLISI E COM VITTORIO CAPRIOLI
E RENATO SALVATORI MUSICA COMPOSTA E DIR. POR ENNIO MORRICONE EDIÇÃO MUSICAL BIXIO C E M S A MILANO FOTOGRAFIA CARLO DI PALMA
PRODUZIDO POR GIOVANNI BERTOLUCCI PELA FICTION CINEMATOGRAFICA SpA
ESCRITO E DIRIGIDO POR BERNARDO BERTOLUCCI A Ladd Company Release

ESTREIA AMANHÃ ÀS 21.30
QUARTETO
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

NOTARIADO PORTUGUÊS

GALERIA TRIÂNGULO – MÓVEIS, ESTOFOS E DECORAÇÕES, LIMITADA

Eu abaixo assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, 202, rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação que por escritura de 22/12/81 lavrada nas notas deste Cartório no livro 249-A de folhas 48 a folhas 52 Justino da Silva Marques e Joaquim Pereira dos Santos como únicos sócios da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, alteraram os artigos 2.º, 3.º e 5.º do pacto e criaram a este 2 novos artigos, que passaram a ser os artigos 7.º e 8.º nos termos seguintes.

2.º O seu objecto é o comércio de exportação, importação, distribuição e venda por grosso e a retalho de aparelhos eléctricos, electrodomésticos, de registo e reprodutores de som, rádio e televisão, máquinas e instrumentos musicais, discoteca, utilidades e adornos domésticos, cristais, louças, vidros, cerâmica, mobiliário, decorações, a compra e venda de quaisquer bens móveis, imóveis ou direitos, aquisição de quotas próprias e participação por qualquer forma no capital social de outras sociedades, e ainda a indústria de fabricação e montagem de todos os mencionados artigos, ou qualquer outra actividade em que os sócios acordem

3.º O capital social é de 650 000$00, encontra-se integralmente realizado a dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios uma quota de 325 000$00 de Justino da Silva Marques e uma quota de 325 000$00 de Joaquim Pereira dos Santos.

5.º A gerência e administração da sociedade e a sua representação ficam a cargo de ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral

§ 1.º – Para que a sociedade se considere validamente obrigada em todos os seus actos e contratos são necessárias as assinaturas de 2 gerentes

§ 2.º Os gerentes poderão delegar uns nos outros os seus poderes de gerência, em com autorização da sociedade, em pessoas estranhas a esta

7.º A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos seguintes casos

a) Por acordo com o respectivo titular,

b) Quando a quota seja penhorada, arrestada, arrolada ou por qualquer forma apreendida em processo judicial ou administrativo, incluindo falência insolvência ou intervenção estatal,

c) Quando algum dos titulares viole qualquer das cláusulas do pacto social

§ 1.º O preço da amortização será o que resultar do último balanço aprovado, quanto aos casos previstos nas alíneas b) e c)

§ 2.º O preço poderá ser efectuado em prestações, durante o prazo de 2 anos e a amortização produzirá os seus efeitos, pelo depósito da 1.ª prestação, na Caixa Geral de Depósitos, à ordem de quem de direito, pelo pagamento da 1.ª prestação

8.º No caso de falecimento de um dos sócios, os seus herdeiros ficam representados na sociedade pelo cônjuge sobrevivo, o qual goza ainda do direito de preferência, de entre todos os herdeiros na adjudicação da quota

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica Lisboa, 6 de Janeiro de 1982

A Ajudante

Maria da Ressurreição Pereira Felício Patrício

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Tel. _____
Código Postal _____ _____

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 57 615, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE PRODUTOS HERBICIDAS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª Ld.ª

Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP
Benny Hill (21.35)

2 RTP
A Promessa (21.30)

...e sugere para hoje...

No gabinete de Mariano, entretanto, entra um outro polícia que pede a Gudunha que o acompanhe. Os dois dirigem-se à leitaria, onde o motorista diz que vai visitar Mariette. No entanto, os médicos não permitem, tão-pouco que seja interrogada pelo agente.

Nuno foge para Espanha. A notícia é dada a Luísa pela empregada, Ana não compreende o que se passa, mas a mãe diz-lhe que o pai fugiu para fugir à polícia.

Enquanto, na casa dos Marques Vila, as empregadas ficam surpreendidas ao crerem ter visto Mariana no exterior, Luísa Marinhais, em pânico no Ribatejo lamenta-se da sua sorte por não ter nenhum homem em casa. Ana sugere-lhe que talvez Zé Diniz possa dar uma ajuda. A resposta é: «o rapazeiho entra por uma porta e eu saío por outra».

Gudunha foi buscar o filho de Mariette e está já com ele na leitaria, o que é criticado por Ermelinda. Laura chega, depois de visitar Mariette, graças à cunha de uma empregada do hospital. Gudunha fica varado.

Mais tarde no quarto, o motorista tenta esconder do miúdo que é a própria mãe que se encontra doente.

Zé Diniz prepara a mala para ir para a quinta dos Marinhais.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro Experimental do Porto: Trinta anos difíceis

As companhias de teatro independente desde sempre lutaram com grandes dificuldades, sendo de assinalar que aquelas que se encontram sediadas fora de Lisboa e arredores têm visto ano após ano a sua situação agravar-se por motivos de vária ordem.

O Teatro Experimental do Porto – companhia com trinta anos de existência e trabalho contínuo e pioneira da descentralização teatral – após o abandono do Teatro António Pedro, que foi sua sede durante vinte e quatro anos (de 1956 a Novembro de 1980) viu as suas dificuldades ainda mais aumentadas por se encontrar privada de um local fixo onde desenvolver a sua actividade.

Este facto veio, muito naturalmente reflectir-se no trabalho desenvolvido nos últimos meses. Por falta de estruturas quer internas quer alheias à companhia a concretização de espectáculos fora da cidade do Porto traduziu-se quase sempre em saldos financeiros negativos.

Durante o ano de 1981, o TEP utilizou para o seu trabalho essencialmente, duas salas da cidade do Porto, tendo concretizado algumas deslocações à província.

Refira-se que o TEP envidou os esforços no sentido de obter outro local para realizar os ensaios e apresentar os seus espectáculos, que pudesse ser utilizado com carácter permanente (embora provisório quanto a localização), não tendo conseguido, no entanto, solucionar este problema.

Entretanto, e por ofício da Câmara Municipal do Porto, datado de Dezembro de 1981, foi recebida a informação de que o município deliberara ceder um terreno camarário para a construção da futura sede. Porém, até hoje, a Câmara Municipal não teve capacidade de concretizar o prometido.

Sem sede, houve que recorrer ao Auditório Nacional Carlos Alberto. Este auditório foi utilizado de acordo com o estebelecido com a delegação do Porto da Secretaria de Estado da Cultura, ou seja, no máximo seis dias por mês. Recorreu também o TEP à Escola Académica, cuja sala, situada num complexo com escolas primárias, jardins infantis, creches e lar da terceira idade, sofreu, numa primeira fase, obras de adaptação, da responsabilidade do Teatro Experimental do Porto, permitindo a concretização de espectáculos para crianças.

O total de espectáculos realizados cifrou-se em 137, tendo merecido a atenção de 17 878 espectadores. Peças estreadas: «O Circo Fantasia ou o Palhaço Teimoso», «Os Preços Voltam a Atacar», «Arranca-me a Vida» (este gravado pela RTP), «Ubu» e «O Fio». Muitas foram as localidades visitadas: S. João da Madeira, Gondomar, Vilar do Paraíso, Joane (Vila Nova de Famalicão), Viana do Castelo, Meadela, Afife, Darque, Setúbal, Tomar e Braga. Registe-se ainda a participação nos Festivais de Teatro de Joane, de Setúbal e Internacional de Expressão Ibérica.

No primeiro semestre do ano corrente, a situação no que diz respeito à disponibilidade de espaços cénicos manteve-se idêntica à do ano transacto.

Em Fevereiro, a Companhia começou a trabalhar com Moncho Rodriguez, encenador da peça «A Boda dos Pequenos Burgueses». Para além desta peça, foi também estreado «O Príncipe Feliz». Seis mil e treze espectadores estiveram presentes em 63 espectáculos realizados até ao começo do Verão.

De momento, o TEP prepara o seu Plano de Actividades para os últimos meses de 82 e temporada de 83. Portanto, e apesar de todas as dificuldades, é aguardar que o pano suba...

Prémio Alves Redol

O prazo de entrega dos trabalhos concorrentes ao Prémio Alves Redol para estudantes universitários foi prorrogado para dia 30 de Novembro do presente ano.

Recorde-se que este Prémio, lançado pela Comissão «Legado Alves Redol», se destina a galardoar originais de estudantes universitários, aproveitando ou não trabalhos escolares, num mínimo de 12 páginas dactilografadas, sobre a obra do autor de «Barranco de Cegos» encarada sob os mais diversos aspectos: literários, linguísticos, antropológicos, sociológicos, etc.

O primeiro prémio será de 12.000$00, o segundo de 7 000$00 e o terceiro de 5 000$00.

Os trabalhos concorrentes deverão ser enviados para a Associação Portuguesa de Escritores, Rua do Loreto, 13, 2.º, Lisboa, para onde podem ser solicitados os respectivos regulamentos.

VENDA DIRECTA

SECÇÃO DE PRONTO A VESTIR

SALDA

RESTOS DE COLECÇÃO
de 15 a 31 de Agosto

R. SANTA JUSTA N.º 60-3.º ESQ
LISBOA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DAS NOTAS (Por unidade)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	57$45	62$45
ALEMANHA FED. (marco)	34$10	35$20
ÁUSTRIA (xelim)	4$75	4$95
BÉLGICA (franco)	1$621	1$821
BRASIL (cruzeiro)	$182	$432
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	68$15	70$15
(notas de 5 a 1000)	68$65	70$65
DINAMARCA (coroa)	9$75	10$15
ESPANHA (peseta)	$722	$822
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	84$20	86$20
(notas de 5 a 1000)	84$70	86$70
FINLÂNDIA (marka)	17$75	18$45
FRANÇA (franco)	12$20	12$90
HOLANDA (florim)	30$95	31$95
INGLATERRA (libra)	146$60	150$60
IRLANDA (libra)	117$90	121$90
ITÁLIA (lira)	$055	$065
JAPÃO (iene)	$295	$330
NORUEGA (coroa)	12$65	13$15
SUÉCIA (coroa)	13$70	14$30
SUIÇA (franco)	40$00	41$10
VENEZUELA (bolívar)	17$45	18$45

Observações:
1 – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2 – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00 Ovo de Colombo; **17.20** Informativo de trânsito; **17.30** Maneiras de falar; **18.20** Informativo de trânsito; **18.30** Ontem, manchete de amanhã; **19.00** Informação e música; **20.00** Programa da noite, **20.15** Folhetim «O Retrato de Ricardina», 19.º, **21.00** A viver também se aprende; **21.30** Livre e directo; **22.00** Diário da Volta; **23.00** Actualidade; **23.15** Último jornal Noticiários intercalares às 17 00, 21 00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30 Que quer ouvir?; **17.00** Os olhos férteis; **17.30** Obras de Erik Satie; **18.05** Encontro com ...; **19.00** Para além da leitura; **19.45** A bruxa do meio-dia, op. 108 de Dvorak; **20.10** Música de Liszt e Bartók; **21.00** Música sinfónica; **22.10** Agrupamentos de Câmara; **00.10** Música de órgão, **00.30** Intérpretes portugueses; **01.00** Fecho Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)

15.45 Teatro Trágico; **17.03** Ora Hora, **20.03** Tempo de Espectáculos; **20.30** Quando o telefone Toca; **22.15** Mensagens Bíblicas e Diálogos; **22.30** Tempo de Desporto; **23.08** 24 ª Hora. Noticiários de hora a hora

RC-FM Estéreo (97,4 MHz)

16.03 Rock em Stock, **18.03** Círculo em FM; **19.03** Musical; **21.03** Abandajazz; **22.03** Café Concerto; **00.03** Rolls Rock. Noticiários de hora a hora

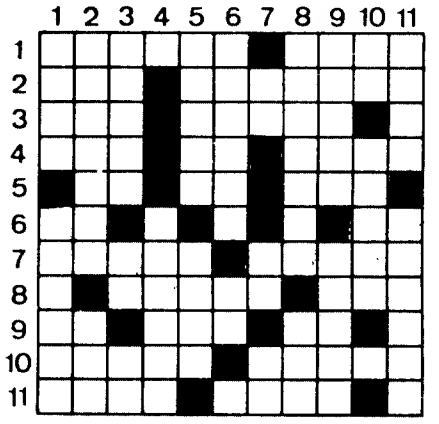
Rádio Renascença

16 00 Aqui e agora com José Rocha; **17.00** Jornal da mulher com Ana Maria; **18.15** Igreja em Notícia, **18.20** Palavra do dia; **19.00** Títulos de Informação; **19.03** Programa da L A R com Marcos André; **19.30** Nota de Abertura; **20.00** Dê no vinte com Jorge Peixoto; **21.00** Quando o telefone toca, **21.30** Pentagrama, **22.00** Diálogo e vida com Eduardo Rego; **22.30** Máquinas ao vivo. **23.05** Tempo económico com Nuno Jonet; **23.30** Nota de Abertura, **23.55** Meditando Noticiários intercalares as 16 00 17 00 21 00 e 22 00

Tiragem media diaria do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 505

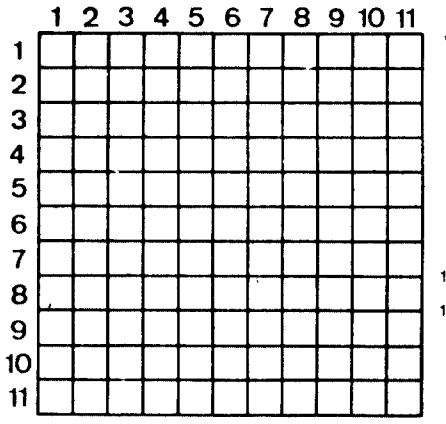


HORIZONTAIS:
1 Pulam Ovários dos peixes.
2 Estime Falecera
3 Cidade da Ucrânia Praia.
4 Arara. Distar Sobrado
5 Carta de jogar. Pronome reflexo Tempo do verbo ser
6 Nota musical Antes de Cristo.
7 Veia poética O mesmo que couro.
8 Descerrem Oceano.
9 Artigo indefinido. Tempo do verbo ir. Cobalto (s.q).
10 Pista. Nome de flor
11 Língua vernácula indiana Carga. Artigo definido

VERTICAIS
1 Rainha da Arábia também conhecida por Belkiss. Firme
2 Poisais no mar (o avião). Imensidade.
3 Adivinharás Basta! Nota musical.
4 Área (fig).
5 Estimais Cidade da Argélia
6 Extinguiu-se Carta de jogar.
7 Nota musical. Centímetro Preposição
8 Profecia. (fig). Cabelos brancos.
9 Antiquado. Sacrifico.
10 Alteza Real Guarnecera de asas.
11 Rio de Portugal. Fio de trazer ao pescoço

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9365



HORIZONTAIS:
1 Antigo peso de Malaca. Habitas.
2 Gosta muito de. Em a. Cidade dos Países Baixos
3 Bolsa Cair à cama.
4 Senhoras Freguesias do concelho de Castelo Branco
5 Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Bário (s.q)
6 Nota musical. Bostelas.
7 Pegado.
8 Antiga capital da Birmânia. Preposição e artigo definido. Abreviatura de radiano, unidade de ângulo.
9 Segundo. Nome de jogo. Cubro.
10 Esmoncássemos.
11 Teimo Planta vivaz e medicinal

VERTICAIS
1 Fruta seca especialmente de uvas. Disfarçam
2 Estimares. Tem em vista.
3 Freguesia do concelho da Mealhada. Senhor.
4 Guarneço de asas Coragem
5 Luz
6 APaixonados.
7 Ave doméstica do Peru. Compaixão (inv). Apelido.
8 Antigo Testamento. Destinos.
9 Move os remos. Carta de jogar.
10 Nome de mulher. Cidade da Ucrânia. Preposição
11 Honestas. Costuro.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 13 504

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 A MENTIRA	1 Aaz NÃO TEM.
2 Ama. Içara.	2 Matem Caro
3 Zaimo Sorri	3 Sairiam Pi
4 Trilo Pais	4 Mi Romano
5 Nei Ornes.	5 Miolo. Doe
6 Amar Pá.	6 EC Orários
7 Moeria Er	7 Nas Ou.
8 Mói Roje	8 Tropeçarem
9 Tapado Elos	9 Iaras Olas
10 Erin Soma	10 Ri PEJO
11 Mó Os Sul	11 Avistares

Proverbio **A MENTIRA NÃO TEM PEJO.**

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 9364

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Saíra. Nanci	1 Saída. Datas.
2 Assa Rodara.	2 Assolais. Fo
3 Isolo. Id	3 Isolava Sim
4 Dólar Ataco	4 Rala. Mima.
5 Ala. Pá	5 Orçara.
6 Aviaremos	6 Rogado
7 Dia. Roa Lar	7 No Apear Rs
8 As Magra. Só	8 Aditam. Aço
9 Si Cá	9 Nada Lo Agá
10 Afim Droga	10 Cr Cosas Aí
11 Somados Ais.	11 Iaco Rom

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16 30, 18.30, 21 30 e 24
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA

SALA B

Às 14.45, 17.30, 21 e 23 45
– Int. men. 13 a.
AS PORTAS DO CÉU

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int men. 13 a.
O CAVALEIRO DESTEMIDO

APOLO 763319

Av Julio Dinis, 10-A
Às 13.30, 16.15, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
DERSU UZALA, A ÁGUIA DA ESTEPE
Às 00.30 – N. ac. men. 13 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
OS MALUCOS EM HONG-KONG
– N. ac. men. 13 a.

2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
CÉLEBRES E RICAS
Um filme de George Cukor

2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14. 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos •
Festival Walt Disney
MEU AMIGO O DRAGÃO

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N ac men. 13 a.
OS REPETENTES EM FÉRIAS
9.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
– Int. men. 13 a.
ESPLENDOR NA RELVA
Às 24.00
O ABISMO

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 12 30, 14 30, 16 45, 19 e 21 30
– Int. men. 18 a.
O MUNDO PORNO DE 2 IRMÃS
As 24
HOMENS PERIGOSOS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
Às 24
A PELE DE UM MALANDRO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

às 14.15, 16.30 e 21.30
Int. m. 13 anos

A LISTA NEGRA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A RAINHA AFRICANA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
BORSALINO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 21.30
Não ac. a men. 13 anos
O MEU SÓCIO INVISÍVEL
às 15.30 e 18.30
TRANSEUROPA EXPRESS

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15 30, 18 30 e 21 30
– N ac. men. 18 a.
SEXO LOUCO
4.ª Semana

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

às 21 30
Int a men 18 anos
O JUIZ SOU EU
às 15 00, 18.15
PATTON

LONDRES 801313

Av de Roma 7-A

Às 14, 16 30, 19 e 21 30
– N. ac men 13 a.
A CASA DO LAGO

7.ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av Pedro Alvares Cabral

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
PÂNICO NO ESTÁDIO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
ESTREIA, às 21.30 horas
(interdito a men. 13 anos)
BÓLIDES DA MORTE
com Joey Travolta
Às, 15.15 e 18.15 h - Últimas
UM CHUI DE BLUE JEANS

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.

A SEMENTE DA INOCÊNCIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21 30
– N. ac. men 13 a
DAVID E GOLIAS

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
– N. ac. men 18 a.
PRAIA SANGRENTA

2.ª Semana

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23 30
– Int. men. 18 a
O IMPÉRIO DO DESEJO

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 13 a.
GLÓRIA

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 13 a.
JONAS

SALA 4
Às 14, 16 30, 19 e 21.15
– N. ac men 18 a.
O CLARIM DA REVOLTA (TAPS)
de Herold Becker

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac men. 13 a.
Os repetentes estão de volta! Desta vez e em continuação
Mais um grande êxito de gargalhada e juventude!
OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16 30, 19 e 21 30
– N ac men 13 a
BRIGADA ANTIGANGSTERS
c/ Tomás Milian, Eli Wallace e Enzo Cannavale
Colorido

S. JORGE 579144-579344

Av da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 15 15 18 30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA
c/ Jack Lemmon e Walter Matthau

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
34.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17 30 e 21.15
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
20.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men 13 a.
EM BUSCA DA VERDADE

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
As 14 45, 17 19 10, 21.30 e 24
– N ac men 13 a.
007 O AGENTE IRRESISTÍVEL
Domingo às 11.15
FESTIVAL PANTERA COR-DE-ROSA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18.00 e 21.30
N. Ac. a M. 13 anos
UNS E... OS OUTROS

43.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

– N ac. men. 13 a.
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
ELVIS, O ÍDOLO IMORTAL

3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
PORKY'S
Int. men. 13 anos

2.ª Semana

VOX 880808

Av Fr Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21 30
– N ac. men. 13 a
ALTA ANSIEDADE

XENON 368480

Av da Liberdade, 9

Às 14 15, 16 30, 19 e 21 30
– N. ac. men 18 a.
BECO SEM SAÍDA

3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «2001, Odisseia no Espaço», às 21.30 (13 anos)
OLIVAIS – «O Avarento» às 21. 30 (13 anos)
CITY CINE – «O Último Tango em Paris», às 21.30 (18 anos)
RESTELO – «Ninja, o Imbatível», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
2000 – «Morte no Nilo», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA – «O Juiz sou eu» 21.30 (18 anos)
PÁTRIA – «Picante mas não muito» às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «O mago de Dublin» 21.30 (18 anos)
ROYAL – «Assalto à 13.ª esquadra» às 21.45 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Maryiia e o Senador», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Orgias da Adolescência» – Sessões contínuas (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Adivinha quem vem para roubar?» às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Momentos de Glória» 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «A turma dos repetentes» 21 15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «Os canhões de Navarone» às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Para além da aventura de Poseidon» 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Os Repetentes em Férias» 21.30 (13 anos)

Outra Banda

COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Cocaína cowboys» 21 30 (13 anos)
ALMADA – Cine Estúdio – «O sargento da força 1» 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Os salteadores da Arca Perdida» 21 15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «ABC do amor» 21.15 (18 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Conflito final» 21.15 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Dívida de Amor» 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «Kramer contra Kramer» 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «O duelo dos grandes lutadores» 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Viagens alucinantes» 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine Estúdio Flores – «Como perder uma mulher e encontrar uma amante» 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chalry – «Governador de ferro» 21.30 (18 anos)
SACAVÉM – S. José – «Mais forte que Bruce Lee» 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «No cetim já experimentou?» 21.30 (18 anos)

Porto

LUMIÈRE-L – «O Anjo do Rock», às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE -A – «Os Diamantes são eternos» às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «Um Homem e uma Mulher», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Jerry Enfermeiro Sem Diploma», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN – «Os Bem Casados», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Zombi, Holocausto», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM – «Uns e.. os Outros» às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Reds» às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Os Comandos da Força Z» às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Sempre Te Amei», às 21.45 (13 anos)
ÁGUIA – «O Caminho da Esperança» às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Três mulheres em fuga» às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «Célebres e Ricas», às 21 30 (13 anos)
RAIONE – «Música pelo caminho» às 21.30 (13 anos)
SALA BEBÉ – «Duas Mulheres Apaixonadas», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

LÍDIA ALMEIDA – Cç da Ajuda, 170 (Tel. 6337318); **CARTAXO** – Av. da Igreja, 21-C (Tel. 897958); **MARQUES** – Est. de Benfica, 648 (Tel. 700096); **ANDRADE** – Rua do Alecrim, 125-127 (Tel. 323308); **PÁTRIA** – Cç dos Mestres, 30-A (Tel. 680627); **RODRIGUES & AIRES** – Rua da Lapa, 52-54 (Tel. 662246); **ALCALIS** – Rua Carvalho Araújo, 46-B (Tel. 841708); **BARROS GOUVEIA** – Rua Vale Formoso Cima, 79-B (Tel. 382180); **MIRAFLORES** – Av. Dr. António Granjo, 2-B (Tel 2101161); **BRITO** – Rua do Colégio, lote 32-B (Tel. 993351); **AMARAL** – Rua Antero Quental, 8-B-A (Tel. 925455).

REFORÇO

NOVA LISBOA – Rua Guilhermina Suggia, 12 (Tel. 887721); **LOBEL** – Rua Infantaria 16, 98-B (Tel. 688807); **MUNDIAL** – Lg. D. Estefânia, 10 (Tel 545578); **ONILDA** – Av. João XXI, 13-A (Tel. 866848); **PATULEIA** – Alm. Linhas Torres, 262-B (Tel. 790332); **FERRÃO** – Rua da Mouraria, 12-16 (Tel 860464); **CENTRAL DOS OLIVAIS** – Rua Alf Barrilaro Ruas, 7-C (Tel. 315539); **GOMES** – Rua Rodrigo Fonseca, 101-A (Tel. 682333); **MARLUZ** – Cç da Picheleira, 140-BC – Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **CORREIA DE AZEVEDO** – Rua Luís de Camões, 42-B (Tel. 638625); **MARTINS, LDA** – Rua Fernão de Magalhães, 33 (Tel. 849448); **PONTINHA** – Est. St Eléi, 4, Lt. SE (Tel. 990220; **VAZ MARTINS** – Rua António Ferro, 6-A (Tel 970660); **NOVA** – Rua Açores, 11-A (Tel 910305); **MATOS** – Tr. Prioras (Tel. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duartes, Lote A-r/c. (Tel. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr.º, 40-B (Tel. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Reb.º (Tel. 2421015). Até às 22 horas; **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS – Godinho** – Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS – Central** – R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058). Permanente; **PAREDE – Junqueiro – Mendes** – R. de Luanda, Lote 5 (Tel 2477838). Permanente; **SASSOEIROS – Amaral Sembiano** – Quinta das Encostas – Até às 22 horas; **MADORNA – Madeira** – Até às 22 horas; **AMOREIRA – Abrantes** – Viv Maria – Carlos Anj (Tel. 2682313) Até às 22 horas, **ESTORIL – Parque** – Arcadas do Parque, 3 (Tel 260191) Até às 22 horas; **CASCAIS – Cascais** – R Conde Monte Real-B.º Caixas (Tel 282407). Até às 22 horas: **Misericórdia** – R Regimento 19, 41 (Tel 280141) Permanente

Linha de Sintra

AMADORA – Campos – R Elias Garcia, 185 (Tel 930072) Permanente, **S. Jorge** – R. Pedro del Negro, 5 – Reboleira (Tel. 938703) Até às 22 horas; **DAMAIA – Damaia** – P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523) Até às 22 horas; **QUELUZ – André** – Av. Elias Garcia (Tel. 950043). Até às 22 horas; **CACÉM – Garcia** – Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181). Permanente; **MEM MARTINS – Química** – Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012). Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA – Simões** – Estefânia (tel. 2930832). Permanente; **COLARES – Abreja** – (Tel. 299088).

Outra Banda

ALMADA – Magalhães – Tel. 270242 (Permanente); **COVA DA PIEDADE – Cerqueira** – Tel. 270254 (Até às 22); **BARREIRO – Piçarra** – Tel. 2074771) (Permanente); **LARANJEIRO – Moderna** – Tel. 2490305 (Até às 22); **COSTA DA CAPARICA – Chai** – (Até às 19); **SETÚBAL – Alice** – P. Quebedo, 6 (Permanente; **Soromenho** – P. Machado Santos, 24 (até às 22)

SESIMBRA – Leão – Av. da Liberdade, 13 (Tel 2233471); **AMORA – Matos Lopes** – R. 1.º de Maio, Lote 401 (Tel. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL – Central** – Est. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (Tel 2210365). Até às 22 horas, **MONTIJO – Montepio** – R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035); **MOITA – União Moitense** – Av. Dr Teófilo Braga (Tel 239025); **ALHOS VEDROS – Gusmão** – R Cândido dos Reis, 30 (Tel 204020), **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

●

LOURES – Sálvia – Tel. 2531240 (Até às 22 horas), **MOSCAVIDE – Império** – (Tel. 2511234 (Permanente); **SACAVÉM – Cortes** – Tel 2519420 (Até às 22); **CAMARATE – M. da Charneca** – Tel 2518726 (Até às 19).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

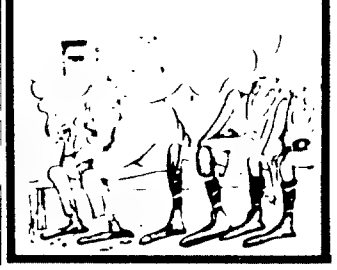
VITÁLIA – Praça da Liberdade, 34; **CONFIANÇA** – Rua Santa Catarina, 960; **NAU VITÓRIA** – Rua de Nau Vitória, 723 (ao Semide); **MENEZES DE LIMA** – Praça dr. Teotónio Pereira, 227; **COSTA LIMA** – Avenida da Boavista, 855.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

SANTA ISABEL – Av. Sá da Bandeira, 28 Tel. 24916; **DUARTE** – Calçada de Sta Isabel, 46 Tel. 37413.

NÃO FUME
EM RECINTOS FECHADOS



teatros

Lisboa

ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00
TEATRO ABERTO – «Oiçam como eu Respro», às 21 30 (18 anos)
VASCO SANTANA – «A Classe Dominante», às 21.30
BAIRRO ALTO – «A Gaivota», às 21 30 (13 anos)
VARIEDADES – «Ó Zé Arreganha a Taxa» às 20.30 e 23 00.

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º – 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

O TEMPO

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.04	4,0 m	9.38	0,8 m
16 22	4,3 m	22.11	0.0 m

Dia 20

4 49	4,1 m	10.21	0,7 m
17.06	4,4 m	22.53	0,7 m

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	18°
BRAGANÇA	20°
VILA REAL	20°
PORTO	16°
P. DOURADAS	22°
COIMBRA	18°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	26°
LISBOA	20°
ÉVORA	20°
BEJA	
SAGRES	21°
FARO	26°
P. DELGADA	20°
FUNCHAL	23°

últimas

QUADRILHA DESMANTELADA NO BARREIRO depois de ter assaltado um estabelecimento de pronto-a-vestir situado na Rua Pacheco Nobre, naquela cidade. Os três integrantes (Rita, Guinapo e Moura) tinham despojado momentos antes naquela mesma artéria, um transeunte do isqueiro, relógio, porta-moedas e pulseira. Rita tinha ainda em seu poder calçado, no valor de 123 contos, furtado numa sapataria da Rua Miguel Bombarda. Os três jovens deram entrada na Cadeia do Montijo.

A UNITA DECIDIU «unilateralmente» libertar 14 estrangeiros, entre os quais cinco portugueses, anunciou em Bruxelas o secretário da Informação daquele «movimento», Fernando Wilson dos Santos.

O representante da UNITA não indicou a data de libertação dos 14 estrangeiros em seu poder (uma suíça uma argentina, 4 espanhóis e cinco portugueses). A decisão definitiva, disse, será tomada durante o 5.º Congresso da UNITA, a realizar perto de Mavinga, localidade situada na província angolana de Cuando Cubango.

SÃO OITO OS FUNCIONÁRIOS agora suspensos da Companhia de Seguros Fidelidade em consequência de uma fraude nos seguros do ramo automóvel que, conforme ontem noticiámos, está orçada em 16 mil contos. O processo foi entregue à Polícia Judiciária e envolve também gerentes de oficinas de reparação de veículos.

Seminário em Viena ensina políticos a despoletar conflitos internacionais

Diplomatas e militares do Mundo inteiro reunidos em Viena, treinam-se num jogo altamente elaborado: o de aprenderem a despoletar os conflitos internacionais.

O «jogo» é organizado todos os anos pela Academia Internacional da Paz (AIP) – uma organização privada com base em Nova Iorque, acreditada junto das Nações Unidas – e pelo Governo austríaco.

Todos os países membros da ONU são convidados a tomar parte nos seminários anuais, realizados num palácio do século XVIII nos arredores da capital austríaca. E aqueles que enviam diplomatas, ou militares de alta patente, para os representar nas reuniões, recebem, depois, os relatórios sobre os resultados das conferências.

Porque se discutem praticamente apenas situações hipotéticas, os organizadores conseguem reunir à mesa das discussões representantes de países que, em geral, têm certa relutância em trabalhar em conjunto.

Este ano, por exemplo, Israel tomou assento junto de vários países árabes, entre os quais o Iraque. A África do Sul tomou parte na reunião juntamente com países africanos, tais como o Senegal, Moçambique e a Nigéria. A Nicarágua e as Honduras, cujas relações são péssimas, estavam ambas presentes.

«Acontece muitas vezes serem discutidos conflitos reais durante os nossos exercícios. E nós encorajamos essas discussões, enquanto se consegue que as emoções sejam mantidas sob controlo» – disse-nos um dos membros da AIP.

«De quando em quando, a discussão aquece. Mas, em geral, a atmosfera é calma e liberta de aspectos polémicos» – acrescentou.

Quando os participantes chegam, são divididos em grupos e recebem relatos de um determinado número de problemas imaginários, em que há sempre a necessidade de se estabelecer uma força de manutenção de paz, sob o controlo da ONU. Nas suas reuniões, cada grupo deve procurar resolver esses problemas.

Em cada grupo, são distribuídos os vários papéis: o dos países que recebem os corpos de paz, o dos que pagam as despesas que esses grupos ocasionam, o dos que participam na constituição dos corpos de manutenção da paz, o dos que são chamados a solucionar problemas que surjam entre elementos desses grupos.

Há, ainda, um grupo de oficiais com experiência vivida dessas situações – seja em Chipre, ou no Médio Oriente – para ajudarem a solucionar os problemas suscitados.

O general Rikhye, que orienta os seminários de Viena desde o seu início, em 1970, observa que o interesse que estas reuniões mantêm, desde há tanto tempo, é prova do seu real valor.

«Muitos dos diplomatas da ONU, que tratam e combinam há muito estas missões de paz, não fazem a menor ideia das dificuldades que elas representam para quem as vive na prática, do mesmo modo que os seus executores ignoram tantas das dificuldades que se encontram nas negociações anteriores ao envio das tropas internacionais para o teatro de operações» – salienta aquele antigo oficial

«O que pretendemos é dar, a uns e aos outros, uma ideia nítida desses problemas específicos, durante uma semana».

«Procuramos igualmente examinar e fazer progredir, durante estes seminários, a complicada técnica das expedições de manutenção de paz – uma técnica que se encontra ainda na infância.»

O general Rikhye observa ainda que a Academia procura agora estudar a técnica a seguir para prevenção das crises e para organização de seminários de mediação internacional nos conflitos que não tenha sido possível evitar.

Embora as crises estudadas nestes seminários pretendam ser totalmente imaginárias, acontece por vezes que elas se assemelham demasiado com as crises reais. Foi o que aconteceu em 1978: o exercício simulado era de tal modo parecido com as negociações de Camp David que os representantes de Israel solicitaram a interrupção das discussões de Viena quando estas estavam apenas a meio.

No seminário deste ano, um dos exercícios propostos aos delegados da AIP foi o seguinte:

– A ilha de Andrenésia, no Pacífico, é teatro de uma guerra que teve a sua origem numa disputa sobre direitos de utilização de água. A metade ocidental da ilha, colonizada pelos holandese no século XVII, tornou-se independente em 1954 e decidiu construir uma barragem no rio Eem, depois de malogradas todas as conversações com Chinchila, a metade oriental da ilha, sobre a utilização conjunta das águas do rio.

Um avião militar de Chinchila, provavelmente em missão de reconhecimento das obras da barragem, é abatido sobre território de Andrenésia. Chinchila reage e os seus pára-quedistas descem sobre a cidade de Eiden, nas margens do rio Eem. Uma coluna blindade entra no território ocidental da ilha e Eiden é tomada após violenta luta.

Encontrado o diário de Marylin Monroe

Um actor que diz ter trabalhado com Marilyn Monroe afirma estar na posse do diário da actriz.

Amigos de Marilyn procuram há vinte anos o famoso livrinho de capa vermelha que poderia, na sua opinião, fazer luz sobre as circunstâncias da morte da estrela. Um detective de Los Angeles e amigo de Marilyn afirma, há muito tempo, que a actriz não se suicidou mas que foi assassinada no momento em que se preparava para divulgar o conteúdo explosivo do seu diário – segredos de Estado de que teve conhecimento numa aventura com Robert Kennedy, então ministro da Justiça. Um desses segredos, segundo o detective – Milos Speriglio – seria um plano da CIA visando o assassínio de Fidel Castro.

Ted Jordon, um actor de televisão que declara ter encontrado Marilyn em 1943, e que ficou sendo um dos seus amigos até à morte da actriz, declarou ontem a uma agência americana que está na posse do diário, mas recusou-se a revelar como o mesmo chegou às suas mãos.

O médico legista que examinou Marilyn Monroe após a sua morte, em 5 de Agosto de 1962, concluiu tratar-se de um suicídio devido a abuso de barbitúricos. Na sequência de especulações acerca da morte da actriz, as autoridades do condado pediram a semana passada aos serviços do procurador para que fossem reexaminadas as circunstâncias da morte de Marilyn Monroe.

Um coleccionador, antiquário de profissão, Douglas Billiers, entretanto já propôs a Ted Jordon comparar-lhe o livrinho vermelho por 150 000 dólares (13 000 contos).

Ted Jordon entrou em contacto com o coleccionador o mês passado, fazendo-lhe antever a possibilidade de dispor do misterioso diário que desapareceu pouco depois da morte da actriz.

Candidatura ao ensino superior

A fórmula de cálculo da nota de candidatura ao ingresso no ensino superior foi agora alterada, por despacho do Ministério da Educação, passando a contar para aquele cálculo apenas as classificações das duas disciplinas melhor classificadas do 12.º ano ou do ano propedêutico, em vez das três antes necessárias.

Esta alteração, segundo o Ministério, deve-se ao facto de muitos estudantes, que este ano frequentaram o 12.º ano, não terem sido avisados, logo no início do ano lectivo, de que o resultado da terceira disciplina seria considerado para o cálculo da nota de candidatura, não tendo, por esse motivo, oportunidade de «investir um eventual esforço suplementar com vista a melhorar a respectiva classificação».

Assim a fórmula que passa agora a aplicar-se é a seguinte:

$$\frac{2\,C_1 + C_2}{3}$$

sendo C1 igual ou maior do que C2

EXCURSÕES
abreu
EM AUTOPULLMAN

•TRADIÇÃO NA QUALIDADE•

✱ESPANHA, ANDORRA E LOURDES - 11 dias
Partidas: 5, 12, 19 e 26/8; 2, 9, 16, 23 e 30/9; 1/10

✱ESPANHA E FRANÇA - 15 dias
Partidas: 1, 8, 15, 22 e 29/8; 5 e 12/9

✱ITÁLIA (Roma e Assis) - 18 dias
Partidas: 7, 14 e 21/8; 4 e 11/9

✱MARROCOS IMPERIAL - 11 dias
Partidas: 5, 12 e 19/8; 2, 9, 16 e 30/9; 7/10

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 31 79 21
LISBOA - Av. Liberdade 160 - Tel 37 13 41
LISBOA - Av de Roma 66-B - Tel. 80 50 96
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. Republica, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel 31077/8

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO – 7 874 – 30 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 68 569 – 6 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 63 268 – 2 400 CONTOS

Os 3 prémios grandes foram TODOS vendidos aos balcões da casa da sorte.

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a proxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇOES AO 1º PRÉMIO

7 873 - 280.740$00
7 875 - 280.740$00

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

581; 6 086; 6 320; 6 703; 11 405; 15 209; 16 042; 20 249; 20 779; 23 865; 25 882; 25 927; 26 521; 32 842; 37 336; 38 064; 39 977; 40 551; 43 575; 47 318; 48 017; 50 697; 50 719; 51 553; 52 181; 54 401; 56 373; 57 604; 57 852; 60 686; 61 295; 63 016; 65 765; 66 945; 69 840; 70 437; 71 887; 76 586; 77 204 e 77 826

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

15.000$00 - 055; 204; 350; 433; 459; 464; 794 e 957.
6.000$00 - 268; 569 e 874
4.800$00 - 61 e 75
2.160$00 - 1 (terminação)

PRÉMIOS DE 3.000$00 (CENTENAS)

7 801 a 7 900; 63 201 a 63 300 e 68 501 a 68 600

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 11/12/83

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 19/08/82

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
N.º 73 • 19 de Agosto de 1982
Suplemento literário

DEGAS: Poesia, Pintura

Degas, **Retrato do Artista com vinte e três anos**

Ei-las as colinas, com as urzes floridas os passos dourados no saibro murmurados: as áleas enternecidas, repletas de sorrisos, o seu braço no meu, entrelaçados.

Ou outras vezes as coníferas as sombras escuras o abismo profundo de todos os indolentes percursos em que o ancestral grasnar das espécies selvagens de nós para sempre fixou a tão célebre imagem.

Quando lhe veio a ideia de compor poemas, Degas começou por reler, antes de mais, Ronsard. Depois, dedicou-se com toda a seriedade ao estudo do **Traité de Versification** de Théodore Bainville; nunca abandonava, também, o seu **Dicionário de Rimas.**

É claro que o meu tio (1) não chegou de imediato à forma sob a qual os sonetos foram publicados.

Durante muito tempo Degas procurou aligeirar as frases, equilibrar os termos encontrar imagens que impressionassem o seu olhar e ao mesmo tempo, pela sua harmoniosa cadência, lhe seduzissem o ouvido.

No entanto, e como era seu hábito, nunca se dava por satisfeito. Ciselava um soneto com a mesma paciência, consciência e tenacidade que utilizava para aperfeiçoar um desenho ou uma pintura (2).

Levava semanas inteiras, por vezes, a trabalhar só num dos seus poemas – referisse-se este a uma cena de **ballet**, a uma memória musical ou a uma visão da antiguidade.

Mais tarde, debruçado de novo sobre o estirador, com o carvão ou o giz de cor numa das mãos, desbastava a tela com traços largos enquanto recitava a meia voz, de si para si, os versos que acabara de compor e em que, depois de tantos esforços e tentativas, conseguira captar certas cadências rítmicas que o seduziam.

Pode-se dizer que possuo uma relíquia poética do meu tio. Refiro-me a um grande caderno, que servia de terreiro de luta em que ele exercia a inspiração e apurava a técnica.

Não conheço nada mais impressionante do que essas folhas rasuradas, aqui e ali fendidas, torturadas por uma caligrafia aristocrática que ora se eleva com o foguete que precede o fogo-de-artifício ora se interrompe, confrontada de súbito com uma dificuldade, e cai sobre si – semelhante a uma ponte que soçoobra, já depois de algumas arcadas terem ruído.

Este caderno é a confissão trágica dos tormentos por que passou o poeta para chegar aos poemas leves e espaçosos, tão cheios de vida, que hoje nos parecem ter sido escritos sem qualquer dificuldade e sob a influência de uma inspiração inebriante e súbita.

Na página que tenho agora na minha frente pode-se antever as dificuldades que ele teve de ultrapassar para conseguir harmonizar duas rimas (3).

Outras folhas não contêm mais do que dois ou três versos – e mesmo estes a maior parte das vezes rasurados, apagados: versos que Degas só retomava depois de terem sido diversas vezes corrigidos.

Ao olhar para as páginas deste caderno vem-me ao espírito a imagem de um veleiro de grande calado a avançar com dificuldade no meio de uma tempestado, enquanto a quilha embate insistentemente de encontro à vaga espessa, hostil e dura.

Neste caderno, contudo, não deparamos apenas com a imagem do desespero e da dúvida; nele também encontramos a rejubilante prova de que, mesmo que só por breves momentos, sensibilizadas com tanto ardor e entusiasmo, as Musas acabaram por vir agraciar o poeta com os seus lábios.

Então, do mesmo modo que o jacto de água cruza orgulhosamente o espaço, este ou aquele soneto desprende-se num jorro de luz e cresce ante o nosso olhar – e se num primeiro momento é a linha esbelta que nos impressiona, depois, apercebemos apenas no horizonte a trepidação ondulante em que ele deflagra:

imperecível, honra de que
|nenhum jardim prescinde,
o jacto – tal um coração, sem
|fim ferido –
em nós permanece, quando ao
|alto já se fina.

Notas:

(1) Extraído de **Mon oncle Degas. Souvenirs et documents inédits recueillis et publiés par Pierre Borel**, Géneve, 1949.

(2) Dizia o próprio Degas: «Nunca houve arte menos espontânea do que a minha. Tudo o que faço resulta da análise e do estudo dos grandes mestres. Quanto à inspiração, à espontaneidade ou ao temperamento, nada têm a ver comigo!». E acrescentava: «Um artista só se consegue encontrar consigo em raros momentos, possuídos sempre à custa de grandes esforços de vontade». Ou: «Se eu era assim tão duro comigo... devo-o à falta de confiança que tinha em mim.

Era ou parecia ser duro em relação aos outros devido a uma espécie de habituação à brutalidade que tinha as suas raízes na minha incerteza e no meu mau humor. Sentia-me imensamente desajeitado, desprovido e fraco, ao mesmo tempo que tinha uma percepção muito nítida de que as minhas ideias eram justas. Virava-me contra os outros e contra mim». (citações extraídas sobretudo de John Rewald, **Histoire de l' Impressionisme,** 2 vols., Poche-Art).

(3) «Em qualquer forma de arte – escreve P. Valéry a propósito de Degas –, o homem verdadeiramente **forte** é o que sente com maior nitidez que nada nos é dado, que temos de construir tudo ou reconquistá-lo desde o início: o que receia por si quando deixa de sentir obstáculos e então inventa outros. Para ele a forma é sempre algo de voluntário e justo. A obra de Degas é de uma grande seriedade. A sua arte pode comparar-se à dos moralistas». E noutro passo, acrescenta: «Alguns empreendimentos de uma exigência quase infinda acabam por votar ao isolamento aquele que a eles se entrega. Esse isolamento pode até não ser perceptível, mas um indivíduo que desça profundamente em si, por muito que conviva com os outros e com eles discuta, reserva só para si o que considera essencial comunicando aos outros o que julga poder-lhes dispensar sem comprometer os seus objectivos. Parte de si mesmo poderá entreter-se a responder aos seus interlocutores ou a brilhar na sua presença, ele, no entanto, em vez de se deixar confundir com a despersonalização que o excitante intercâmbio da semelhança das ideias ou da diferença das opiniões permite, distanciar-se-á cada vez mais dos outros; o próprio contacto fá-lo-á sentir com cada vez maior nitidez o seu isolamento, incitando-o a retirar-se em si, de uma forma sempre mais imediata e decidida. Por reacção, ele acabará assim por criar uma espécie de solidão segunda que de qualquer forma lhe será indispensável para que ele se torne, à custa de muito trabalho, silenciosa e ciosamente único. Ele aprofundará tanto essa reserva e isolamento pessoal que acabará por se distanciar de si mesmo e da sua obra passada. Obra que tenha saído das suas mãos apetecer-lhe-á sempre destruí-la ou voltar a laborá-la.» (P. Valéry, in **Degas danse dessein,** Idées-Art, Gallimard).

A DANÇA

A Dança é a arte dos movimentos do homem: dos movimentos voluntários. Mallarmé costumava dizer que a bailarina não é uma mulher que dança: primeiro porque não é uma mulher, depois porque não dança.

Paul Valéry

soneto

Tudo o que o termo prestigioso de pantomina nos transmite e aquilo que a expressão ágil e falaciosa do ballet comunica àqueles que transpõem o mistério dos movimentos de um corpo silencioso e eloquente, ou que insistem em querer ver nesse corpo (quase um arlequim) de mulher severo e maquilhado, ou imperável (que constantemente nos foge e escapa), os traços fugidios em que se reflecte a sua efémera alma – traços aí mais vivos do que na página de qualquer livro, admirável –, tudo isso a bailarina o possui mesmo os fartos contornos de uma graciosidade experimentada – tal uma Atalante que a corrida estafa...). Serena tradição, aos impacientes incomunicável. Em qualquer recanto de um bosque a Vossa arte imemorial enfim nos aguarda – e mal me assalta a dúvida, ou um passo parece esquecido, é a Vós que recorro para que, como a um velho fauno, pela orelha para o gáudio me arrastem...

(tradução de Fernando Guerreiro)

DEAMBULAÇÕES DE CAT' E GAT'

A TRIBO

CERTA vez, **Cat'** e **Gat'** viram-se perdidos na savana e tiveram de pedir abrigo à tribo dos Bantschwanas, que era de gente guerreira.

– De acordo – disse-lhes o chefe – a tribo dos Batschwanas é conhecida entre todos os povos do mundo pela sua hospitalidade. Fiquem, em boa hora. Mas recolham-se cedo, que esta noite reúne o conselho dos anciãos.

E cederam-lhes uma choupana feita de ramos, não longe da grande árvore sagrada. **Cat'** e **Gat'** não conseguiram dormir, muito assediados de mosquitos, e por entre as frestas da palhoça ouviram durante toda a noite a reunião dos do conselho.

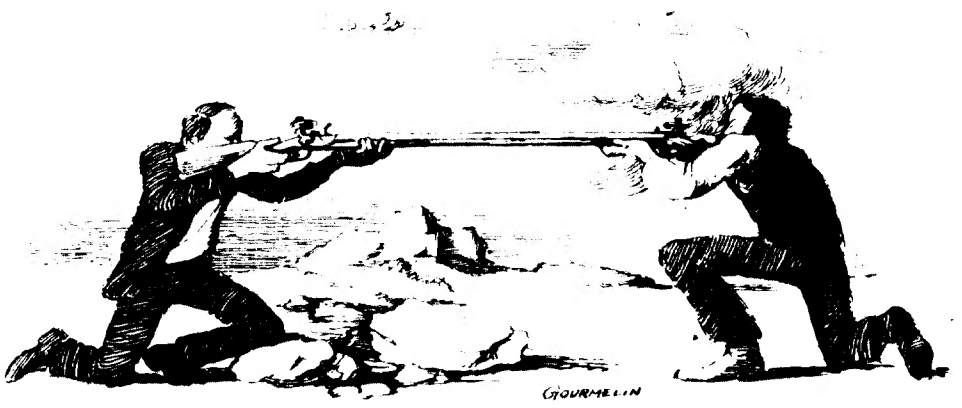
Os velhos demoraram longo tempo, numa meditação surda. Depois o chefe deu três pancadas num tronco oco, invocou os deuses, e começou:

– É sabido que os feitos dos Bantschwanas na guerra contra os soldados brancos causaram a maior admiração entre todos os povos. Apesar de terem sido expulsos para este ermo, pela superioridade das armas, pela perfídia e pela traição, e por certa malquerença dos deuses, os guerreiros Bantschwanas, fossem eles do clã do lobo, do leopardo, ou do urso, comportaram-se de forma a merecerem o respeito de todos os brancos. Vêm agora os soldados de novo ameaçar e pretendem que os Bantschwanas se retirem para lá do vale, onde tudo é secura, miséria e desolação...

– Bem falas, ó chefe – continuou um velho –. Quando o guerreiro Myutsvá do clã do lobo lançava ao vento a areia divina e soltava o seu grito de guerra, todos os brancos estremeciam e pensavam para consigo: «eis um grande homem.»

– Sim, razão de ufania é para os Bantschwanas o prestígio que lhes assiste entre todos. Quando o guerreiro Mirassa, do clã do lobo, recitou durante duas luas, sem se enganar uma única vez, os nomes de todos os animais da savana, dos mais pequenos aos maiores, levantou-se por esse mundo um clamor, e todos disseram, principalmente os brancos: «não há guerreiro igual.»

– E quando soube do feito do guerreiro Asdini, do clã do leopardo, que durante o combate tocou com o dedo em três inimigos, arrancou o quépi a um quarto, bradou a um outro



Continua na pág. 4

NOURISSIER E O «DIÁRIO ÍNTIMO»

Sucumbir como um adolescente ao prazer solitário

«Parar de fumar? Nada de mais fácil. A prova: eu, que estou aqui a falar convosco, já parei vinte vezes!». É assim que poderiam ser evocadas as minhas relações com o Diário Íntimo. E tive algum? Sim por vinte vezes. Comigo, é uma fome depressa satisfeita, mas sempre renascente. Obcecado pela autobiografia – Montaigne, Rousseau, Leiris: a minha trindade –, como poderia eu não ter andado às voltas com um diário? Tive-o, muito cedo, por volta dos meus 15 anos, considerando-o como um **treino:** à literatura e à sua partejadora, a confidência.

Tive-o, adolescente, como um desportista faz musculação enquanto espera a prova do torneio. Diário-ginástica, preparatório do «Livro-match». Um futuro escritor vive de caneta na mão. Desde então, como escapar ao Diário? Sucumbe-se ao Diário como, à noite, os adolescentes cedem ao prazer solitário. Para continuar completamente puro nesse aspecto, seria necessário atravessar os seus sonhos literários «com as mãos por cima dos lençóis». Não existe director espiritual para dar este excelente conselho aos aprendizes de literato. De uma maneira geral, a criação parece-me que esgota a fonte do Diário. Deixei de escrever regularmente o meu a partir do dia em que o meu prmeiro livro foi publicado. E de cada vez que a tentação «diarista» voltou a manifestar-se – com passagem ao acto –, foi em período águas baixas literárias, entre dois livros (e como é difícil, então, distinguir entre o que pertence verdadeiramente ao Diário e o qeu significa de simples trabalho preparatório: notas, «croquis», perfis rapidamente esboçados, reencontro de palavras fixadas ao acaso, etc.).

Desenho de Bérénice Cleeve

Uma outra razão para me poupar, com a maior frequência, à redacção regular de um Diário é a da minha mão, que se enfada com a tarefa. O esforço de escrever o meu Diário esgota-me, exaspera-me. A minha letra debanda, o meu pensamento dilui-se. Já não reconheço a letra dos meus Diários antigos, de tal forma ela está atamancada, lábil, nervosa. E quando porventura, eu me «meto» no Diário, renuncio à procura das palavras; nada de rendilhados! Quero acabar com aquilo o mais depressa possível (iniciais, abreviaturas: dir-se-ia um estudante negligente a tomar as suas notas em estilo de maria-vai-com-as-outras).

Excepto algumas excepções, jamais posso conceber um Diário que **sirva** a obra que há-de vir. Não gosto da ideia de um Diário-hangar para armazenar os materiais literários, nem de um Diário-laboratório para ensaiar combinações de pensamentos ou de frases. O verdadeiro «diarista» não escreve nada mais: tem o seu diário em tão alta estima que se lhe consagra exclusivamente, como a um género por si só.

Quanto a um diário-íntimo-concebido-para-ser-pu-blicado-um-dia (Gide, Green), a ideia é-me inconcebível. É confundir o segredo com a encenação; fender a sombra calculando a organização da luz. O Diário justifica-se se destruir as comédias onde se entrega, pelo contrário, com a frenética inconsciência do clandestino: duas atitudes que se não podem **medir** sem trapaça.

Muitas vezes, o Diário serve para fixar uma emoção vaga, profusa, por vezes soprada, e quando se relê o que foi escrito não se encontra, geralmente, nada mais que vazio... Resta considerar os casos em que o acontecimento ou o sentimento registado é tão forte que imprime a sua marca e sobrevive ao impulso do instante. Diário-frigorífico. Distingo mal o interesse desta hipótese. O que, por experiência vivida, deve ressurgir na obra, não poderá – e não valerá – senão pelo preço de uma metamorfose que apenas provoca o aparente esquecimento.

O **verdadeiro** texto (e o Diário, quando não é por si só a obra, não é verdadeiro **texto),** passa pelo (ilusão de) esquecimento, depois por uma recreação. O importante não deve ser «notado». Isto porque me repugna profundamente a burocracia do diário: força perdida e risco de alterar, de corromper o que ganhará em fugir provisoriamente para o «esquecimento», ou seja na memória.

Tentar-me-ia cada vez mais arquivar segredos, com um grande luxo de nomes, datas, provas e outras inexplicáveis incongruências. Mas então a única publicação possível seria a póstuma, quer dizer, abandonada à discrição dos herdeiros e outros que tenham direito. É como imaginar a ressurreição dos mortos! Sem falar da tristeza de já lá não estar para administrar a explosão. Não há aventura literária além daquela vivida pelo escritor. O resto ultrapassa os poderes de imaginação gulosa e realista.

François Nourissier

TEU ROSTO DE COELHO

Pedro Alvim

Pômulos do teu rosto
preparam, patas, o salto
– o salto que sai da erva
directo à lura vazia
vazia do coração

Pômulos do teu rosto
preparam, patas, o salto
– o salto que sai do pó
directo à lura vazia
vazia das sobrancelhas

Pômulos do teu
preparam, patas
– o salto que sa
directo à lura va
vazia das minh

Patas, pômulos,
salto que vem d
do calcanhar, d
patas, pômulos,
do teu rosto de

A MORTE

Silva Carvalho

Morte ou prestável aviso: corpo desce ao coração, a síncope, o suor. Nunca o medo transformou tanto a perspectiva. Animal acoçado detenho nulo o poder de respirar e temer cada minuto seguinte. Dessinto a terra, não voo, olho aflito o redor, o braço da mulher que aperta até ao limite. Quantos mais segundos vendo, a rua, aqueles que passam atónitos e indiferentes, é isto morrer? Desaparecem todas as ilusões, todos os sentimentos, todas as teorias, todas as preocupações: é isto morrer? O peito opresso, a imponderabilidade física, o suor frio fio de faca. Ficou o corte, passados alguns dias escrevo. Agora. Passo horas pela primeira vez olhando. Quero tudo ver, pressentir quanto pertenço ao mundo das coisas, à natureza – essa árvore da vizinhança maltratada –, à terra. Engano. A busca não se traduz por um hipotético gozo, só amargura, pena, mágoa. Nem falar com a filha, a apoteose da família humana, dá segurança. Sou único. Vou solitário pelos caminhos do desgaste, independente das raízes apetecidas e mordazes. Acabarei sozinho. Preso numa armadilha de mim mesmo corpo e consciência, às vezes penso, suspeito, declino o suicídio. Não é possível! Amo, repetidamente expresso em livros que ficarão, amo a vida, a confusão de tudo no doloroso devir do nada. Mas fora da ficção, qual a lei? Em que passo maltrato o prazer de viver? Sei que a sociedade plural não dá ânimo nem coragem. Que importa? – suplico. Disse tantas vezes a vez última, nunca será a mesma, a verdadeira. Essa paira, pacífica dosagem do destino, na tangência dos eixos estelares. Acredito.

Mas a vontade é magra. Nem quero saber de quê ou porquê! A escrita avilta, nunca o disseram, digo-o eu. Porque desesperadamente salva. Salta os obstáculos reais, infringe aos dódigos da norma, a Morte –, o riso tempestuoso de quem sofre e batalha. Mas não interessa. Hoje, como sabido historiador, vim dizer os percalços da carne, os anos da desesperança. É necessário guardar um diário das convulsões interiores, dos cataclismos anímicos,

dos sobressaltos inefáveis. Não já como memória, mas como manifestação de tão estranho dever. De ver que a vida passa, corrói os laços apodíticos, transforma o sopro em arritmia de nervos. Dessa passagem, quero dizer, da descida que vem do espiríto à terra, falo. Uns chamam-lhe morte, outros, apenas sossego. Sobra, inesperado e frio, o corpo: Eu.

DEAMBULAÇÕES DE CAT' E GAT'

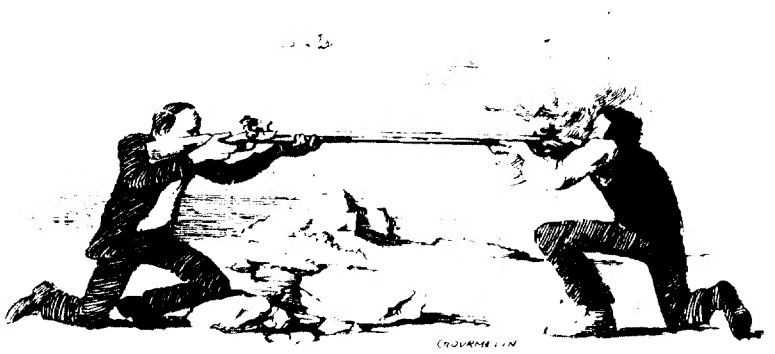
Continuação da pág. 1

que o alvejava: «és uma mulher velha», o próprio major Schnakhaut, chefe dos brancos de uniforme, soube reconhecer: «odeio-vos por serdes meus inimigos, mas, em verdade, admito que sois os melhores guerreiros sobre a face da terra.»

– Assim deliberemos que se mande uma embaixada ao branco, tendo à frente o valente Myrioss que , se desfez, queimando-as, de quatro peles de leopardo, domesticou quatro chacais na sua cerca, e é capaz de se transformar em pantera, nas noites negras. Como pode o chefe dos brancos pretender fazer a guerra, quando se lhe apresenta um homem como este? Como pode dirigir-lhe o olhar sem estremecer?

A resolução foi aprovada, tendo cada um dos velhos, em assentimento, depositado o seu bastão junto à fogueira.

Finda a reunião, **Cat'** e



Gat' mantiveram-se muito tempo calados, mas sem dormir. Olhavam para cima, absortos Até que **Cat** perguntou:

– Ouve! O major Schnakhaut não era o comandante daquela coluna militar que encontrámos ontem?

– Era – disse **Gat'.**

– Aquele que disse: «Temos de correr com aqueles ranhosos dos pretos para o deserto. que estão a ocupar muito espaço?»

– Foi – disse **Gat'.**

Suspende-se o olhar antes a negro um paraíso perdido

André Beauchamp, Greek Dance in a Landscape (1937)

Carlos Leite

«Depois de atravessado a vau numa curva arenosa, começámos a subir a pequena colina que obrigara o riacho a fazer a curva. A boa disposição da primeira hora de marcha mantinha-se, estimulada agora pelo calor que começava a fazer-se sentir. Caminhávamos dispersos num leque de uns dez metros, abrindo caminho facilmente por entre as carvalhas, a urze, o tojo. O céu era azul, não havia nuvens. Quando parávamos e olhávamos a distância, o ar quente vibrava, ouvia-se o silêncio.

Falávamos uns com os outros, ríamos. Sentir os picos dos tojos desviarem-se à passagem com um ruído de selva a abrir-se era bom, um gosto. A natureza acamava-se para que lhe marchássemos em cima, seguíamos as suas inclinações. Caminhávamos em frente, éramos jovens, éramos vigorosos e ligeiros de corpo e espírito. Um caminho húmido levar-nos-ia até uma estrada alcatroada e depois outro, saibroso, entre muros, deixar-nos-ia ao portão de ferro forjado do nosso destino. Batemos. Abriu quem esperávamos, não nos tínhamos enganado. Foi-nos dito que os outros ainda não tinham chegado, éramos os primeiros».

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Alphonse Boudard fala do seu «Diário»

ALPHONSE BOUDARD:

As minhas obras são, de certo modo, um diário íntimo; portanto, isso dispensa-me de ter outro. O meu diário íntimo está na minha memória e, até agora, ela tem sido de uma solidez de rocheda.

Desde 1959 que mantenho episodicamente uma espécie de diário íntimo em cadernos que servem para tudo. Essa mania tem-me preso. Aponto ideias para filmes, para peças de teatro, para romances que certamente nunca virei a escrever. Apanho frases nas minhas leituras... citações... Umas vezes é muito a sério, mas o mais frequente é pretender apenas divertir-me com a caneta. Também cultivo todos os tipos de jogos de palavras, de trocadilhos, de brincadeiras verbais. O simples prazer de escrever.

Claro que nada disso se destina a ser publicado. Serve-me só para depois reflectir. Uma vez por outra folheio esses caderninhos de escola e encontro uma brincadeira, um pedacinho de diálogo... uma metáfora que me serve para um livro ou para um argumento de filme. Raramente, devo dizer, pois ando **mais ao sabor da inspiração de momento, com a pena a acorrer no papel e a alimentar-se dos meus súbitos achados. O meu natural vem a galope, não tenho vontade de o afastar... não tenho a certeza de ele voltar depois.**

Mas ao rebuscar na papelada velha, encontrei umas páginas escritas em 1961 quando estive no Hospital Marie-Lannelongue. Tinham-me feito uma operação ao tórax. Eis as minhas páginas dessa época, que merecem certamente chamar-se Diário íntimo.

Luta com a dor

9 de Novembro de 1961.

Uma semana. Uf! Mas não tarda que volte à mesa de bilhar para o segundo tempo da intervenção. Mais duas costelas... ao todo, seis.

Uma luta constante com a dor. Não queria gemer nem queixar-me e fechei a boca. Não reclamei nada. Aguentei, ergui-me, andei. A partir do terceiro dia, já me pude arranjar... barbear-me, comer sentado... Ida e volta para a casa de banho. O máximo. Os segundo e terceiro dias foram muito duros. O tórax parecia-me apertado num torno... Sentia coisas a rasgar, a queimar, a arrancar, a respiração cortada... Nenhuma posição dava alívio. Depois de retirados os drenos, houve um ligeiro sossego... já posso erguer-me sem sentir tantas dores... mexer o braço sem que toda a caixa se desmantele.

Noites intermináveis... a dor aperta... dir-se-ia que nunca mais acabará. De manhã, estou encharcado em suor. É uma luta para qualquer gesto... para mijar, para cuspir, para respirar.

O orgulho está salvo... tenho a impressão de ter-me saído bem deste primeiro assalto. Aguentei. Escrevo com alguma dificuldade, mas escrevo. Esta manhã escrevi uma carta. O braço está sólido. Ao andar, conservo-me direito. O essencial é que não dei parte de fraco.

Subi para a sala de operações a discutir com uma enfermeira de cabeça de rato (tem o mesmo nariz e os mesmos olhos da tia Etienne, a porteira da rua Philibert).

Foi uma discussão salutar. Para minha fúria, a perspectiva da fábrica de chouriços esbatia-se pouco a pouco.

Espera de um quarto de hora na sala de anestesia. Calma. Estava com uma certa curiosidade pelo desenrolar dos acontecimentos. Envolvido num lençol, claro, que me fazia pensar numa mortalha. Mas a ideia divertia-me. Um humor macabro. Nenhuma noção de Deus. Nenhuma preocupação religiosa. Uma ausência. Fatalista. Antes, nada... depois, nada.

O meu sofrimento só a mim serve. Para me vencer. O resto! Outros sofrem mais do que eu. Passarei mais este cabo à custa de esforço.

11 de Nobembro.

Leitura. À memória de um homem, **de Marie Le Hardouin. Um livro sobre Caryl Chessman. Página 150.**

«A sociedade limita a sua acção moral sobre o delinquente a tentar fazê-lo conforme ao maior número possível de indivíduos».

Exacto. A minha passagem pelo Centro Nacional de Orientação de Fresnes mostrou-me isso com uma evidência luminosa. Especialmente a minha conversa, no fim do estágio, com o educador. Mas não se deve esquecer, mesmo assim, que o C.N.O. é um progresso.

A obra de arte para sair da humilhação... talvez.

12 de Novembro.

Hospital. Aqui, é o mínimo. O máximo, Nicêtre, 1952.

Estes pequenos nadas que nos fazem a vida difícil. Medição da temperatura às 6 horas. A partir desse momento já não há meio de dormir, pois o café é distribuído às 8. Em frente dos olhos, temos uma lâmpada de néon... para pegar no mais pequeno objecto, é preciso portanto empurrar a cama... quem não tiver força para isso terá de esperar pela boa vontade da empregada de serviço. Etc.

Duas espécies de vigilantes-chefes na A.P... A solteirona velha, seca e azeda, e a matrona à Dubout. A minha enfermeira de cabeça de rato bem arranjada é uma malvada que até vem todos os dias com meia hora de avanço. Para ela, o doente é um objecto que se sacode..., um tapete, um marido senil, um cão encontrado na rua. Só lhe fala com voz desagradável. Todas as oportunidades lhe servem para tiranizar o infeliz que lhe caiu nas mãos. E, quando passa o médico-chefe, é toda mel, toda simplicidade.

O modelo existe em todos os hospitais...

ALPHONSE BOUDARD

A arte ingénua no Estoril

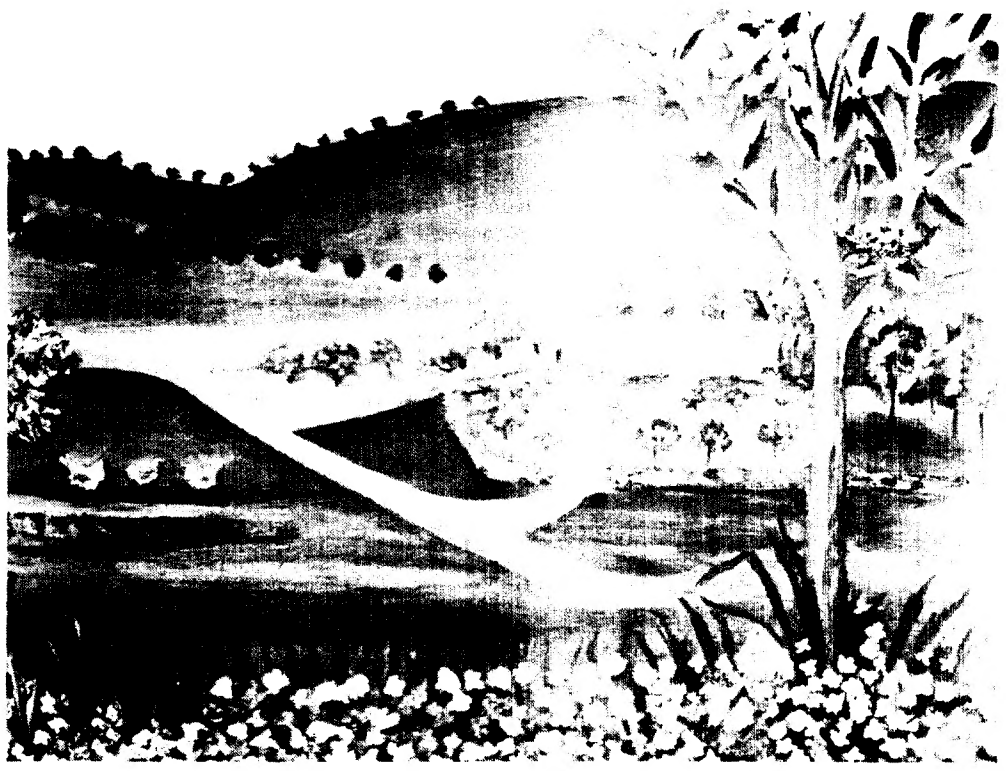
No âmbito da programação da Galeria de Arte do Casino Estoril e com inauguração prevista para o dia 24 de Agosto próximo será realizado um «Salão Ibérico de Pintura Naif». Este certame cuja participação é aberta a todos os artistas plásticos portugueses que se dedicam àquele tipo de Arte, registará a presença de 16 pintores naifes espanhóis.

Este facto condiciona a selecção das obras portuguesas a expor, uma vez que se pretende reunir peças cuja qualidade suporte o confronto com os artistas do país vizinho. Assim, cada interessado em participar nesta exposição de pintura ingénua deverá proceder à entrega de trabalhos (em número máximo de três) na Galeria de Arte do Casino Estoril, até 10 de Agosto próximo.

A organização do «II Salão Ibérico de Pintura Naif», reserva-se o direito de seleccionar as obras apresentadas que deverão ser acompanhadas por um «curriculum» de cerca de 6 linhas e devidamente identificadas.

Os autores deverão ainda indicar os títulos, dimensões e preços das peças concorrentes bem como apresentar os seus trabalhos devidamente emoldurados.

No ano passado foi possível reunir no salão de pintores naifes 16 artistas portugueses e 16 espanhóis. É preocupação da Galeria do Casino ampliar o número de artistas portugueses participantes nessa colectiva, convidando-se por este meio todos os pintores cujas obras se enquadrem na modalidade «naif» a participar nesta exposição, devendo aqueles que o pretenderem fazer dirigir-se, com a maior brevidade à Direcção de Manifestações Culturais do Casino Estoril.



Silvana, revelação do Salão, uma descoberta de Mário de Oliveira

A última noite de Georg Trakl no Hospital Militar de Cracóvia

Todos esperam o seu fim num passo de dilúvio.
Tomavam-lhe o pulso não já do corpo mas do futuro cortado a fogo
pelas sombras da boca. Deflagrava seco nas janelas um capitoso som
de trevas abertas e relâmpagos hirtos em cabeças
tombadas na curva ascensional dos meses.

Havia um quarto recolhido na terra para si
e voava alto como um navio inatingível
sobre um mar de gelos desfeitos num momento de flores decapitadas entre silvos,
mas o tempo ignorava os teus barcos soltos, Georg,
levantava fúrias onde a tua imagem lentamente
se entregava à deriva
e apenas um bicho te serviu: a loucura, o vago
abismo do chão que se percorre noite e dia entre o sangue
escorrendo pelo sonho tão necessário aí.

Quem não soube morrer não ousou cantar contra o reino dos ventos
não pisou no escuro a estrada de aridez,
a concha do medo em que não entrou.

Vivias ainda nesse lençol que desenhou sobre o teu corpo
a mancha viva duma gaivota;
todos esperavam nessa roda de canções serenas
na última trincheira o esbelto morto, percorrendo
imperturbável as fronteiras da íntima prisão.

Nos confusos canhões os seus dias imensos estalaram
em cada segundo sofrido quando falava dos nomes à beira do Outono,
das mortas coisas, essas galeras tristes que o rosto afundava
dentro de cada hora possuída na côdea do silêncio.

Se não sofrer, não entra mais ninguém por esses túneis
onde crescem seus dedos os seus deuses
no limiar de partir nem triste nem saudoso.
No derradeiro instante olhavam-no inseguros
sem saber o que viam: se os olhos salitrosos que a insónia desgastara
ou as mãos enegrecidas como pedras de aflição;
e alguém desabafou entre assombradas fontes:
«que pode um homem fazer se anda dentro da noite,
removendo da morte as águas mais soturnas?»

JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS